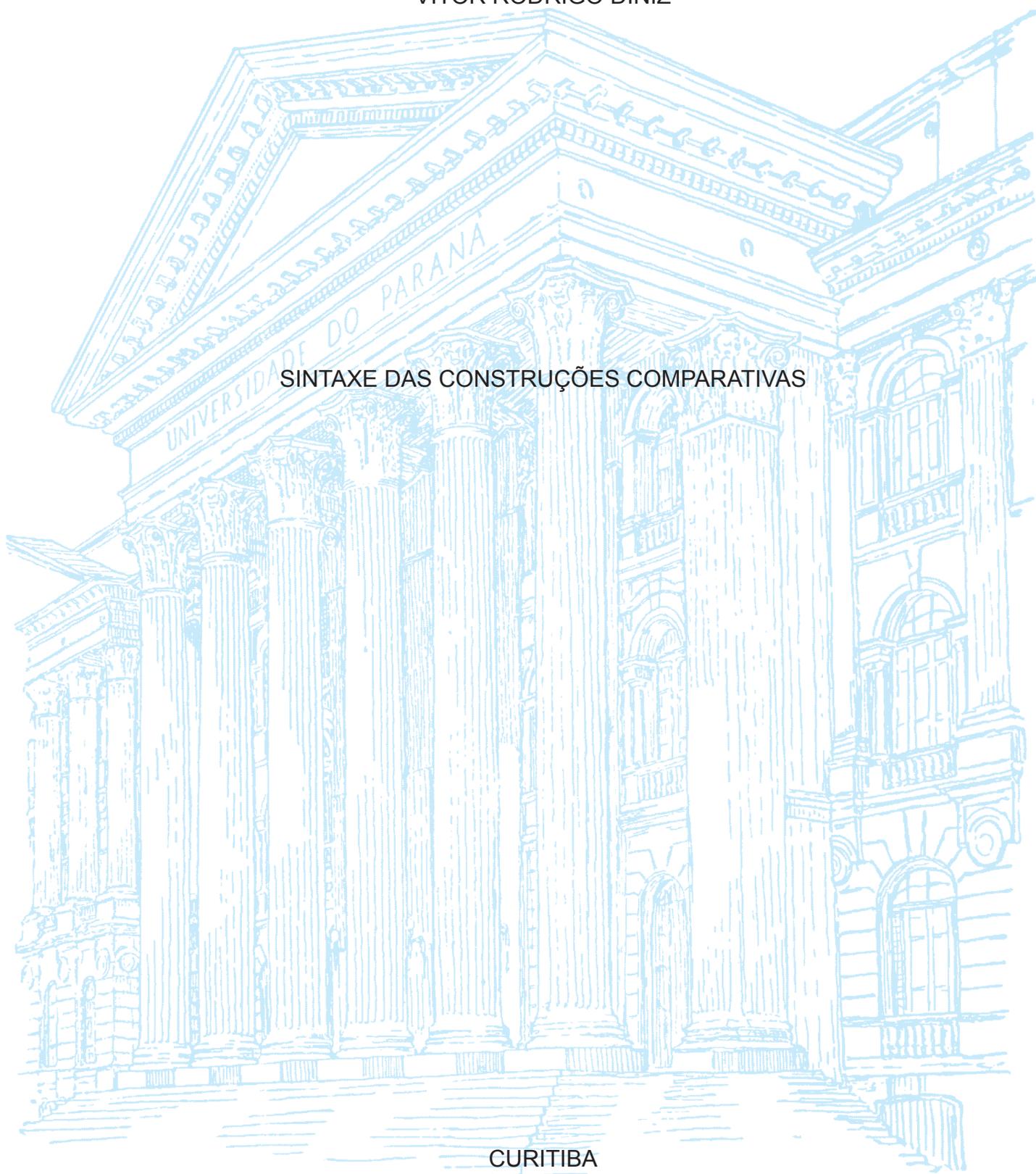


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VITOR RODRIGO DINIZ

SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS



CURITIBA

2024

VITOR RODRIGO DINIZ

SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diniz, Vitor Rodrigo

Sintaxe das construções comparativas. / Vitor Rodrigo Diniz. –
Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria José Gnalta Dalcuhe Foltran.

1. Língua portuguesa - Sintaxe. 2. Língua portuguesa -
Comparação. 3. Língua portuguesa – Orações subordinadas.
I. Foltran, Maria José, 1954-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **VITOR RODRIGO DINIZ** intitulada: **SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS**, sob orientação da Profa. Dra. MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

27/08/2024 09:11:43.0

MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

29/08/2024 14:44:39.0

LUISANDRO MENDES DE SOUZA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/08/2024 10:04:47.0

THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

29/08/2024 19:29:50.0

MARCOS BARBOSA CARREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor e carinho incondicionais, por respeitarem minha autonomia e minhas decisões, pelo incentivo e apoio que sempre me deram aos estudos.

Ao José Guzmán, pelo companheirismo, paciência e generosidade em me ouvir falar tantas vezes sobre o meu trabalho, pelas palavras reconfortantes e pelo acolhimento nos momentos de dificuldade (e foram muitos!), em que as ideias pareciam não querer tomar a forma das palavras.

Aos meus amigos da Biblioteca de Educação Profissional e Tecnológica da UFPR, pela colaboração e curiosidade, que me instigaram, de uma maneira ou de outra, acerca do meu tema de pesquisa.

À minha professora orientadora Mazé, que desde a graduação compartilha suas ideias e incentiva a descoberta de novos saberes. Obrigado pelo tempo disponibilizado em encontros e conversas motivadoras. Obrigado pela confiança depositada em mim!

À professora Patrícia Rodrigues, que em uma disciplina de sintaxe no mestrado me introduziu ao mundo das construções comparativas, ao qual exploro há algum tempo.

À banca de qualificação, o professor Luisandro de Souza e a professora Patrícia Rodrigues, pela leitura acurada, indicação de leituras, sugestões e comentários valiosos que guiaram este trabalho para a sua versão final.

À banca de defesa, o professor Luisandro de Souza, a professora Thais Deschamps e o professor Marcos Carreira, por terem gentilmente aceito o convite para participar da banca de defesa. Agradeço pelo tempo que disponibilizaram e, sobretudo, pela contribuição em inúmeras questões, sugestões e comentários pertinentes e enriquecedores.

Aos demais docentes do curso de Letras da UFPR, pelo papel que tiveram na minha formação acadêmica. Muitíssimo obrigado!

“As frases formam-se
para exprimir o pensamento dos homens,
e a boa ordem das palavras na frase
ajuda a expressão do pensamento.”

Monteiro Lobato

RESUMO

Esta tese investiga a sintaxe das construções comparativas nas línguas naturais, com foco especial no português brasileiro (PB). A proposta é descrever e analisar seus comportamentos sintáticos, identificar suas especificidades e propriedades, e indicar suas possíveis representações sintáticas. Foi destacado que a sintaxe das comparativas envolve tanto estruturas de coordenação quanto de subordinação. Em certos casos, o segundo membro da comparação está coordenado com o material que imediatamente o antecede, enquanto em outros casos está subordinado a ele. Critérios sintáticos foram utilizados para distinguir essas estruturas e aplicados aos três tipos de construções comparativas identificados: tipo I, tipo II e tipo III. A investigação revelou que a (im)possibilidade de anteposição do segundo membro da comparação está relacionada à estrutura da construção comparativa. Constatou-se que as construções comparativas do tipo I são estruturas coordenadas e, portanto, não permitem a anteposição; as comparativas do tipo II são estruturas subordinadas que podem permitir a anteposição; e as do tipo III são estruturas subordinadas que não permitem a anteposição. Assim, a análise demonstrou que as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, enquanto as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação. Uma das principais contribuições deste trabalho foi a organização das construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (estruturas coordenadas), ii) comparativas tipo II (estruturas subordinadas complemento de Deg' ou Q'), e iii) comparativas tipo III (subordinadas adjunto de DegP ou QP). Além disso, foram analisadas as estruturas sintáticas das construções comparativas e a relação de adjacência entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação, verificando as vantagens e desvantagens das análises quando o segundo membro da comparação é adjacente ou não ao quantificador comparativo.

Palavras-chave: construções comparativas; comparação; sintaxe; coordenação; subordinação.

ABSTRACT

This dissertation investigates the syntax of comparative constructions in natural languages, with a special focus on Brazilian Portuguese (BP). The proposal is to describe and analyze their syntactic behaviors, identify their specificities and properties, and indicate their possible syntactic representations. It was highlighted that the syntax of comparatives involves both coordination and subordination structures. In certain cases, the second member of the comparison is coordinated with the material that immediately precedes it, while in other cases it is subordinate to it. Syntactic criteria were used to distinguish these structures and applied to the three types of comparative constructions identified: type I, type II and type III. The investigation revealed that the (im)possibility of movement of the second member of the comparison is related to the structure of the comparative construction. It was found that type I comparative constructions are coordinated structures and, therefore, do not allow movement; type II comparatives are subordinate structures that can allow movement; and type III are subordinate structures that do not allow movement. Thus, the analysis demonstrated that type I comparatives are coordination structures, while type II and type III comparatives are subordination structures. One of the main contributions of this work was the organization of comparative constructions into three groups: i) type I comparatives (coordinated structures), ii) type II comparatives (subordinate structures, complement of Deg' or Q'), and iii) type III comparatives (subordinate structures, adjunct of DegP or QP). Furthermore, the syntactic structures of the comparative constructions and the adjacency relationship between the comparative quantifier and the second member of the comparison were analyzed, verifying the advantages and disadvantages of the analysis when the second member of the comparison is adjacent or not to the comparative quantifier.

Keywords: comparative constructions; comparison; syntax; coordination; subordination.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tipos de construções comparativas.....	48
Quadro 2	Critérios sintáticos que distinguem estruturas de subordinação e estruturas de coordenação.....	60
Quadro 3	Critérios sintáticos que distinguem as estruturas das construções comparativas.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
AP	Adjective Phrase ou Sintagma Adjetival
Cond	Condicional
CP	Complementizer Phrase ou Sintagma Complementizador
Deg	Categoria Funcional de Grau (Degree)
Dem	Demonstrativo
DegP	Degree Phrase ou Sintagma de Grau
DP	Determiner Phrase ou Sintagma Determinante
Int	Interrogativo
IP	Inflection Phrase ou Sintagma Flexional/de Flexão
N	Nome
NP	Noun Phrase ou Sintagma Nominal
NUM	Número
O	Oração
P	Preposição
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Prepositional Phrase ou Sintagma Preposicional
Pref	Prefixo
QP	Quantifier Phrase ou Sintagma Quantificacional
Quant	Quantidade/Quantificador
Rel	Relativo
S	Sentença
Spec	Especificador
TP	Tense Phrase ou Sintagma de Tempo
V	Verbo
VP	Verb Phrase ou Sintagma Verbal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	QUESTÕES PRELIMINARES.....	14
1.2	ESTRUTURA DA TESE.....	18
2	CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS.....	21
2.1	DELIMITANDO AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS (DE GRAU)	22
2.1.1	Definindo alguns conceitos.....	22
2.1.2	<i>Quanto e como</i>	28
2.1.3	Quantificadores.....	29
2.1.4	Quantificação de grau e escala/domínio de quantificação.....	32
2.1.5	Natureza categorial das palavras que identificam um domínio de quantificação.....	34
2.1.6	Subapagamento comparativo e apagamento comparativo.....	36
2.2	COMPARATIVAS DE GRAU AMBÍGUAS, COMPARATIVAS METALINGUÍSTICAS, COMPARATIVAS DE ALTERIDADE E CONSTRUÇÕES APARENTADAS.....	38
2.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	42
3	ASPECTOS SINTÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS.....	44
3.1	O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL.....	45
3.2	SUBORDINAÇÃO E COORDENAÇÃO.....	49
3.2.1	(Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica.....	52
3.2.2	Restrição da estrutura coordenada.....	54
3.2.3	(Im)possibilidade de clivagem.....	55
3.2.4	(Im)possibilidade de anteposição.....	56
3.2.5	(Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática.....	57
3.2.6	(Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas.....	58
3.2.7	(Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.....	59

3.3	COMPARATIVAS COORDENADAS E COMPARATIVAS SUBORDINADAS.....	60
3.3.1	(Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica.....	62
3.3.2	Restrição da estrutura coordenada.....	63
3.3.3	(Im)possibilidade de clivagem.....	64
3.3.4	(Im)possibilidade de anteposição.....	65
3.3.5	(Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática.....	66
3.3.6	(Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas.....	68
3.3.7	(Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.....	69
3.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	71
4	ESTRUTURAS SINTÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS.....	74
4.1	ESTRUTURAS DA CABEÇA COMPARATIVA.....	75
4.1.1	Cabeça das comparativas de igualdade.....	76
4.1.2	Cabeça das comparativas de desigualdade.....	78
4.2	ESTRUTURAS DO SEGUNDO MEMBRO DA COMPARAÇÃO...80	
4.2.1	Análise morfossintática dos conectores de comparação em português.....	81
4.2.2	Segundo membro das comparativas canônicas	84
4.2.3	Segundo membro das comparativas relativas.....	87
4.3	ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO I.....	89
4.3.1	Conectores de comparação.....	89
4.3.2	Estrutura: coordenada.....	91
4.4	ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO II.....	95
4.4.1	Conectores de comparação.....	95
4.4.2	Possibilidade de anteposição.....	101
4.4.3	Estrutura: subordinada (complemento de Deg' ou Q').....	102
4.5	ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO III.....	107
4.5.1	Conectores de comparação.....	107
4.5.2	Impossibilidade de anteposição.....	109
4.5.3	Estrutura: subordinada (adjunto de DegP ou QP).....	110

4.6	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS.....	125

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintático das construções comparativas de grau, como em (1), apontando diversos aspectos semelhantes dessas estruturas em português brasileiro (doravante PB), quando confrontado com outras línguas, como o italiano, o espanhol e o inglês, mas também detectando eventuais especificidades em PB. De um ponto de vista descritivo e analítico, tanto quanto me é dado saber, ainda não existe um estudo sintático sistemático sobre essas construções com incidência no PB.

- (1)
- a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.
 - b. A Luísa falou mais com o Pedro do que com o Paulo.
 - c. O Pedro canta tão bem quanto o Paulo.
 - d. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.
 - e. O temporal chegou mais depressa do que se esperava.
 - f. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.

1.1 QUESTÕES PRELIMINARES

No quadro dos estudos gerativos, há autores que discutem principalmente se as construções comparativas são complementos da categoria funcional Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988a, 1988b; Corver, 1990, 1997; Izvorski, 1995; Kennedy, 1997; Lechner, 1999, 2004; entre outros), se se relacionam a construções relativas (cf. Donati, 1997; Marques, 2003; entre outros) ou se as construções comparativas, na sua totalidade ou parcialidade, são estruturas coordenadas (cf. Hankamer, 1973a, 1973b; Napoli, 1983; Napoli; Nespó, 1986; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos; Brito, 2002, 2003; entre outros).

Este trabalho busca discutir, entre outras questões, quais são os aspectos sintáticos das construções comparativas, quais papéis podem desempenhar os seus conectores e os seus elementos. Dessa maneira, este trabalho procura discorrer sobre as generalizações que podem ser feitas acerca dessas estruturas,

investigando os tipos de relações que os seus elementos podem estabelecer e tentando apontar, na medida do possível, qual análise proposta é a mais apropriada para dar conta das propriedades morfossintáticas dessas construções, contribuindo eventualmente para a clarificação do estatuto sintático delas.

Existem várias questões que surgem sobre a relação entre os quantificadores comparativos (*mais, menos, tão/tanto(a,os,as)*) e o segundo membro da comparação, introduzido por um “conector comparativo” (*(do) que* ou *quanto*). Na maioria das análises, assume-se que este é um dos elementos obrigatórios da construção comparativa, conferindo-lhe o estatuto de complemento selecionado pelo quantificador. No entanto, a forma como essa seleção é feita é controversa em dois aspectos pelo menos.

O primeiro diz respeito à configuração estrutural sob a qual a seleção é feita. Foram propostas diferentes análises que têm em comum o fato de o segundo membro da comparação ser considerado um complemento selecionado pelo quantificador comparativo. Diferem, porém, no modo como tal adjacência se encaixa em relação aos demais elementos da construção comparativa. Especificamente, as análises diferem em considerar se o segundo membro da comparação é adjacente ou não ao quantificador comparativo que o seleciona como complemento, o que tem consequências na forma de explicar a ordem das palavras resultante.

O segundo aspecto tem a ver com a seleção categorial entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação. Este aspecto, menos explorado que o anterior, tem, no entanto, consequências importantes para a caracterização da construção comparativa no seu conjunto. A cabeça comparativa (grupo constituído pelo quantificador comparativo e um elemento tal como adjetivo, advérbio, verbo ou substantivo) e o segundo membro da comparação formam um constituinte semântico e, de acordo com as propostas mais recentes, também um constituinte sintático. E é principalmente sobre este aspecto que esta tese vai procurar discorrer.

Tanto os itens da cabeça comparativa quanto os do segundo membro da comparação apresentam relações complexas de seleção e modificação, seja do ponto de vista semântico ou sintático. De acordo com a maioria das análises propostas (cf. Cresswell, 1976; von Stechow, 1984; Heim, 1985, 2000), os quantificadores comparativos *mais/menos/tão/tanto(a,os,as)* formam uma unidade

semântica junto com o segundo termo da comparação e os modificadores que podem precedê-los.

Segundo Matos e Brito (2003), *mais/menos... (do) que e tão/tanto(a,os,as)... quanto* formam uma unidade a nível semântico, mas não sintático, pois, como podemos observar em (2), *mais/menos* pode ocorrer separado de *(do) que* e *tão/tanto(a,os,as)* pode ocorrer separado de *quanto*. Isto sugere que os constituintes sintáticos são, de um lado, as sequências *mais/menos/tão/tanto(a,os,as) + adjetivo/advérbio/nome* e, de outro, as sequências *(do) que/quanto + SV/SN*.

- (2) a. Ela é [mais] alta [do que] eu.
b. O Pedro é [menos] estudioso [do que] o Paulo é trabalhador.
c. A associação acolheu [tantas] crianças [quanto] as que podia acolher.

Em contrapartida, Marques (2013) afirma que *mais/menos... (do) que e tão/tanto(a,os,as)... quanto* constituem unidades sintáticas, porém de natureza descontínua. De acordo com essa hipótese, essas estruturas formam uma unidade tanto no nível semântico quanto sintático, apesar de *(do) que* e de *quanto* possuírem independência sintática e poderem ser separados de *mais/menos* e de *tão/tanto(a,os,as)*, respectivamente.

Essas observações deram origem a várias análises das construções comparativas, à medida que surgiram propostas mais aprofundadas sobre as estruturas de grau. A expansão da hipótese das categorias funcionais para incluir elementos de grau permitiu uma descrição mais detalhada da estrutura dos grupos sintáticos que contêm quantificadores de grau.

Uma outra questão que gostaríamos de abordar nesta tese e que não é comumente discutida na literatura tem a ver com a equivalência funcional entre os elementos do segundo e do primeiro membro da comparação. A maior parte dos trabalhos analisados limita-se a apresentar a natureza categorial dos elementos da comparação, mas não encontramos materiais que tratem das relações funcionais entre esses elementos. Por essa razão e de acordo com a proposta do nosso trabalho, sentimos a necessidade de discuti-las.

Assim, por meio do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos por Osborne (2009), organizamos as construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos), ii) comparativas tipo II (com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos) e iii) comparativas tipo III (sem equivalência funcional e sem simetria).

Mostraremos que a organização das construções comparativas nesses três grupos será útil para descrevermos e analisarmos diversos aspectos sintáticos dessas construções, identificando as especificidades de cada grupo e individualizando as suas propriedades.

Assim como Pinkham (1982a, 1982b, 1984), Napoli (1983), Lechner (1999, 2004), Osborne (2009), enfatizamos que a sintaxe das comparativas é uma combinação de coordenação e subordinação, de modo que, às vezes, o segundo membro da comparação pode estar coordenado ao material que imediatamente o antecede, enquanto que, em outros momentos, pode estar subordinado a ele.

Partindo da aceção de que definir subordinação e coordenação não é uma tarefa fácil, é crucial tentar encontrar propriedades sintáticas que caracterizem e diferenciem essas estruturas, permitindo identificar claramente cada uma delas.

Verificaremos, portanto, se se justifica a organização das construções comparativas nesses grupos e se é possível identificar as especificidades de cada grupo, individualizando as suas propriedades e indicando as suas possíveis estruturas sintáticas, com o propósito de dar um tratamento mais detalhado e adequado para a sintaxe das construções comparativas.

Nossa análise buscará demonstrar que as comparativas tipo I (cf. (3)) têm estrutura coordenada, ao passo que as comparativas tipo II (cf. (4)) têm estrutura subordinada (complemento de Deg' ou Q') e as comparativas tipo III (cf. (5)) têm estrutura subordinada (adjunto de DegP ou QP).

- (3) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.
b. A Lisa tocou o sax mais tristemente do que apaixonadamente.
c. O preço do ouro subiu tanto quanto o da prata desceu.

d. Antigamente se ouvia menos rádio do que hoje em dia se vê televisão.

e. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria poemas aos alunos na escola.

(4) a. Ela é mais alta do que eu.

b. O Pedro canta tão bem quanto o Paulo.

c. A Maria emagreceu menos do que a Luísa.

d. O preço do diesel subiu tanto quanto o preço da gasolina.

e. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.

(5) a. O edifício era menos antigo do que parecia.

b. O temporal chegou mais depressa do que se esperava.

c. A Luísa falou mais do Paulo do que aquilo que deveria.

d. O camelo bebeu tanta água quanto podia.

e. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.

Em suma, o principal objetivo deste trabalho é tentar contribuir para o conhecimento sintático das construções comparativas, procurando dar um tratamento global e motivado à generalidade das comparativas, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de lado as especificidades de cada grupo que compõe o conjunto das construções comparativas (de grau) em português.

1.2 ESTRUTURA DA TESE

Este estudo, que toma como referência o quadro teórico da teoria de princípios e parâmetros do modelo gerativista, tem como principal objetivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintático das construções comparativas em português, fornecendo, por um lado, descrições sistemáticas que permitam no vasto conjunto dessas estruturas chegar a uma primeira caracterização de diferentes tipos sintáticos, e propondo, por outro lado, algumas hipóteses de explicação de diferentes fenômenos implicados.

A tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro e presente capítulo busca apresentar um panorama geral do trabalho, apontando alguns aspectos e

questões que serão discutidos ao longo do desenvolvimento da tese; procura também descrever em poucas palavras como cada capítulo está organizado, dando uma visão geral de cada um.

No capítulo 2, começaremos a descrever as principais características das construções comparativas de grau em português, definindo alguns conceitos e delimitando alguns aspectos que as diferenciam de outros tipos de comparação que não envolvem as noções de grau (ou quantidade) nem relacionam as ideias de escala (ou domínio de quantificação). Abordaremos, portanto, conceitos como correlação entre o quantificador comparativo e o conector comparativo, quantificação de grau, escala/domínio de quantificação, natureza categorial das palavras que identificam um domínio de quantificação, subapagamento comparativo e apagamento comparativo.

Na seção 2.2, abarcaremos as construções comparativas ambíguas, as metalinguísticas, as de alteridade e outras construções aparentadas. No final de cada capítulo, apresentaremos um breve resumo, elencando as principais considerações discutidas.

No capítulo 3, introduziremos a proposta de análise sintática para as construções comparativas em português, a qual se baseia nas diferenças entre coordenação comparativa e subordinação comparativa.

Em 3.1, abordaremos o conceito de equivalência funcional de Osborne (2009), tema que será de grande valia, pois, por meio dele, chegaremos à proposta inicial da tese, que é relacionar as ideias de equivalência funcional e simetria entre os elementos do segundo e do primeiro membro da comparação às estruturas de representação sintática das construções comparativas.

Na seção 3.2, aplicaremos sete critérios sintáticos para distinguir estruturas de subordinação e estruturas de coordenação: i) (Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica; ii) Restrição da estrutura coordenada; iii) (Im)possibilidade de clivagem; iv) (Im)possibilidade de anteposição; v) (Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática; vi) (Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas; vii) (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Na seção 3.3, aplicaremos os critérios sintáticos aos três tipos de construções comparativas propostos, para tentarmos identificar o comportamento sintático dessas estruturas face às propriedades que procuram distinguir estruturas de coordenação e estruturas de subordinação.

O capítulo 4, além de arcabouço para a descrição das principais análises e representações sintáticas disponíveis na literatura, servirá de embasamento teórico para a nossa proposta de análise sintática para as construções comparativas em português. Nele, analisaremos as estruturas sintáticas das construções comparativas, e a relação de adjacência entre o quantificador comparativo e o segundo membros da comparação, verificando as vantagens e as desvantagens das análises quando o segundo membro da comparação é adjacente ou não ao quantificador comparativo.

Em 4.1, analisaremos a estrutura sintática da cabeça nas comparativas de igualdade e a estrutura sintática da cabeça nas comparativas de desigualdade. Em 4.2, analisaremos as estruturas do segundo membro da comparação, que levanta algumas questões principalmente sobre o estatuto categorial dos conectores de comparação que encabeçam essas estruturas e sobre a sua própria representação configuracional.

Em 4.3, descreveremos a análise para as comparativas tipo I, que se comportam sintaticamente da mesma forma que as estruturas de coordenação. Em 4.4, descreveremos a análise para as comparativas tipo II, que se comportam sintaticamente de modo semelhante às estruturas de subordinação (complemento de Deg' ou Q'). Em 4.5, descreveremos a análise para as comparativas tipo III, que se comportam sintaticamente de maneira semelhante às estruturas de subordinação (adjunto de DegP ou QP).

Finalmente, no capítulo 5, concluiremos a organização das ideias do nosso trabalho e apontaremos as considerações e/ou conclusões finais e algumas questões residuais que porventura poderão servir de inspiração para pesquisas futuras.

2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

A pesquisa tipológica nos legou um mapa muito rico e complexo de construções gramaticais possíveis associadas ao fenômeno cognitivo da comparação nas diferentes línguas do mundo (Andersen, 1983; Stassen, 1984, 1985, 2005).

Em português, podemos comparar coisas, pessoas, propriedades ou situações por meio de coordenadores como *mas, e, etc* (*O Paulo mede 1'80, MAS o Pedro apenas 1'60*); ou através de verbos complementados por apenas uma das entidades comparadas (*O Paulo SUPERA o Pedro em bondade*) ou pelas duas (*O Pedro não DISTINGUE as verduras das leguminosas*); ou usando “construções superlativas relativas” (*O Pedro é O MAIS inteligente DE todos*) ou adjetivos que marquem identidade ou diferença em algum aspecto (*O Pedro manifestou uma opinião PARECIDA/OPOSTA à sua*).

De cunho funcionalista, Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattner (2008) verificam que as construções comparativas podem ser correlativas e não-correlativas. As autoras observam que as comparativas não-correlativas não apresentam nenhum elemento no primeiro membro da comparação marcado por quantificação ou intensificação, e têm o segundo membro da comparação iniciado por uma conjunção ou uma locução conjuntiva que indica comparação de igualdade (*como, assim como, tal qual, tal como, do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma que*):

- (6) a. Ele é surdo *como* uma porta.
- b. O Pedro descansou *assim como* trabalhou.
- c. O Pedro é estudioso *tal como* o Paulo é trabalhador.
- d. O Pedro canta bem *do mesmo modo que* o Paulo.

As autoras destacam também outros tipos de construções comparativas não-correlativas que são um tipo especial de construção de significado modal-comparativo que não emprega conjunção totalmente gramaticalizada, mas que tem comportamento parecido ao da conjunção *como/tal qual*: em (7a), a palavra invariável *feito*, originariamente particípio passado do verbo *fazer*; em (7b), o emprego de *igual* no singular em contexto plural; em (7c), o substantivo *tipo*, colocado entre dois sintagmas nominais.

- (7) a. É uma sutileza um pouco grande, *feito* um elefante.
b. Eu acho que os professores devem ser *igual* aos estudantes.
c. Não sei se hoje ainda tem os desenhos *tipo* o desenho que eu fazia.

Todas as construções acima expressam comparação, mas não se encaixam no padrão sintático tradicionalmente considerado “comparativo”. Neste trabalho, focaremos apenas nas construções comparativas correlativas, ou seja, naquelas em que existe uma relação de interdependência entre um elemento no primeiro membro da comparação marcado por quantificação ou intensificação (um quantificador comparativo) e um conector comparativo que introduz o segundo membro da comparação. Concentraremos nas construções comparativas em que *mais/menos* exige a presença de *(do) que* e *tão/tanto(a,os,as)* determina a presença de *quanto*.

2.1 DELIMITANDO AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS (DE GRAU)

O que é tradicionalmente conhecido como “construção comparativa” comporta uma série de características específicas. Nesta seção, apresentaremos as principais características que definem as construções comparativas de grau: elementos constitutivos das construções comparativas - *mais/menos... (do) que* ou *tão/tanto(a,os,as)... quanto*; diferenças entre os conectores comparativos *quanto* e *como*; quantificação de grau; escala (ou domínio de quantificação); natureza categorial das palavras que identificam um domínio de quantificação; subapagamento comparativo e apagamento comparativo.

2.1.1 Definindo alguns conceitos

Segundo Matos e Brito (2003), uma construção comparativa é caracterizada pelo estabelecimento de uma comparação entre duas expressões linguísticas, através da presença de um conector (em português, *(do) que* ou *quanto/como*¹), tendo em vista o grau de intensidade das propriedades ou estados de coisas por elas denotados ou as quantidades das entidades nelas referidas.

¹ Matos e Brito (2003) e Marques (2013) afirmam que, em português europeu (doravante PE), *como* é equivalente a *quanto* nas comparativas de igualdade. Em PB, conforme veremos na seção 2.1.2, parece que *como* e *quanto* não têm a mesma correspondência, por isso, neste trabalho, optamos por utilizar apenas a forma *quanto* nas comparativas de igualdade.

De acordo com Marques (2013), as construções comparativas envolvem a ordenação de graus ou quantidades, pelo que se pode dizer que os termos da comparação são graus.

Essas construções indicam que um grau ou quantidade é superior, inferior ou igual a outro, e são expressas por um “quantificador comparativo”, no primeiro membro da comparação, que pode ser de “desigualdade” (*mais*, *menos*) ou de “igualdade” (*tão/tanto(a,os,as)*), e um “conector comparativo” (*(do) que* ou *quanto*), no segundo membro da comparação.

De acordo com a nomenclatura em muitos trabalhos da área, também utilizaremos, nesta tese, as denominações “comparativas de desigualdade” para designar e compreender as “comparativas de superioridade” e as “comparativas de inferioridade”, e, por outro lado, “comparativas de igualdade”.

Em português, usam-se *mais... (do) que* para as “comparativas de superioridade” (cf. (8)), *menos... (do) que* para as “comparativas de inferioridade” (cf. (9)) e *tão/tanto(a,os,as)... quanto* para as “comparativas de igualdade” (cf. (10)), sendo que *tão... quanto* ocorre com adjetivos (cf. (10a)) e advérbios (cf. (10b)), *tanto... quanto* ocorre com verbos (cf. (10c)) e *tanto(a,os,as)... quanto* ocorre com substantivos (cf. (10d)).

(8) a. O novo edifício vai ser *mais* alto *do que* o anterior.

‘O grau em que o novo edifício vai ser alto é superior ao grau em que o edifício anterior era alto’

b. A Lisa tocou o sax *mais* tristemente *do que* apaixonadamente.

c. O temporal chegou *mais* depressa *do que* se esperava.

d. A Maria gosta *mais* das castanhas que se vendem na rua *do que* das que se fazem em casa.

(9) a. O edifício era *menos* antigo *do que* parecia.

‘O grau em que o edifício era antigo é inferior ao grau em que ele parecia’

b. A Maria emagreceu *menos* *do que* a Luísa.

c. Antigamente se ouvia *menos* rádio *do que* hoje em dia se vê televisão.

d. Machado de Assis escreveu *menos* romances *do que* José de Alencar.

(10) a. O Pedro é *tão* estudioso *quanto* o Paulo é trabalhador.

‘O grau em que o Pedro é estudioso é igual ao grau em que o Paulo é trabalhador’

b. O Pedro canta *tão* bem *quanto* o Paulo.

c. O preço do ouro subiu *tanto quanto* o da prata desceu.

d. A associação acolheu *tantas* crianças *quanto* as que podia acolher.

Nas comparativas de superioridade, a palavra *melhor* é interpretada como equivalente a *mais bom* (cf. (11a)) ou *mais bem* (cf. (11b)), e a palavra *pior* é interpretada como equivalente a *mais mau* (cf. (11c)) ou *mais mal* (cf. (11d)); as palavras *maior* e *menor* são interpretadas como equivalentes, respectivamente, a *mais grande* (cf. (11e)) e *mais pequeno* (cf. (11f)). Assim, a respeito das palavras *melhor*, *pior*, *maior* e *menor* pode-se dizer que resultam da incorporação de *mais* numa palavra graduável.

(11) a. As maçãs são *melhores* do que as uvas.

b. Ele trabalha *melhor* em equipe do que sozinho.

c. Eles já leram livros *piores* do que esses.

d. Os computadores que tínhamos funcionavam *pior* do que estes.

e. A sala é *maior* do que o escritório.

f. Ele comprou um carro *menor* do que precisava.

Uma construção comparativa de grau incide em um elemento tal como adjetivo, advérbio, verbo, substantivo. Segundo a Real Academia Española - RAE e a Asociación de Academias de la Lengua Española - ASALE (2009), o grupo formado pelo quantificador comparativo (*mais*, *menos* ou *tão/tanto(a,os,as)*) e o elemento afetado é chamado “cabeça comparativa” ou “grupo quantificativo”.

Assim, em (12a), o quantificador comparativo é *mais*, o elemento adjetival é *alto* e a cabeça comparativa é *mais alto*; em (12b), a cabeça comparativa é *emagreceu menos*, com o elemento verbal *emagreceu* e o quantificador comparativo *menos*; e, em (12c), o quantificador comparativo é *tantas*, o elemento nominal é *revistas* e a cabeça comparativa é *tantas revistas*. Cada construção comparativa

pode ter um “segundo membro da comparação” ou “complemento comparativo” (cf. RAE; ASALE, 2009), que é iniciado, em português, pelos conectores comparativos *(do) que* (cf. (12a, b)) ou *quanto* (cf. (12c)).

- (12) a. O Paulo é *mais alto* do que a Ana.
b. A Maria *emagreceu menos* do que a Luísa.
c. A Luísa comprou *tantas revistas* na livraria quanto emprestou livros na biblioteca.

De acordo com Matos e Brito (2003, 2008), uma das características fundamentais das construções comparativas é a correlação entre os elementos constitutivos da comparação, isto é, a relação de interdependência que existe entre o quantificador comparativo no primeiro membro da comparação e o conector comparativo no segundo membro da comparação: *mais/menos* determina a presença de *(do) que* e *tão/tanto(a,os,as)* exige a presença de *quanto*.

Em uma comparativa correlativa, o quantificador comparativo (*mais, menos, tão/tanto(a,os,as)*) deve ser obrigatoriamente expresso, pois a sua omissão provoca inaceitabilidade:

- (13) a. O novo edifício vai ser **(mais)* alto do que o anterior.
b. O temporal chegou **(mais)* depressa do que se esperava.
c. Antigamente se ouvia **(menos)* rádio do que hoje em dia se vê televisão.
d. A Luísa comprou **(tantas)* revistas na livraria quanto emprestou livros na biblioteca.

Mantendo-se a entoação declarativa e fora de um contexto situacional ou linguístico específico, a correlação entre o quantificador comparativo e o conector comparativo não pode ser interrompida, pois as sentenças passam a ser sentidas como incompletas:

- (14) a. ?O novo edifício vai ser *mais* alto... *do que* o anterior.
b. ?O temporal chegou *mais* depressa... *do que* se esperava.
c. ?Antigamente se ouvia *menos* rádio... *do que* hoje em dia se vê televisão.

d. ?A Luísa comprou *tantas* revistas na livraria... *quanto* emprestou livros na biblioteca.

Já se a relação de dependência entre o quantificador comparativo e o conector comparativo for malformada, isto é, se *mais/menos* não for correlativo a *do que* e *tão/tanto(a,os,as)* não for correlativo a *quanto*, as sentenças passam a ser agramaticais:

- (15) a. *O novo edifício vai ser *mais* alto *quanto* o anterior.
b. *O temporal chegou *mais* depressa *quanto* se esperava.
c. *Antigamente se ouvia *menos* rádio *quanto* hoje em dia se vê televisão.
d. *A Luísa comprou *tantas* revistas na livraria *do que* emprestou livros na biblioteca.

Hendriks (1995), em inglês, Matos e Brito (2003), em português, observam que, às vezes, a presença do segundo membro da comparação não é requerida em algumas comparativas de desigualdade (cf. (16)). Este tipo de comparação é chamado de comparativa discursiva, pois a comparação é realizada de maneira implícita, em que apenas o quantificador está expresso no primeiro membro da comparação; o segundo membro da comparação e o conector estão omitidos, mas podem ser recuperados pelo discurso.

- (16) a. Você está muito melhor agora.
b. Paula deseja ter um carro mais veloz.
c. Ela comprou um carro menor.
d. Eles já leram livros piores.

Em relação às comparativas de igualdade, temos duas observações importantes. A primeira diz respeito ao quantificador comparativo *tão/tanto(a,os,as)* que, além de estabelecer uma interpretação que envolve uma comparação que tem em vista o grau de intensidade das propriedades ou estados de coisas por elas denotados ou as quantidades das entidades nelas referidas (cf. (17)), também pode estabelecer uma interpretação que envolve apenas o ordenamento de dois termos (cf. (18)). As sentenças em (18), por não envolverem a comparação de graus ou de quantidades, não serão consideradas como construções comparativas de grau. Na

seção 2.2, exploraremos mais sobre as comparativas de igualdade que utilizam *tanto... quanto* e que, neste trabalho, serão consideradas como ambíguas.

- (17) a. A Ana considera a Maria *tão* simpática quanto inteligente.
b. A integração latino-americana vai deixando de ser um sonho para se tornar uma realidade *tão* concreta quanto fecunda.
c. O Paulo recitou *tão* emotivamente quanto racionalmente.
d. Comi *tanta* carne quanto peixe.
- (18) a. A Ana considera a Maria *tanto* simpática quanto inteligente.
b. A integração latino-americana vai deixando de ser um sonho para se tornar uma realidade *tanto* concreta quanto fecunda.
c. O Paulo recitou *tanto* emotivamente quanto racionalmente.
d. Comi *tanto* carne quanto peixe.

Além disso, o conector comparativo *quanto* pode assumir uma forma invariável ou concordar em gênero e número com o nome a que está associado. Em PB, apesar de sabermos que ainda é possível a realização das formas *quanta(os,as)*, como demonstram os exemplos em (19), parece-nos que essa forma, além de não ser a mais produtiva, possui uma estrutura diversa daquela que apresentaremos neste trabalho, podendo ser substituída pela forma invariável *quanto*, como demonstram os exemplos em (20).

- (19) a. O camelo bebeu tanta água *quanta* podia beber.
b. O Paulo comeu tantos biscoitos *quantos* a Ana comeu.
c. Foram debatidas tantas ideias *quantas* foram apresentadas.
- (20) a. O camelo bebeu tanta água *quanto* a que podia beber.
b. O Paulo comeu tantos biscoitos *quanto* aqueles que a Ana comeu.
c. Foram debatidas tantas ideias *quanto* as que foram apresentadas.

Em suma, as construções comparativas de grau sempre envolvem a comparação de graus ou quantidades entre os membros da comparação e apresentam elementos constitutivos da comparação (*mais/menos* e *(do) que* para as comparativas de desigualdade e *tão/tanto(a,os,as)* e *quanto* para as comparativas de igualdade), que são correlativos, sendo que *mais/menos* exige a presença de *(do) que* e *tão/tanto(a,os,as)* determina a presença de *quanto*.

2.1.2 *Quanto e como*

Em PE, tanto Matos e Brito (2003) quanto Marques (2013) não fazem distinção entre *quanto* e *como* nas comparativas de igualdade, ou seja, para os autores, as duas palavras possuiriam o mesmo estatuto gramatical, estabeleceriam as mesmas relações e funcionariam da mesma maneira, conforme (21) e (22):

- (21) a. O Pedro é tão estudioso *quanto* o Paulo é trabalhador.
b. O temporal chegou tão depressa *quanto* se esperava.
c. O Pedro canta tão bem *quanto* o Paulo.
d. O Pedro descansou tanto *quanto* trabalhou.
- (22) a. O Pedro é tão estudioso *como* o Paulo é trabalhador.
b. O temporal chegou tão depressa *como* se esperava.
c. O Pedro canta tão bem *como* o Paulo.
d. O Pedro descansou tanto *como* trabalhou.

Matos e Brito (2003) também afirmam que *tão/tanto* pode ser omitido quando utilizamos *como*, conforme demonstram os exemplos em (23):

- (23) a. O Pedro é (tão) estudioso *como* o Paulo é trabalhador.
b. O temporal chegou (tão) depressa *como* se esperava.
c. O Pedro canta (tão) bem *como* o Paulo.
d. O Pedro descansou (tanto) *como* trabalhou.

Contudo, Diniz (2018) aponta que, quando utilizamos *quanto*, o mesmo fenômeno não acontece, como podemos ver em (24):

- (24) a. O Pedro é *(tão) estudioso *quanto* o Paulo é trabalhador.
b. O temporal chegou *(tão) depressa *quanto* se esperava.
c. O Pedro canta *(tão) bem *quanto* o Paulo.
d. O Pedro descansou *(tanto) *quanto* trabalhou.

Além disso, como já comentado anteriormente, as comparativas em (23) tornam-se não-correlativas se não apresentarem nenhum elemento no primeiro membro da comparação marcado por quantificação ou intensificação, e passam a ter uma leitura modal, podendo ser parafraseáveis pelas sentenças em (25):

- (25) a. O Pedro é estudioso *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma* que o Paulo é trabalhador.
- b. O temporal chegou depressa *como/assim como/tal como/do modo/da maneira/da forma* como se esperava.
- c. O Pedro canta bem *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma* que o Paulo.
- d. O Pedro descansou *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma* que trabalhou.

Outra diferença entre *quanto* e *como* diz respeito às formas que *quanto* pode assumir, pois, como já visto na seção 2.1.1, além da forma invariável, *quanto* também pode concordar em gênero e número com o nome a que está associado, como indicado em (26):

- (26) a. Foram debatidos tantos projetos *quantos* foram apresentados.
- b. O Paulo gastou tanta água *quanta* a Ana gastou.
- c. A associação acolheu tantas crianças *quantas* podia acolher.

Esses fatos levam-nos a acreditar que a relação de interdependência entre *tão/tanto(a,os,as)* e *como* e entre *tão/tanto(a,os,as)* e *quanto(a,os,as)* não é exatamente a mesma, pois, como podemos observar, a correlação entre *tão/tanto(a,os,as)* e *como* é frouxa, mas a de *tão/tanto(a,os,as)* e *quanto(a,os,as)* não é. Além disso, *como* parece ter uma leitura modal que *quanto(a,os,as)* não tem.

Sendo assim, neste trabalho, utilizaremos apenas *tão/tanto(a,os,as)*... *quanto* para as comparativas de igualdade, porque, como vimos na seção anterior, a correlação entre o quantificador comparativo e o conector comparativo é uma característica fundamental das construções comparativas.

2.1.3 Quantificadores

A quantificação dos nomes em português pode se dar de várias maneiras. Para além da forma plural de um nome, as formas mais usuais de quantificação são os quantificadores propriamente ditos, as expressões quantitativas nominais e as expressões partitivas.

De acordo com Brito (2003), os quantificadores podem ser agrupados em: i) quantificadores que exprimem quantificação existencial (*um/uma/uns/umas, algum/alguma/alguns/algumas*), os quais ocorrem em distribuição complementar aos artigos e demonstrativos, com a diferença de que nesses há uma categoria com o traço [-Quant], como em (27a), e naqueles há uma categoria com o traço [+Quant], como em (27b); ii) quantificadores “discretos”², que incluem os numerais (que exprimem cardinalidade ou ordem) e os quantificadores que indicam pluralidade (*poucos, quantos, tantos, certos, muitos, inúmeros, diversos, vários, bastantes*), os quais podem co-ocorrer com artigos ou com demonstrativos, como em (28a-d), ou podem ter uma distribuição mais limitada, como em (28e); e iii) quantificadores universais (*ambos e todos*), que são seguidos de artigo definido ou de demonstrativo, como em (29).

- (27) a. Li *o/este* livro. [-Quant]
 b. Li *um/algum* livro. [+Quant]
- (28) a. Este *primeiro* livro que você me recomendou é interessante.
 b. Li aqueles *três* livros nas férias.
 c. Li uns *poucos/quantos/tantos/certos* livros.
 d. Li os *muitos/inúmeros/diversos/vários* livros que estão na estante.
 e. Li (*os) *bastantes* livros que estão na estante.
- (29) a. *Ambas* as maçãs estão verdes.
 b. *Todas* essas maçãs estão verdes.

A quantificação dada por expressões quantitativas nominais pode ser de dois tipos: i) expressões de quantidade (*porção, pouco, bocado, tanto, nadinha, parte*) + de + N, que exprimem uma quantificação vaga, como em (30); ii) expressões de medida (*cinco metros, uma dúzia, um litro/dois litros, o litro*) + de + N, que exprimem uma quantificação precisa, como em (31).

- (30) a. Li *uma porção de* livros nas férias.
 b. Dei-lhe *um pouco de* água e *um bocado de* pão.
- (31) a. Comprei *cinco metros de* tecido.

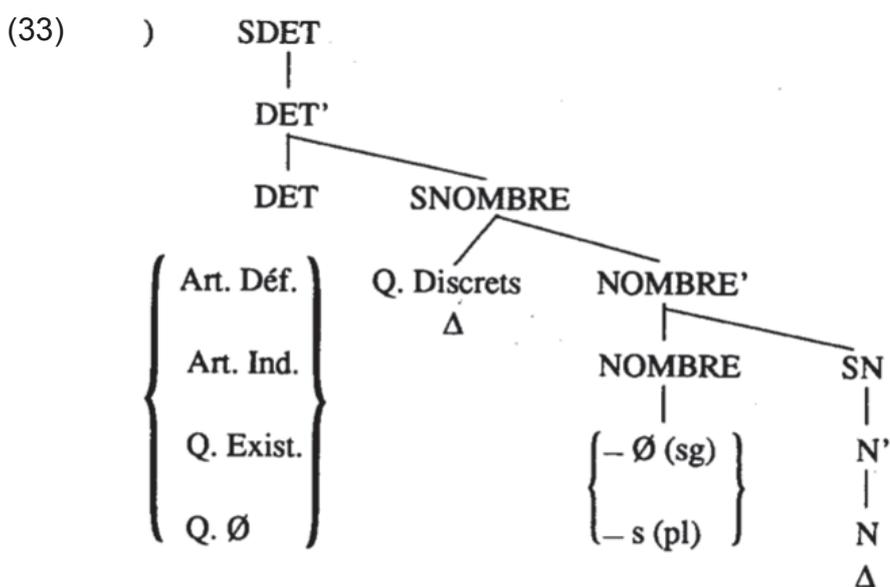
² A designação de quantificadores “discretos” é de Lopes et al. (1972 *apud* Brito, 2003, p. 356).

- b. Comi *uma dúzia* de morangos.
- c. Trouxe *um litro/dois litros* de leite.
- d. Trouxe *o litro* de leite que você me pediu.

Por fim, a quantificação pode ser dada por expressões partitivas, através da forma: expressão de quantidade (*algumas, duas, várias, quantas*) + de + artigo/ demonstrativo + N. Nessas construções, exprime-se uma parte de uma entidade previamente determinada, como ilustrada em (32):

- (32) a. *Algumas das/dessas* maçãs estão verdes.
 b. *Duas das/dessas* maçãs estão verdes.
 c. *Várias das/dessas* maçãs estão verdes.
 d. *Quantas das/dessas* maçãs estão verdes?

Segundo Brito (1993), em português, artigos definidos, indefinidos, quantificadores existenciais e outros quantificadores têm distribuição complementar e ocupam a posição de determinante do sintagma determinante; todos esses determinantes/quantificadores podem ser combinados sob certas condições de compatibilidade semântica com quantificadores discretos (como *poucos, muitos, inúmeros, diversos, vários*, os numerais, entre outros). De acordo com a autora, deve-se notar que os quantificadores discretos estão intimamente relacionados à especificação do nome, podendo ocupar a posição de especificador do SN, conforme a estrutura em (33) extraída de Brito (1993, p. 36):



A autora afirma ainda que, ao contrário do francês, em que há a presença do artigo partitivo e a impossibilidade de um Q \emptyset , em português e outras línguas que não têm artigo partitivo, há a possibilidade de recorrer a um Q \emptyset e a um N no singular para exprimir uma parte indeterminada de uma substância; como quantificador existencial, o português pode usar, além de *um/uma/uns/umas* e *algum/alguma/alguns/algumas*, o Q \emptyset combinado com o plural de um N (*bare plural* ou “plural nu”).

2.1.4 Quantificação de grau e escala/domínio de quantificação

Sánchez López (1999) inclui no conceito de quantificação de grau qualquer meio gramatical que expresse quantidade, número ou intensidade de uma determinada realidade ou qualidade de forma relativa em relação a uma escala. Os quantificadores de grau são operadores que vinculam variáveis que afetam o significado de certos grupos dentro das classes dos nomes, dos adjetivos, dos advérbios e dos verbos; a aplicabilidade dessas variáveis depende de o significado das palavras envolver ou não uma propriedade escalar.

De acordo com a autora, uma escala/domínio de quantificação supõe um conjunto ordenado de elementos que têm alguma propriedade em comum. Pode ordenar propriedades, eventos ou indivíduos. Por esta razão, a quantificação de grau afeta tanto entidades nominais quanto adjetivos, advérbios e verbos. O importante é que os elementos que compõem esse conjunto se orientem de acordo com a valoração - seja quantitativa ou qualitativa - do que compartilham.

Segundo Marques (2013), os pontos que constituem uma escala/domínio de quantificação recebem a designação de graus, pelo que um grau consiste numa quantidade, sendo o domínio de quantificação identificado pela palavra escalar relevante. Dessa maneira, as escalas permitem identificar: i) quantidades específicas, como se verifica em (34), em que *dois* corresponde a uma quantidade concreta na escala dos números inteiros positivos e a palavra *livros* identifica o domínio de quantificação; ii) quantidades vagas, como se verifica em (35), em que *muito* identifica uma quantidade imprecisa (ou um grau) na escala de altura e a forma adjetival *alta* identifica o domínio de quantificação.

(34) O Paulo leu *dois livros* na semana passada.

(35) *A Ana é muito alta.*

Em uma construção comparativa, o conector comparativo (*(do) que, quanto*) identifica uma quantidade no segundo membro da comparação, que serve de ponto de referência para o quantificador comparativo (*mais, menos, tão/tanto(a,os,as)*) poder identificar uma outra quantidade no primeiro membro da comparação. Dessa forma, podemos dizer que cada um dos dois membros da comparação é um sintagma de grau/quantidade que identifica uma quantidade em uma escala e está associado a uma palavra escalar, que identifica a escala/domínio de quantificação.

Na sentença *O preço do ouro subiu tanto quanto o da prata desceu*, o primeiro membro da comparação está ligado à forma verbal *subiu* e o segundo membro da comparação à forma verbal *desceu*. Cada um destes verbos está associado a um sintagma de grau/quantidade, sendo que a forma verbal *subiu* identifica a escala/domínio de quantificação no primeiro membro da comparação e *tanto* corresponde à quantidade de subida do preço do ouro; já a forma verbal *desceu* identifica a escala/domínio de quantificação no segundo membro da comparação e *quanto* corresponde à quantidade de descida do preço da prata. No exemplo em consideração, a quantidade em que o preço do ouro subiu é igual à quantidade em que o preço da prata desceu. São, portanto, expressas duas quantidades (iguais), sendo os domínios de quantificação identificados por duas formas verbais (diferentes).

Em outros casos, a escala/domínio de quantificação no segundo membro da comparação pode não ser expressa, por ser idêntica à primeira. Na sentença *O novo edifício vai ser mais alto do que o anterior*, a escala/domínio de quantificação no primeiro membro da comparação é identificada pela forma adjetival *alto* e *mais* corresponde à quantidade na escala de altura; já a escala/domínio de quantificação no segundo membro da comparação é identificada pelo mesmo adjetivo, mas não é expressa, e *do que* corresponde à quantidade nesta escala que serve de ponto de referência para a identificação da quantidade na escala no primeiro membro da comparação. Assim, a sentença referida indica que a quantidade em que o novo edifício vai ser alto é superior à quantidade em que o edifício anterior era alto. São, portanto, expressas duas quantidades (diferentes), sendo os domínios de quantificação identificados pela mesma forma adjetival (igual).

Em resumo, vimos que i) os quantificadores de grau são operadores que vinculam quantidades e afetam tanto entidades nominais quanto adjetivos, advérbios e verbos, ii) uma palavra escalar identifica uma escala/domínio de quantificação, iii) as escalas/domínios de quantificação permitem identificar quantidades vagas ou específicas, iv) um conector comparativo ((do) *que, quanto*) identifica uma quantidade no segundo membro da comparação, que serve de ponto de referência para o quantificador comparativo (*mais, menos, tão/tanto(a,os,as)*) poder identificar uma outra quantidade no primeiro membro da comparação, v) cada um dos dois membros da comparação é um sintagma de grau/quantidade que identifica uma quantidade em uma escala e está associado a uma palavra escalar que identifica a escala/domínio de quantificação, vi) cada um dos dois membros da comparação não identifica um valor preciso, mas, indica se uma quantidade é superior, inferior ou igual a outra, sendo os domínios de quantificação identificados por duas formas diferentes ou pela mesma forma.

2.1.5 Natureza categorial das palavras que identificam um domínio de quantificação

Como mencionado na seção anterior, cada um dos dois membros da comparação está associado a uma palavra escalar que identifica um domínio de quantificação. E um domínio de quantificação pode ordenar propriedades, eventos ou indivíduos. Por isso, a quantificação de grau afeta as categorias de adjetivos, advérbios, verbos e nomes.

O domínio de quantificação do segundo membro da comparação pode ser idêntico ao do primeiro. Nesse caso, o domínio de quantificação é expresso no primeiro membro da comparação e, por ser igual, é omitido no segundo membro da comparação. É identificado por adjetivos em posição predicativa (cf. (36)) ou atributiva (cf. (37)), advérbios (cf. (38)), verbos em construção intransitiva ou transitiva (cf. (39)) e sintagmas nominais (cf. (40)).

(36) a. O Paulo é tão [ambicioso]_{Adj} quanto a Ana.

‘O grau em que o Paulo é ambicioso é igual ao grau em que a Ana é ambiciosa’

b. O edifício era menos [antigo]_{Adj} do que parecia.

(37) a. Foi-lhe atribuído um trabalho menos [exigente]_{Adj} do que esperava.

'Foi-lhe atribuído um trabalho cujo grau em que é exigente é inferior ao grau em que esperava que fosse exigente'

b. Ele comprou um carro [menor]_{Adj} do que precisava.

(38) a. O Pedro canta tão [bem]_{Adv} quanto o Paulo.

'O grau (ou a intensidade) em que o Pedro canta bem é igual ao grau (ou à intensidade) em que o Paulo canta'

b. Os computadores que tínhamos funcionavam [pior]_{Adv} do que estes.

(39) a. A Maria [emagreceu]_V menos do que a Luísa.

'O grau (ou a intensidade) em que a Maria emagreceu é inferior ao grau (ou à intensidade) em que a Luísa emagreceu; ou a quantidade (de quilos) que a Maria emagreceu é inferior à quantidade (de quilos) que a Luísa emagreceu'

b. O preço do diesel [subiu]_V tanto quanto o preço da gasolina.

(40) a. Dante escreveu tantos [poemas]_{SN} quanto Petrarca.

'A quantidade de poemas que Dante escreveu é igual à quantidade de poemas que Petrarca escreveu'

b. Verdi compôs mais [óperas]_{SN} do que Monteverdi.

Por outro lado, o domínio de quantificação do segundo membro da comparação pode ser distinto do do primeiro. Nesse caso, um domínio de quantificação é expresso no primeiro membro da comparação e outro diferente é expresso no segundo membro da comparação. São identificados por adjetivos em posição predicativa (cf. (41)) ou atributiva (cf. (42)), advérbios (cf. (43)), verbos em construção intransitiva ou transitiva (cf. (44)) e sintagmas nominais (cf. (45)).

(41) a. O Pedro é mais [alto]_{Adj} do que [gordo]_{Adj}

'O grau em que o Pedro é alto é superior ao grau em que ele é gordo'

b. O Pedro é menos [estudioso]_{Adj} do que o Paulo é [trabalhador]_{Adj}

(42) a. A integração latino-americana vai deixando de ser um sonho para se tornar uma realidade tão [concreta]_{Adj} quanto [fecunda]_{Adj}

'O grau (ou a intensidade) em que a integração latino-americana vai deixando de ser um sonho para se tornar uma realidade concreta é igual ao

grau (ou à intensidade) em que ela vai deixando de ser um sonho para se tornar uma realidade fecunda’

b. Foi-lhe atribuído um trabalho mais [exigente]_{Adj} do que [cansativo]_{Adj}

(43) a. A Lisa tocou o sax mais [tristemente]_{Adv} do que [apaixonadamente]_{Adv}

‘O grau (ou a intensidade) em que a Lisa tocou o sax tristemente é superior ao grau (ou à intensidade) em que ela tocou o sax apaixonadamente’

b. O Paulo recitou tão [emotivamente]_{Adv} quanto [racionalmente]_{Adv}

(44) a. O preço do ouro [subiu]_V tanto quanto o da prata [desceu]_V

‘O grau (ou a intensidade) em que o preço do ouro subiu é igual ao grau (ou à intensidade) em que o preço da prata desceu; ou a quantidade (de eventos/valor) que o preço do ouro subiu é igual à quantidade (de eventos/valor) que o preço da prata desceu’

b. A Luísa [falou menos do Paulo]_{SV} do que [[-] do Pedro]_{SV}

(45) a. A Luísa comprou tantas [revistas]_{SN} na livraria quanto emprestou [livros]_{SN} na biblioteca.

‘A quantidade de revistas que a Luísa comprou na livraria é igual à quantidade de livros que ela emprestou na biblioteca’

b. Os meninos enviaram mais [flores]_{SN} para ele hoje do que as meninas entregaram [chocolates]_{SN} para ela ontem.

Na sentença (44b), apesar de a forma verbal *falou* não ser expressa no segundo membro da comparação, interpretamos que o domínio de quantificação no segundo membro da comparação é identificado pelo evento “falar do Pedro”, enquanto, o domínio de quantificação no primeiro membro da comparação é identificado pelo evento “falar do Paulo”.

Nas sentenças de (41) a (45), o domínio de quantificação do segundo membro da comparação é distinto do do primeiro, mas, apesar disso, ambos possuem a mesma natureza categorial. Como já notado anteriormente, é importante que os elementos que compõem cada domínio de quantificação se orientem de acordo com a valoração (seja quantitativa ou qualitativa) do que compartilham.

2.1.6 Subapagamento comparativo e apagamento comparativo

Na literatura, é comum assumir que no segundo membro da comparação há um componente implícito de grau/quantidade, desencadeado pela presença de palavras relacionadas ao grau/quantidade no primeiro membro comparado. Bresnan (1973) propõe uma representação possível dessa análise, conforme explicitado em (46), onde as expressões [*numa quantidade x* >, <, = *numa quantidade y*] representam o constituinte de quantidade presumido em ambos os membros da comparação. Esse fenômeno é denominado subapagamento comparativo ou *comparative subdeletion (CSD)*.

- (46) a. O Pedro é menos [*numa quantidade x*] estudioso do que o Paulo é [*numa quantidade y*] trabalhador.
- b. A Luísa dirigia mais [*numa quantidade x*] lentamente do que a Ana dirigia [*numa quantidade y*] prudentemente.
- c. A Luísa falou tanto [*numa quantidade x*] do Paulo quanto a Maria falou [*numa quantidade y*] do Pedro.
- d. A Ana lê menos [*numa quantidade x*] contos aos filhos em casa do que a Maria lê [*numa quantidade y*] poemas aos alunos na escola.

Essa ideia compreende todos os tipos de comparativas, já que a noção de quantificação de grau e escala/domínio de quantificação, como vimos na seção 2.1.4, é intrínseca a todas as construções comparativas de grau. Assim, ela também constará na representação sintática de todos os tipos de construções comparativas de grau, conforme veremos no capítulo 4.

Já o apagamento comparativo ou *comparative deletion (CD)* é o apagamento de todos os sintagmas (adjetivais, adverbiais, preposicionais ou nominais) no segundo membro da comparação, deixando explícito apenas o sintagma verbal.

- (47) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é [~~estudioso~~].
- b. A Luísa dirigia mais lentamente do que a Ana dirigia [~~lentamente~~].
- c. A Luísa falou tanto do Paulo quanto a Maria falou [~~do Paulo~~].
- d. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê [~~contos~~] [~~aos filhos~~] [~~em casa~~].

2.2 COMPARATIVAS DE GRAU AMBÍGUAS, COMPARATIVAS METALINGUÍSTICAS, COMPARATIVAS DE ALTERIDADE E CONSTRUÇÕES APARENTADAS

Gostaríamos de destacar que as sentenças (48a) e (48b) são exemplos de comparativas de grau ambíguas, isto é, possuem duas interpretações, em que o SN seguinte a *(do) que/quanto* pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente. Em (48a'), o *Luís* tem o papel temático de paciente, enquanto em (48a''), o *Luís* tem o papel temático de agente; já em (48b'), a *Alice* tem o papel temático de paciente, enquanto em (48b''), a *Alice* tem o papel temático de agente.

- (48) a. Amo mais o Carlos do que o Luís.
a'. 'Amo mais o Carlos do que amo o Luís'
a''. 'Amo mais o Carlos do que o Luís o ama'
b. O Max está tão ansioso para conhecer a Susan quanto a Alice.
b'. 'O Max está tão ansioso para conhecer a Susan quanto ele está ansioso para conhecer a Alice'
b''. 'O Max está tão ansioso para conhecer a Susan quanto a Alice está ansiosa para conhecê-la'

As comparativas de igualdade que utilizam *tanto... quanto* como as sentenças indicadas em (49) também são ambíguas, pois, além da leitura que envolve a comparação de graus ou de quantidades, essas construções também podem estabelecer uma leitura que envolve apenas o ordenamento de dois termos, como as sentenças em (50). Estas, por não envolverem a comparação de graus ou de quantidades, não são construções comparativas de grau.

- (49) a. A Sara domina tanto o francês quanto o inglês.
b. A Luísa falou tanto do Paulo quanto do Pedro.
c. A Maria gosta tanto das castanhas que se vendem na rua quanto das que se fazem em casa.
- (50) a. A Sara tanto domina o francês quanto o inglês.
b. A Luísa tanto falou do Paulo quanto do Pedro.
c. A Maria tanto gosta das castanhas que se vendem na rua quanto das que se fazem em casa.

Do mesmo modo, sentenças como as indicadas em (51) não são comparativas de grau, pois também não envolvem comparação de graus ou de quantidades, já que *tanto quanto* está relacionado apenas ao segundo membro da oração e não correlaciona o primeiro com o segundo membro da oração.

- (51) a. A Sara domina o francês tanto quanto o inglês.
b. Comi carne tanto quanto peixe.
c. A Luísa falou do Paulo tanto quanto do Pedro.

Como podemos ver, este tipo de construção é facilmente deslocável (cf. (52)), diferentemente das construções comparativas de grau, que não permitem a mobilidade dos membros da comparação (cf. (53)).

- (52) a. Tanto quanto o inglês, a Sara domina o francês.
b. Tanto quanto peixe, comi carne.
c. Tanto quanto do Pedro, a Luísa falou do Paulo.

- (53) a. *Quanto o inglês, a Sara domina tanto o francês.
b. *Quanto peixe, comi tanta carne.
c. *Quanto do Pedro, a Luísa falou tanto do Paulo.

Além disso, sentenças como as de (51) possuem uma leitura modal: *como/tal qual/do mesmo modo que*, pelo que podem ser parafraseáveis por (54):

- (54) a. A Sara domina o francês *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma que* o inglês.
b. Comi carne *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma que* peixe.
c. A Luísa falou do Paulo *como/assim como/tal como/do mesmo modo/da mesma maneira/da mesma forma que* do Pedro.

Souza e Pires de Oliveira (2008) notam que sentenças como as indicadas em (55a) possuem preferencialmente uma leitura de exclusividade, pelo que são chamadas de comparativas metalinguísticas. Essa denominação estabelece um paralelo com a negação metalinguística, exemplificada em (55b).

- (55) a. O Soprano mais falou do que cantou, durante a execução do primeiro ato.

b. A Maria não é bonita, é linda.

Para os autores, (55a) “não compara quantidades de eventos, mas afirma qual a melhor descrição para um evento em particular, um único objeto no mundo, e compara duas descrições possíveis para o mesmo evento” (p. 2). O paralelo com a negação metalinguística se dá porque esse tipo de negação não contradiz o conteúdo da proposição a que se aplica a negação, mas relativiza a verdade da afirmação ou adiciona uma informação. Assim, em (55b) não se nega que Maria seja bonita, mas que “bonita” não é o melhor adjetivo para descrevê-la, pois sua beleza está um grau acima. Da mesma forma, em (55a) afirma-se que é mais apropriado descrever o evento como falar, mas não se nega que seja possível descrever o evento como um evento de cantar.

Agora gostaríamos de destacar que sentenças como as de (56) são comparativas de desigualdade, mas são ambíguas, pois, além da leitura que envolve a comparação de graus ou de quantidades, essas construções também podem estabelecer uma leitura de exclusividade (Bolinger, 1950, 1953) ou metalinguística (McCawley, 1976; Hellan, 1981; Klein, 1991), como as sentenças em (57). Estas, por não envolverem a comparação de graus ou de quantidades, não são construções comparativas de grau, mas são chamadas de comparativas metalinguísticas.

(56) a. A Lisa tocou o sax mais tristemente do que apaixonadamente.
b. O Pedro descansou mais do que trabalhou.
c. A Maria gosta mais das castanhas que se vendem na rua do que das que se fazem em casa.

(57) a. A Lisa tocou o sax tristemente, mais do que apaixonadamente.
b. O Pedro mais descansou do que trabalhou.
c. A Maria gosta das castanhas que se vendem na rua, mais do que das que se fazem em casa.

É interessante observar que para desambiguar sentenças como as de (56b) e (58), em que a comparação envolve apenas verbos e o quantificador *mais*, apesar de ser adjacente a (*do*) *que*, incide no primeiro verbo comparado, a sintaxe se utiliza do recurso de deslocar o quantificador *mais* para antes do verbo, como demonstram os exemplos em (57b) e (59), gerando uma leitura exclusivamente metalinguística.

- (58) a. Os jovens estudam mais do que trabalham.
b. A Luísa viaja mais do que trabalha.
c. A criança estudou mais do que viu televisão.
- (59) a. Os jovens mais estudam do que trabalham.
b. A Luísa mais viaja do que trabalha.
c. A criança mais estudou do que viu televisão.

Romero Cambrón (1998) chama de comparativas de alteridade sentenças como as indicadas em (60) e defende que elas possuem particularidades sintáticas associadas à existência de um quantificador comparativo de alteridade. De acordo com o autor, a diferença fundamental reside na constituição diversa do segundo membro da comparação, que considera a identidade dos indivíduos nele incluídos.

- (60) a. Dante escreveu mais poemas do que a Divina Comédia.
b. Verdi compôs mais óperas do que La Traviata.
c. Machado de Assis escreveu mais romances do que Dom Casmurro.
d. A Luísa queria ter comprado mais revistas do que a Veja.

As sentenças em (60) podem ser parafraseadas como especificado em (60'):

- (60') a. 'Dante escreveu outros poemas além da Divina Comédia'.
b. 'Verdi compôs outras óperas além de La Traviata'.
c. 'Machado de Assis escreveu outros romances além de Dom Casmurro'.
d. 'A Luísa queria ter comprado outras revistas além da Veja'.

Além de poderem ser parafraseadas por construções não-comparativas, as comparativas de alteridade diferem das construções comparativas de grau, porque, ao invés de envolverem a ordenação de graus ou quantidades, envolvem a identidade/não-identidade (ou a alteridade) a fim de determinar a identidade do indivíduo ou do gênero.

No que diz respeito a casos de fronteira entre construções comparativas e construções aparentadas, Marques (2003) destaca sentenças como as que seguem:

- (61) a. O Paulo não fez mais do que informar a polícia, mas foi o suficiente para o ameaçarem.

- b. O Paulo não fez mais do que cumprir o seu dever.
- c. O Paulo não disse mais do que a verdade.
- d. Sobre esse assunto podemos fazer pouco mais do que especular.

Apesar de as sentenças em (61) apresentarem a correlação veiculada pela expressão conectiva *mais... (do) que*, essas construções não estabelecem uma comparação de graus ou de quantidades, condição *sine qua non* de uma construção comparativa de grau.

Além disso, as sentenças em (61) podem ser parafraseáveis pelas sentenças indicadas em (62), que claramente não são construções comparativas. Uma vez que construções comparativas não são parafraseáveis por estruturas não-comparativas, concluímos que as sentenças em (61) não são construções comparativas.

- (62)
- a. 'O Paulo só informou a polícia, mas isso foi o suficiente para o ameaçarem'.
 - b. 'O Paulo só cumpriu o seu dever'.
 - c. 'O Paulo só disse a verdade'.
 - d. 'Sobre esse assunto podemos só especular'.

2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Na seção 2.1, procuramos definir alguns conceitos e delimitar o conjunto das construções comparativas que indicam que um grau ou quantidade é superior, inferior ou igual a outro. Na literatura, utilizam-se "comparativas de desigualdade" para designar e compreender as "comparativas de superioridade" e as "comparativas de inferioridade", e, "comparativas de igualdade", por outro lado.

Vimos que uma construção comparativa de grau sempre envolve a comparação de graus ou quantidades entre os membros da comparação, apresentando um quantificador comparativo (*mais, menos* ou *tão/tanto(a,os,as)*), no primeiro membro da comparação, e um conector comparativo (*(do) que* ou *quanto*), no segundo membro da comparação, que são correlativos, ou seja, *mais/menos* seleciona *(do) que* e *tão/tanto(a,os,as)* seleciona *quanto*.

Além desses elementos que distinguem as construções comparativas de grau de outros tipos de estruturas comparativas, vimos também outras características que

envolvem as construções comparativas de grau: quantificação de grau; escala (ou domínio de quantificação); natureza categorial das palavras que identificam um domínio de quantificação; os fenômenos elípticos de subapagamento comparativo e apagamento comparativo.

Na seção 2.2, apontamos algumas construções comparativas ambíguas, comparativas metalinguísticas, comparativas de alteridade e outras construções aparentadas.

A partir do próximo capítulo, passaremos a discorrer sobre a nossa proposta de análise sintática para as construções comparativas, cuja investigação consiste em descrever e analisar os diversos comportamentos sintáticos das comparativas, identificando as suas especificidades e individualizando as suas propriedades, a fim de indicar as suas possíveis representações sintáticas.

3 ASPECTOS SINTÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

Neste capítulo, apresentaremos a proposta de análise sintática para as construções comparativas em português, que se baseia nas diferenças entre coordenação comparativa e subordinação comparativa e no conceito de equivalência funcional de Osborne (2009), que salienta um aspecto interessante da sintaxe das comparativas: a possibilidade de ser o espelhamento da sintaxe da coordenação (Napoli, 1983; McCawley, 1988; Lechner, 2001, 2004).

A nossa proposta está alinhada com as análises de Pinkham (1982a, 1982b, 1984), Napoli (1983), Lechner (1999, 2004) e Osborne (2009), que defendem que a sintaxe das construções comparativas é uma combinação de coordenação e subordinação, sendo que, em alguns casos, a estrutura de uma comparativa deve ser abordada em termos de coordenação, enquanto que, em outros casos, deve ser tratada em termos de subordinação. O desafio nesse campo, portanto, é identificar precisamente quais comparativas devem ser analisadas de acordo com a coordenação e quais conforme a subordinação.

Na primeira seção, por meio do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos por Osborne (2009), organizamos as construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos), ii) comparativas tipo II (com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos) e iii) comparativas tipo III (sem equivalência funcional e sem simetria).

Mostraremos que a organização das construções comparativas nesses três grupos será útil para descrevermos e analisarmos diversos aspectos sintáticos dessas construções, identificando as especificidades de cada grupo e individualizando as suas propriedades. Nossa análise buscará demonstrar que as comparativas tipo I são estruturas coordenadas, ao passo que as comparativas tipo II e tipo III são estruturas subordinadas.

Com base na ideia de que definir subordinação e coordenação é uma tarefa desafiadora, é fundamental buscar propriedades sintáticas que possam caracterizar e distinguir essas estruturas.

Assim, na segunda seção, proporemos sete critérios sintáticos para distinguir estruturas de subordinação e estruturas de coordenação: i) (Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica; ii) Restrição da estrutura coordenada; iii) (Im)possibilidade de clivagem; iv) (Im)possibilidade de anteposição; v) (Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática; vi) (Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas; vii) (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Na terceira seção, aplicaremos os sete critérios sintáticos aos três tipos de construções comparativas acima, para tentarmos identificar o comportamento sintático dessas estruturas face às propriedades que procuram distinguir estruturas de coordenação e estruturas de subordinação.

Verificaremos, portanto, se se justifica a organização das construções comparativas nesses grupos e se é possível identificar as especificidades de cada grupo, individualizando as suas propriedades e indicando as suas estruturas sintáticas, a fim de poder dar um tratamento mais detalhado e adequado para a sintaxe das construções comparativas em português.

3.1 O CONCEITO DE EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL

Essa questão é pouco debatida na literatura. A maior parte dos trabalhos examinados limita-se a apresentar a natureza categorial dos elementos da comparação, mas não discute as relações funcionais entre os elementos do segundo e do primeiro membro da comparação. Por essa razão e de acordo com a proposta desta tese, sentimos a necessidade de discuti-las.

O conceito chave na abordagem de Osborne (2009) é o de equivalência funcional. O autor utiliza o termo “expressão *than*” para se referir às construções comparativas em inglês introduzidas por *than* e *as*. Analogamente, nesta seção, chamaremos de “expressão *(do) que*” para nos referirmos às construções comparativas em português introduzidas por *(do) que* e *quanto*.

De acordo com o autor, uma expressão *(do) que* é funcionalmente equivalente à oração matriz se as duas puderem ser coordenadas com um coordenador padrão

(e, ou, mas) e os constituintes comparados entre elas cumprirem a mesma função sintática.

Em (63a), a expressão (*do*) *que* e a oração matriz são funcionalmente equivalentes. Em (63b), o fato de *mulheres bebem cerveja* poder ser coordenada com *homens bebem vinho* demonstra que as duas são funcionalmente equivalentes, isto é, *homens bebem vinho* é o equivalente funcional da expressão *mulheres bebem cerveja* em (63a). Por fim, (63c) demonstra que uma expressão (*do*) *que* não pode dividir seus equivalentes funcionais.

- (63) a. Menos [homens]_{SN} [bebem]_V [vinho]_{SN} do que [mulheres]_{SN} [bebem]_V [cerveja]_{SN}
b. [Homens]_{SN} [bebem]_V [vinho]_{SN} e [mulheres]_{SN} [bebem]_V [cerveja]_{SN}
c. *Menos [homens]_{SN} do que [mulheres]_{SN} [bebem]_V [cerveja]_{SN} [bebem]_V [vinho]_{SN}

Por outro lado, se os constituintes comparados forem funcionalmente distintos, então a oração matriz e a expressão (*do*) *que* não são funcionalmente equivalentes.

Em (64a), a expressão (*do*) *que* e a oração matriz não são funcionalmente equivalentes. Em (64b), o fato de *nós convidamos* não poder ser coordenada com *pessoas nos convidaram* demonstra que as duas não são funcionalmente equivalentes, isto é, *pessoas nos convidaram* não é o equivalente funcional da expressão (*do*) *que nós convidamos* em (64a). Como não há equivalente funcional presente, a expressão (*do*) *que* pode aparecer dentro da oração matriz, como em (64c), onde não há equivalente funcional que possa ser dividido.

- (64) a. Mais [pessoas]_{SN} [nos]_{Pro} [convidaram]_V do que [nós]_{SN} [convidamos]_V
b. *[Pessoas]_{SN} [nos]_{Pro} [convidaram]_V e [nós]_{SN} [convidamos]_V
c. Mais [pessoas]_{SN} do que [nós]_{SN} [convidamos]_V [nos]_{Pro} [convidaram]_V

No que diz respeito à presença e posicionamento dos equivalentes funcionais, Osborne (2009) distingue três cenários básicos:

- Cenário 1: a expressão (*do*) *que* segue imediatamente seu equivalente funcional;
- Cenário 2: a expressão (*do*) *que* carece totalmente de um equivalente funcional;
- Cenário 3: a expressão (*do*) *que* não segue imediatamente seu equivalente funcional.

A partir do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos pelo autor, podemos organizar as construções comparativas em três grupos:

- Comparativas tipo I: com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos;
- Comparativas tipo II: com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos;
- Comparativas tipo III: sem equivalência funcional e sem simetria.

Denominaremos **comparativas tipo I**, como as indicadas em (65), quando cada elemento do segundo membro da comparação tem um equivalente funcional no primeiro membro da comparação que ocorre imediatamente antes do conector comparativo (*do*) *que/quanto*, isto é, são funcionalmente equivalentes e simétricos.

- (65) a. [O Pedro]_{SN} [é]_V menos [estudioso]_{Adj} do que [o Paulo]_{SN} [é]_V [trabalhador]_{Adj}
 b. A Lisa tocou o sax mais [tristemente]_{Adv} do que [apaixonadamente]_{Adv}
 c. [O preço do ouro]_{SN} [subiu]_V tanto quanto [o da prata]_{SN} [desceu]_V
 d. [Antigamente]_{Adv} [se ouvia menos rádio]_{SV} do que [hoje em dia]_{Adv} [se vê televisão]_{SV}
 e. [A Ana]_{SN} [lê]_V menos [contos]_{SN} [aos filhos]_{SP} [em casa]_{Adv} do que [a Maria]_{SN} [-]_V [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}

Por outro lado, denominaremos **comparativas tipo II**, como as indicadas em (66), quando o elemento do segundo membro da comparação tem um equivalente funcional no primeiro membro da comparação que não ocorre imediatamente antes do conector comparativo (*do*) *que/quanto*, ou seja, são funcionalmente equivalentes, mas não são simétricos.

- (66) a. [Ela]_{SN} é mais alta do que [eu]_{SN}

- b. [O Pedro]_{SN} canta tão bem quanto [o Paulo]_{SN}
- c. [A Maria]_{SN} emagreceu menos do que [a Luísa]_{SN}
- d. [O preço do diesel]_{SN} subiu tanto quanto [o preço da gasolina]_{SN}
- e. [Machado de Assis]_{SN} escreveu menos romances do que [José de Alencar]_{SN}

Por fim, denominaremos **comparativas tipo III**, como as indicadas em (67) e (68), quando não há equivalência funcional nem simetria entre os elementos do segundo e do primeiro membro da comparação, isto é, um elemento do segundo membro da comparação não tem nenhum equivalente funcional no primeiro membro da comparação, pelo que não será simétrico a nenhum elemento do primeiro membro da comparação.

- (67) a. O edifício era menos antigo do que [parecia]_{SV}
 - b. Ele comprou um carro menor do que [precisava]_{SV}
 - c. O temporal chegou mais depressa do que [se esperava]_{SV}
 - d. A Maria escreveu menos artigos do que [gostaria]_{SV}
 - e. O camelo bebeu tanta água quanto [podia]_{SV}
- (68) a. O preço do ouro subiu tanto quanto [aquilo que o preço da prata desceu]_{SRel}
 - b. A Luísa falou mais do Paulo do que [aquilo que deveria]_{SRel}
 - c. O Paulo gastou tanta água quanto [a que a Ana gastou]_{SRel}
 - d. A Maria escreveu menos artigos do que [aqueles que gostaria]_{SRel}
 - e. A associação acolheu tantas crianças quanto [as que podia acolher]_{SRel}

Quadro 1 – Tipos de construções comparativas.

Comparativa	Equivalência funcional	Simetria
Tipo I	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Tipo II	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Tipo III	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: Elaboração própria.

Demonstramos que a categorização das construções comparativas nesses três grupos será valiosa para descrever e analisar vários aspectos sintáticos dessas

estruturas, permitindo identificar as particularidades de cada uma, individualizar as suas propriedades e indicar as suas possíveis estruturas sintáticas, a fim de poder dar um tratamento mais detalhado e adequado para a sintaxe das construções comparativas em português.

3.2 SUBORDINAÇÃO E COORDENAÇÃO

Na literatura linguística há muita controvérsia sobre a sintaxe das construções comparativas. A discussão principal gira em torno da assunção dessas estruturas como subordinadas ou coordenadas. Na tradição gramatical, as orações comparativas são classificadas como subordinadas adverbiais (cf. Said Ali, 1931; Cunha e Cintra, 1984; Bechara, 1999). Nos estudos gerativos, elas são tratadas como subordinadas complemento ou adjunto da categoria funcional Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988a; Kennedy, 1997; Bhatt e Pancheva, 2004; Souza, 2010), subordinadas relativas (cf. Donati, 1997; Marques, 2003) ou como estruturas coordenadas (cf. Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos e Brito, 2002, 2008).

A nossa proposta, no entanto, está alinhada com as análises de Pinkham (1982a, 1982b, 1984), Napoli (1983), Lechner (1999, 2004) e Osborne (2009), que defendem que a sintaxe das construções comparativas envolve tanto subordinação quanto coordenação. Em outras palavras, algumas comparativas são estruturas subordinadas, enquanto outras são estruturas coordenadas.

Na definição das subordinadas, é comum destacar que elas estão integradas na oração principal e desempenham uma função sintática (como sujeito, complemento ou adjunto) e uma função temática (como tema, adjunto de finalidade, de causa, de tempo, etc.). Em relação às coordenadas, assume-se que ambos os termos coordenados pertencem à mesma categoria gramatical e desempenham a mesma função sintática e semântica.

Embora seja possível identificar uma função "acessória" ou de argumento "não nuclear" para muitas subordinadas adverbiais, para a maioria delas, não é uma tarefa simples determinar se desempenham ou não uma função sintática e semântica na oração principal, e, caso desempenhem, qual é exatamente essa função. Além disso, como podemos observar nos exemplos a seguir, algumas

relações semânticas presentes nas subordinadas adverbiais (cf. (69)) são muito próximas das que encontramos nas estruturas coordenadas (cf. (70)).

- (69) a. Porque o pneu do carro furou, o João chegou atrasado à reunião.
b. Embora o João quisesse vir à reunião, não chegou a tempo.

- (70) a. O pneu do carro furou e o João chegou atrasado à reunião.
b. O João queria vir à reunião, mas não chegou a tempo.

A falta de critérios claros e a distinção sob vários aspectos das demais subordinadas adverbiais levaram muitos estudiosos gerativistas a questionarem a inclusão das construções comparativas nesse conjunto de estruturas, o que justifica a busca por outras formas de análise para essas construções.

Dentro do quadro gerativista, há discussões sobre se as construções comparativas possuem características e comportamentos que as aproximam de subordinadas complemento ou adjunto da categoria funcional de grau (DegP), de subordinadas relativas ou de estruturas coordenadas.

A análise clássica é aquela que considera as construções comparativas como subordinadas complemento ou adjunto de Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988a; Kennedy, 1997; Bhatt e Pancheva, 2004; Souza, 2010). Segundo esses autores, as construções comparativas são especificamente analisadas como *wh*-CPs inseridas em PPs encabeçados por *than*.

De acordo com Marques (2003), as construções comparativas em português são consideradas uma forma especial de subordinação relativa. Nessa análise, *que* e *quanto* são pronomes relativos sem um antecedente expresso e estão associados a uma variável de grau que ocorre na oração subordinada. As sequências *mais/menos (do) que* e *tão/tanto quanto* formam um constituinte, um sintagma de grau, que ocupa a posição de especificador do adjetivo. O núcleo do sintagma de grau é *mais*, *menos* ou *tão/tanto*, que tem como complemento um sintagma de grau relativizado.

Por outro lado, Matos e Brito (2002, 2008) argumentam que todas as construções comparativas em português têm uma estrutura de coordenação, onde *do que* e *quanto* são conjunções que ligam os dois termos da comparação. Segundo

essa perspectiva, o primeiro elemento constitutivo (*mais, menos* ou *tão/tanto*) ocorre no primeiro termo da comparação, e o segundo elemento constitutivo (*(do) que* ou *quanto*) é o que estabelece a comparação entre os dois termos comparados, sendo que *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*.

Tentar definir subordinação e coordenação não é uma tarefa simples. As estruturas que se enquadram tanto em um grupo quanto no outro não apresentam comportamentos uniformes, e a dificuldade em estabelecer critérios entre subordinação e coordenação surge da escassez de propriedades formais que diferenciem as estruturas subordinadas das coordenadas. É crucial, portanto, tentar encontrar propriedades sintáticas que caracterizem e diferenciem essas estruturas, permitindo identificar claramente cada uma delas.

Quirk et al. (1985, p. 927) determinam seis características sintáticas que definem as conjunções típicas de coordenação: i) imobilidade na posição inicial da oração que introduzem; ii) impossibilidade de movimento da oração que introduzem para o início da oração precedente; iii) impossibilidade de serem precedidas de conjunção; iv) possibilidade de ligarem não só orações, mas também predicados e outros constituintes; v) possibilidade de ligarem orações subordinadas; vi) possibilidade de ligarem mais de duas orações, e, nesse caso, todos os conectores exceto o último podem ser omitidos.

Após a aplicação desses critérios, os autores concluem que não há uma fronteira clara entre coordenação e subordinação, mas sim uma escala gradativa de coordenação-subordinação para um determinado conector e a oração que ele introduz.

Com base nas características utilizadas pelos autores, Lobo (2003) propõe seis critérios sintáticos para tentar diferenciar estruturas de subordinação e coordenação: i) (in)existência de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica na oração principal; ii) (im)possibilidade de anteposição; iii) (im)possibilidade de haver extração de constituintes; iv) (im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada); v) (im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes; vi) (im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais.

Diniz (2018) constata que boa parte das construções comparativas comporta-se sintaticamente de maneira semelhante às estruturas de coordenação, compartilhando muitos aspectos das propriedades sintáticas das estruturas coordenadas: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Considerando os critérios mencionados pelos autores anteriores, vamos propor de forma sistemática sete critérios sintáticos para diferenciar estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação: i) (Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica; ii) Restrição da estrutura coordenada; iii) (Im)possibilidade de clivagem; iv) (Im)possibilidade de anteposição; v) (Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática; vi) (Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas; vii) (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

A seguir, aplicaremos os testes de (i) a (vii) para tentar identificar o comportamento sintático de subordinadas adverbiais temporais³, de subordinadas relativas livres e encabeçadas e de coordenadas aditivas e alternativas em relação a essas propriedades que buscam distinguir estruturas de subordinação e coordenação.

3.2.1 (Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica

Como vimos acima, é comum as classificações tradicionais definirem que as estruturas de subordinação estão integradas na oração principal e desempenham uma função sintática (como sujeito, complemento ou adjunto) e uma função temática (como tema, adjunto de finalidade, de causa, de tempo, etc.) nela. E, pelo contrário, que as estruturas de coordenação não desempenham qualquer tipo de função sintático-semântica na oração “coordenante”.

³ Dentre os vários tipos de subordinadas adverbiais, optamos pelas adverbiais temporais, porque acreditamos que apresentem características um pouco mais evidentes para representar esse grande conjunto de estruturas.

Apesar de nem sempre ser possível identificar uma função "acessória" ou de argumento "não nuclear" para muitas subordinadas adverbiais, para as adverbiais temporais e para as subordinadas relativas, por outro lado, não é problemático identificar essa função: as temporais desempenham uma função de localização temporal do evento da oração matriz; e as relativas desempenham um papel na identificação da referência da expressão nominal que modificam, ou funcionam como apostos ao grupo nominal.

Verificamos, assim, que as subordinadas adverbiais temporais em (71) e as subordinadas relativas em (72) são encaixadas dentro da oração matriz e desempenham funções sintático-semânticas, ao passo que as estruturas coordenadas em (73) não permitem a estrutura de encaixe e nem desempenham qualquer tipo de função sintático-semântica na oração "coordenante".

(71) a. Algumas crianças admitiram que *viam televisão sempre que estudavam*.

a'. Algumas crianças admitiram que, *sempre que estudavam*, *viam televisão*.

b. Eles disseram que *gostam da matéria quando o professor explica bem*.

b'. Eles disseram que, *quando o professor explica bem*, *gostam da matéria*.

(72) a. Algumas crianças *que estudavam* admitiram que *viam televisão*.

b. Ele ouviu *o que você disse* naquele momento.

(73) a. Algumas crianças admitiram que *viam televisão e que não estudavam*.

a'. *Algumas crianças admitiram que *e que não estudavam* *viam televisão*.

b. Eles disseram que *gostam da matéria ou que gostam do professor?*

b'. *Eles disseram que *ou que gostam do professor* *gostam da matéria?*

Constatamos, então, que esse critério serve para distinguir as subordinadas adverbiais temporais e as subordinadas relativas das estruturas coordenadas, pois, enquanto essas estruturas de subordinação podem ser encaixadas dentro da oração

matriz e desempenham funções sintático-semânticas, as estruturas de coordenação não permitem a estrutura de encaixe e nem desempenham qualquer tipo de função sintático-semântica.

3.2.2 Restrição da estrutura coordenada

A concepção de que as estruturas coordenadas operam como ilhas em relação ao movimento sintático de um único elemento (extração-*wh*) é um conceito consolidado na literatura.

A Restrição da Estrutura Coordenada de Ross (1967) é comumente aceita e empregada para explicar agramaticalidades que surgem tanto a partir do deslocamento de termos coordenados quanto do deslocamento de constituintes incorporados a esses termos para fora da estrutura coordenada.

Dessa maneira, as estruturas de coordenação são consideradas como ilhas em relação ao movimento sintático de um único elemento (extração-*wh*) e se tornam agramaticais quando se coloca como interrogativo um dos elementos do primeiro membro da coordenação sem que aconteça o mesmo com o seu equivalente no segundo membro da coordenação.

Assim, verificamos que, enquanto as subordinadas adverbiais (cf. (74)) e as subordinadas relativas (cf. (75)) aceitam a extração de um único elemento (extração-*wh*) da oração matriz, as estruturas coordenadas (cf. (76)) sofrem a Restrição da estrutura coordenada e atuam como ilhas, rejeitando a extração de um único elemento (extração-*wh*) do primeiro membro da coordenação.

- (74) a. A Ana lê contos aos filhos enquanto a Maria lê poemas aos alunos.
a'. [O que]_i a Ana lê t_i aos filhos enquanto a Maria lê poemas aos alunos?
b. Os meninos enviaram flores a ele ao mesmo tempo que as meninas enviaram chocolates a ela.
b'. [O que]_i os meninos enviaram t_i a ele ao mesmo tempo que as meninas enviaram chocolates a ela?
- (75) a. A Ana lê contos aos filhos a quem a Maria lê poemas.
a'. [O que]_i a Ana lê t_i aos filhos a quem a Maria lê poemas?

b. Os meninos enviaram flores a ele a quem as meninas enviaram chocolates.

b'. [O que]_i os meninos enviaram t_i a ele a quem as meninas enviaram chocolates?

(76) a. A Ana lê contos aos filhos e a Maria lê poemas aos alunos.

a'. *[O que]_i a Ana lê t_i aos filhos e a Maria lê poemas aos alunos?

b. Os meninos enviaram flores a ele ou as meninas enviaram chocolates a ela?

b'. *[O que]_i os meninos enviaram t_i a ele ou as meninas enviaram chocolates a ela?

Podemos, então, dizer que esse critério também serve para diferenciar as subordinadas adverbiais e relativas das estruturas coordenadas, pois as estruturas de coordenação são ilhas à extração por movimento de apenas um elemento-*wh* do primeiro membro da coordenação e apresentam os efeitos da Restrição da Estrutura Coordenada.

3.2.3 (Im)possibilidade de clivagem

Constatamos que as subordinadas adverbiais permitem o critério de clivagem (cf. (77)), ao passo que as subordinadas relativas podem permitir (cf. (78)) ou não (cf. (79)); por outro lado, as estruturas coordenadas não permitem (cf. (80)).

(77) a. Fico feliz sempre que visito meus pais.

a'. É sempre que visito meus pais que fico feliz.

b. Eu costumo andar na praia quando a noite cai.

b'. É quando a noite cai que eu costumo andar na praia.

(78) a. Ele ouviu o que você disse naquele momento.

a'. Foi o que você disse naquele momento que ele ouviu.

b. Ele admira o que é belo.

b'. É o que é belo que ele admira.

(79) a. Soube que ele aceitou a minha proposta, o que me alegrou bastante.

a'. *Foi o que me alegrou bastante que soube que ele aceitou a minha proposta.

- b. O João encontrou o livro que eu tinha perdido.
- b'. *Foi que eu tinha perdido que o João encontrou o livro.

- (80) a. Quero comer carne e feijão com arroz.
- a'. *É e feijão com arroz que quero comer carne.
- b. Fale agora ou cale-se para sempre.
- b'. *É ou cale-se para sempre que fale agora.

Verificamos que, nesse aspecto, as subordinadas relativas se comportam de maneira diferente das subordinadas adverbiais, o que pode ser atribuído ao seu maior nível de encaixe na estrutura da oração.

3.2.4 (Im)possibilidade de anteposição

Da mesma maneira que o teste anterior, constatamos que as subordinadas adverbiais aceitam o critério de anteposição (cf. (81)); as relativas podem aceitar (cf. (82)) ou não (cf. (83)); e as coordenadas não aceitam (cf. (84)).

- (81) a. Fico feliz sempre que visito meus pais.
 - a'. Sempre que visito meus pais, fico feliz.
 - b. Eu costumo andar na praia quando a noite cai.
 - b'. Quando a noite cai, eu costumo andar na praia.
- (82) a. Ele ouviu o que você disse naquele momento.
 - a'. O que você disse naquele momento ele ouviu.
 - b. Ele admira o que é belo.
 - b'. O que é belo ele admira.
- (83) a. Soube que ele aceitou a minha proposta, o que me alegrou bastante.
 - a'. *O que me alegrou bastante, soube que ele aceitou a minha proposta.
 - b. O João encontrou o livro que eu tinha perdido.
 - b'. *Que eu tinha perdido, o João encontrou o livro.
- (84) a. Quero comer carne e feijão com arroz.
 - a'. *E feijão com arroz quero comer carne.
 - b. Fale agora ou cale-se para sempre.
 - b'. *Ou cale-se para sempre fale agora.

No que concerne à possibilidade de clivagem e de anteposição, verificamos, portanto, que as subordinadas relativas não apresentam um comportamento uniforme, podendo aceitá-las ou rejeitá-las. Por outro lado, as subordinadas adverbiais temporais as admitem e as estruturas coordenadas as rejeitam. Assim, podemos dizer que esses critérios não diferenciam estruturas de subordinação e coordenação, mas podem ser úteis para distinguir entre subordinadas adverbiais temporais e estruturas coordenadas

3.2.5 (Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática

Constatamos que, em subordinadas adverbiais (cf. (85)) e em subordinadas relativas (cf. (86)), o conector não pode ligar constituintes de outras categorias sintáticas que não sejam oracionais. Por outro lado, em estruturas coordenadas (cf. (87)), há a possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática.

- (85) a. Fico feliz sempre que *(visito) [meus pais]_{SN}
b. Eu costumo andar na praia quando [a noite]_{SN} *(cai).
c. A Maria gosta das castanhas que se vendem na rua ao mesmo tempo que *(gosta) [das que se fazem em casa]_{SP}
d. A Ana lê contos aos filhos em casa enquanto *(lê) [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}
- (86) a. Soube que ele aceitou a minha proposta, o que [me]_{Pro} *(alegrou) [bastante]_{Adv}
b. O João encontrou o livro que [eu]_{SN} *(tinha perdido).
c. Ele ouviu o que [você]_{SN} *(disse) [naquele momento]_{Adv}
d. A Ana lê contos aos filhos a quem [a Maria]_{SN} *(lê) [poemas]_{SN}
- (87) a. Quero comer carne e [feijão com arroz]_{SN}
b. Fale agora ou [nunca mais]_{Adv}
c. A Maria gosta das castanhas que se vendem na rua ou (gosta) [das que se fazem em casa]_{SP}
d. A Ana lê contos aos filhos em casa e (lê) [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}

Como observado, esse critério é característico das estruturas de coordenação. Em (87a), o conector de coordenação *e* liga os sintagmas nominais *carne e feijão com arroz*; em (87b), o conector de coordenação *ou* liga os sintagmas adverbiais *agora e nunca mais*; em (87c), o conector de coordenação *ou* liga os sintagmas preposicionais *das castanhas que se vendem na rua e das que se fazem em casa*; em (87d), o conector de coordenação *e* liga os sintagmas nominais *contos e poemas*, os sintagmas preposicionais *aos filhos e aos alunos*, e os sintagmas adverbiais *em casa e na escola*.

Podemos dizer, então, que um critério que diferencia as estruturas de subordinação e as estruturas de coordenação é a possibilidade de os conectores de coordenação ligarem não apenas constituintes oracionais, mas também constituintes de qualquer categoria sintática.

3.2.6 (Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas

Verificamos que os conectores de subordinação em (88) e em (89) requerem necessariamente a presença de uma oração finita, ao passo que os conectores de coordenação em (90) permitem a presença de uma oração infinitiva.

(88) a. Algumas crianças admitiram que viam televisão *sempre que* estudavam.

a'. *Algumas crianças admitiram ver televisão *sempre que* estudar.

b. Eles disseram que gostam da matéria *quando* o professor explica bem.

b'. *Eles disseram gostar da matéria *quando* o professor explicar bem.

(89) a. Algumas crianças *que* estudavam admitiram que viam televisão.

a'. *Algumas crianças *que* estudar admitiram ver televisão.

b. Eles disseram que gostam da matéria *que* o professor leciona.

b'. *Eles disseram gostar da matéria *que* o professor lecionar.

(90) a. Algumas crianças admitiram que viam televisão *e que* não estudavam.

a'. Algumas crianças admitiram ver televisão *e não* estudar.

b. Eles disseram que gostam da matéria *ou que* gostam do professor?

b'. Eles disseram gostar da matéria *ou* gostar do professor?

Da mesma forma que o teste anterior, esse critério é típico das estruturas de coordenação e serve para distinguir as subordinadas adverbiais e relativas das estruturas coordenadas, pois apenas os conectores de coordenação podem ligar tanto orações finitas quanto orações infinitivas.

3.2.7 (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar

Constatamos que não há possibilidade de ocorrência de elipse lacunar em subordinadas adverbiais (cf. (91)) nem em subordinadas relativas (cf. (92)). Ao invés disso, pode haver elipse lacunar em estruturas coordenadas (cf. (93)).

(91) a. A Ana lê contos aos filhos em casa enquanto a Maria lê poemas aos alunos na escola.

a'. *A Ana lê contos aos filhos em casa enquanto a Maria [-] poemas aos alunos na escola.

b. Os meninos enviaram flores a ele ao mesmo tempo que as meninas enviaram chocolates a ela.

b'. *Os meninos enviaram flores a ele ao mesmo tempo que as meninas [-] chocolates a ela.

(92) a. A Ana lê contos aos filhos a quem a Maria lê poemas.

a'. *A Ana lê contos aos filhos a quem a Maria [-] poemas.

b. Os meninos enviaram flores a ele a quem as meninas enviaram chocolates.

b'. *Os meninos enviaram flores a ele a quem as meninas [-] chocolates.

(93) a. A Ana lê contos aos filhos em casa e a Maria lê poemas aos alunos na escola.

a'. A Ana lê contos aos filhos em casa e a Maria [-] poemas aos alunos na escola.

b. Os meninos enviaram flores a ele ou as meninas enviaram chocolates a ela?

b'. Os meninos enviaram flores a ele ou as meninas [-] chocolates a ela?

Verificamos, assim, que esse fenômeno também é típico das estruturas de coordenação.

Concluimos, portanto, que os critérios I, II, V, VI, VII distinguem estruturas de subordinação e estruturas de coordenação: enquanto os critérios I e II são aceitos pelas subordinadas adverbiais temporais e pelas subordinadas relativas, eles não são admitidos pelas estruturas coordenadas; por outro lado, os critérios V, VI e VII são permitidos pelas estruturas coordenadas, mas são rejeitados pelas subordinadas adverbiais temporais e pelas subordinadas relativas.

Em relação aos critérios III e IV, constatamos que podem ser aceitos ou rejeitados pelas subordinadas relativas. Por outro lado, são admitidos pelas subordinadas adverbiais temporais e rejeitados pelas estruturas coordenadas. Assim, podemos dizer que esses critérios não diferenciam estruturas de subordinação e coordenação, mas podem ser úteis para distinguir entre subordinadas adverbiais temporais e estruturas coordenadas.

Quadro 2 – Critérios sintáticos que distinguem estruturas de subordinação e estruturas de coordenação.

Critério sintático	Subordinadas adverbiais temporais	Subordinadas relativas livres e encabeçadas	Coordenadas aditivas e alternativas
I	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
II	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
III	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
IV	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
V	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
VI	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
VII	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: Elaboração própria.

3.3 COMPARATIVAS COORDENADAS E COMPARATIVAS SUBORDINADAS

Como já comentado na seção anterior, a nossa proposta vai ao encontro das análises de Pinkham (1982a, 1982b, 1984), Napoli (1983), Lechner (1999, 2004) e Osborne (2009), que argumentam que a sintaxe das construções comparativas é

uma combinação de coordenação e subordinação. Vamos demonstrar, em seguida, essa conclusão.

Em alguns casos, a estrutura de uma comparativa deve ser tratada em termos de coordenação, enquanto em outros casos deve ser abordada em termos de subordinação. O desafio nesse campo é identificar precisamente quais comparativas devem ser analisadas de acordo com a coordenação e quais conforme a subordinação.

Conforme descrito na seção 3.1, a partir do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos por Osborne (2009), podemos organizar as construções comparativas em três grupos:

- Comparativas tipo I: com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos, como demonstram os exemplos em (94).

(94) a. [O Pedro]_{SN} [é]_V menos [estudioso]_{Adj} do que [o Paulo]_{SN} [é]_V [trabalhador]_{Adj}

b. [A Ana]_{SN} [lê]_V menos [contos]_{SN} [aos filhos]_{SP} [em casa]_{Adv} do que [a Maria]_{SN} [-]_V [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}

c. Eles disseram que gostam tanto [da matéria]_{SP} quanto [do professor]_{SP}

d. Algumas crianças admitiram que [viam mais televisão]_{SV} do que [estudavam]_{SV}

- Comparativas tipo II: com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos, como demonstram os exemplos em (95).

(95) a. [Ela]_{SN} é mais alta do que [eu]_{SN}

b. [Machado de Assis]_{SN} escreveu menos romances do que [José de Alencar]_{SN}

c. [Eles]_{SN} disseram que gostam tanto da matéria quanto [o professor]_{SN}

d. [Algumas crianças]_{SN} admitiram que viam mais televisão do que [outras]_{SN}

• Comparativas tipo III: sem equivalência funcional e sem simetria, como demonstram os exemplos em (96).

- (96) a. O edifício era menos [antigo]_{Adj} do que [parecia]_{SV}
b. A associação acolheu tantas [crianças]_{SN} quanto [as que podia acolher]_{SRel}
c. Eles disseram que não gostam tanto [da matéria]_{SP} quanto [imaginavam]_{SV}
d. Algumas crianças admitiram que [viam mais televisão]_{SV} do que [aquilo que deveriam]_{SRel}

Aplicaremos, então, os sete critérios sintáticos utilizados na seção anterior aos três tipos de construções comparativas acima, para tentarmos identificar o comportamento sintático dessas estruturas face às propriedades que procuram distinguir estruturas de coordenação e estruturas de subordinação.

Certificaremos, então, se se justifica a organização das construções comparativas nesses três tipos e se é possível identificar as especificidades de cada grupo, individualizando as suas propriedades e indicando as suas estruturas sintáticas.

Nossa análise demonstrará que as comparativas tipo I são estruturas coordenadas, ao passo que as comparativas tipo II e tipo III são estruturas subordinadas.

3.3.1 (Im)possibilidade de estrutura de encaixe / Desempenho (ou não) de função sintático-semântica

Detectamos que as comparativas tipo I em (97) rejeitam a estrutura de encaixe, ao passo que as comparativas tipo II em (98) e tipo III em (99) podem ser encaixadas dentro da oração matriz.

- (97) a. Eles disseram que gostam tanto da matéria *quanto [-] do professor*.
a'. *Eles disseram que gostam tanto *quanto [-] do professor* da matéria.
b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão *do que estudavam*.

b'. *Algumas crianças admitiram que viam mais *do que estudavam* televisão.

(98) a. Eles disseram que gostam tanto da matéria *quanto o professor*.

a'. Eles disseram que gostam tanto *quanto o professor* da matéria.

b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão *do que outras*.

b'. ?Algumas crianças admitiram que viam mais *do que outras* televisão.

(99) a. Eles disseram que não gostam tanto da matéria *quanto imaginavam*.

a'. Eles disseram que não gostam tanto *quanto imaginavam* da matéria.

b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão *do que aquilo que deveriam*.

b'. ?Algumas crianças admitiram que viam mais *do que aquilo que deveriam* televisão.

Como vimos em 3.2.1, enquanto as estruturas de coordenação não permitem a estrutura de encaixe e nem desempenham qualquer tipo de função sintático-semântica, as estruturas de subordinação podem ser encaixadas dentro da oração matriz e podem desempenhar funções sintático-semânticas.

3.3.2 Restrição da estrutura coordenada

Conforme discutido em 3.2.2, as estruturas de coordenação (cf. (100)) são ilhas à extração por movimento de apenas um elemento-*wh* e apresentam os efeitos da Restrição da Estrutura Coordenada.

(100) a. O Pedro é estudioso e o Paulo é trabalhador.

a'. *[Quem]_i t_i é estudioso e o Paulo é trabalhador?

b. A Ana lê contos aos filhos em casa e a Maria lê poemas aos alunos na escola.

b'. *[O que]_i a Ana lê t_i aos filhos em casa e a Maria lê poemas aos alunos na escola?

Do mesmo modo, as comparativas tipo I (cf. (101)) são agramaticais quando se coloca como interrogativo um dos elementos do primeiro membro da comparação

sem que ocorra o mesmo com o seu equivalente no segundo membro da comparação.

- (101) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.
a'. *[Quem]_i t_i é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador?
b. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.
b'. *[O que]_i a Ana lê menos t_i aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola?

Por outro lado, as comparativas tipo II (cf. (102)) e tipo III (cf. (103)) são gramaticais quando se coloca como interrogativo um dos elementos do primeiro membro da comparação sem que aconteça o mesmo com o seu equivalente no segundo membro da comparação.

- (102) a. Ela é mais alta do que eu.
a'. [Quem]_i t_i é mais alta do que eu?
b. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.
b'. [Quem]_i t_i escreveu menos romances do que José de Alencar?
- (103) a. O edifício era menos antigo do que parecia.
a'. [Quem]_i t_i era menos antigo do que parecia?
b. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.
b'. [Quem]_i t_i acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher?

Por serem estruturas de subordinação, as construções comparativas tipo II e tipo III não sofrem a Restrição da Estrutura Coordenada, isto é, não são ilhas em relação ao movimento sintático de um único elemento (extração-*wh*) da oração matriz.

3.3.3 (Im)possibilidade de clivagem

Verificamos que as comparativas tipo I (cf. (104)) e as comparativas tipo III (cf. (106)) não aceitam o critério de clivagem, ao passo que as comparativas tipo II (cf. (105)) aceitam.

- (104) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.

a'. *É do que o Paulo é trabalhador que o Pedro é menos estudioso.

b. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.

b'. *É do que a Maria lê poemas aos alunos na escola que a Ana lê menos contos aos filhos em casa.

(105) a. Ela é mais alta do que eu.

a'. É do que eu que ela é mais alta.

b. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.

b'. Foi do que José de Alencar que Machado de Assis escreveu menos romances.

(106) a. O edifício era menos antigo do que parecia.

a'. *Era do que parecia que o edifício era menos antigo.

b. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.

b'. *Foi quanto as que podia acolher que a associação acolheu tantas crianças.

Em 3.2.3, certificamos que as estruturas coordenadas não permitem o critério de clivagem, enquanto as subordinadas adverbiais permitem e as subordinadas relativas podem permitir ou não.

3.3.4 (Im)possibilidade de anteposição

Do mesmo modo que o teste anterior, constatamos que as comparativas tipo I (cf. (107)) e as comparativas tipo III (cf. (109)) não aceitam o critério de anteposição. Por outro lado, as comparativas tipo II (cf. (108)) aceitam.

(107) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.

a'. *Do que o Paulo é trabalhador, o Pedro é menos estudioso.

b. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.

b'. *Do que a Maria lê poemas aos alunos na escola, a Ana lê menos contos aos filhos em casa.

(108) a. Ela é mais alta do que eu.

- a'. Do que eu, ela é mais alta.
- b. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.
- b'. Do que José de Alencar, Machado de Assis escreveu menos romances.

- (109) a. O edifício era menos antigo do que parecia.
- a'. *Do que parecia, o edifício era menos antigo.
 - b. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.
 - b'. *Quanto as que podia acolher, a associação acolheu tantas crianças.

Em 3.2.4, detectamos que as estruturas coordenadas não passam no teste de anteposição, ao passo que as subordinadas adverbiais podem ser antepostas e as subordinadas relativas podem ser antepostas ou não.

3.3.5 (Im)possibilidade de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática

Em 3.2.5, vimos que esse critério é típico das estruturas de coordenação e é esperado, portanto, às comparativas tipo I. Como podemos observar, tanto as comparativas tipo I (cf. (110)) quanto as estruturas coordenadas (cf. (111)) podem ligar constituintes de diferentes categorias sintáticas e esses constituintes são funcionalmente equivalentes e simétricos. Além disso, os conectores das comparativas tipo I apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação (confrontam-se (110) e (111)).

- (110) a. O Pedro é menos [estudioso]_{Adj} do que [trabalhador]_{Adj}
- b. A Ana lê menos [contos]_{SN} [aos filhos]_{SP} [em casa]_{Adv} do que [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}
 - c. Eles disseram que gostam tanto [da matéria]_{SP} quanto [do professor]_{SP}

- (111) a. O Pedro é [estudioso]_{Adj} e [trabalhador]_{Adj}
- b. A Ana lê [contos]_{SN} [aos filhos]_{SP} [em casa]_{Adv} e [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}
 - c. Eles disseram que gostam [da matéria]_{SP} e [do professor]_{SP}

Em (110a) e (111a), os conectores ligam os sintagmas adjetivais *estudioso* e *trabalhador*; em (110b) e (111b), os conectores ligam os sintagmas nominais *contos* e *poemas*, os sintagmas preposicionais *aos filhos* e *aos alunos*, e os sintagmas adverbiais *em casa* e *na escola*; em (110c) e (111c), os conectores ligam os sintagmas preposicionais *da matéria* e *do professor*.

Por outro lado, nas estruturas de subordinação em geral, por definição, estabelecem-se conexões entre constituintes oracionais e um elemento ou posição que é parte integrante de outra oração.

Nas comparativas tipo II (cf. (112)), é possível encontrar estruturas elípticas, em que superficialmente o constituinte conectado não é de natureza oracional. Ademais, os conectores das comparativas tipo II não apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação (confrontam-se (112) e (113)).

(112) a. Ela é mais alta do que eu (sou).

b. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar (escreveu).

c. Eles disseram que gostam tanto da matéria quanto o professor (disse).

d. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que outras (admitiram).

(113) a. *Ela é alta e eu (sou).

b. *Machado de Assis escreveu romances e José de Alencar (escreveu).

c. *Eles disseram que gostam da matéria e o professor (disse).

d. *Algumas crianças admitiram que viam televisão e outras (admitiram).

Nas comparativas tipo III (cf. (114)) também não há possibilidade de o conector ligar constituintes de outras categorias sintáticas que não sejam oracionais. Além de que os conectores das comparativas tipo III não apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação (confrontam-se (114) e (115)).

(114) a. O edifício era menos antigo do que parecia.

b. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.

- c. Eles disseram que não gostam tanto da matéria quanto imaginavam.
- d. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que aquilo que deveriam.

- (115)
- a. ?O edifício era antigo e parecia.
 - b. *A associação acolheu crianças e as que podia acolher.
 - c. *Eles disseram que não gostam da matéria ou imaginavam.
 - d. *Algumas crianças admitiram que viam televisão ou aquilo que deveriam.

Verificamos, portanto, que o critério de o conector ligar não só orações, mas também constituintes de qualquer categoria sintática, juntamente com outros critérios, como a simetria dos constituintes funcionalmente equivalentes e o paralelismo com os conectores de coordenação, servem para distinguir as construções comparativas.

Bem como as estruturas de coordenação, apenas as comparativas tipo I podem ligar constituintes de diferentes categorias sintáticas e esses constituintes são funcionalmente equivalentes e simétricos. Além de que somente os conectores das comparativas tipo I apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação.

Por outro lado, as comparativas tipo II podem apresentar estruturas elípticas, em que superficialmente o constituinte conectado não é de natureza oracional. Os constituintes são funcionalmente equivalentes, não são simétricos. Além disso, os conectores das comparativas tipo II não apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação.

Finalmente, as comparativas tipo III não podem ligar constituintes de outras categorias sintáticas que não sejam oracionais, não apresentam equivalência funcional nem simetria entre os constituintes e, ademais, os conectores das comparativas tipo III não apresentam paralelismo em relação aos conectores de coordenação.

3.3.6 (Im)possibilidade de o conector ligar orações infinitivas

Em 3.2.6, constatamos que os conectores de coordenação admitem a presença de uma oração infinitiva, ao passo que os conectores de subordinação requerem necessariamente a presença de uma oração finita.

Da mesma forma, verificamos que somente os conectores das comparativas tipo I (cf. (116)) aceitam ligar orações infinitivas, enquanto os conectores das comparativas tipo II (cf. (117)) e tipo III (cf. (118)) rejeitam.

(116) a. Eles disseram que gostam tanto da matéria quanto gostam do professor.

a'. Eles disseram gostar tanto da matéria quanto gostar do professor.

b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que estudavam.

b'. Algumas crianças admitiram ver mais televisão do que estudar.

(117) a. Eles disseram que gostam tanto da matéria quanto o professor.

a'. *Eles disseram gostar tanto da matéria quanto o professor gostar.

b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que outras.

b'. *Algumas crianças admitiram ver mais televisão do que outras ver.

(118) a. Eles disseram que não gostam tanto da matéria quanto imaginavam.

a'. *Eles disseram não gostar tanto da matéria quanto imaginar.

b. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que aquilo que deveriam.

b'. *Algumas crianças admitiram ver mais televisão do que aquilo que dever.

Do mesmo modo que o teste anterior, esse critério é típico das estruturas de coordenação e serve para diferenciar as comparativas tipo I das comparativas tipo II e tipo III, pois apenas os conectores das comparativas tipo I podem ligar tanto orações finitas quanto orações infinitivas.

3.3.7 (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar

Em 3.2.7, detectamos que esse critério também é típico das estruturas de coordenação e, pelo que vimos até agora, é esperado nas comparativas tipo I.

Constatamos, assim, que pode haver elipse lacunar em comparativas tipo I (cf. (119)), e que não há possibilidade de ocorrência de elipse lacunar em comparativas tipo II (cf. (120)) nem em comparativas tipo III (cf. (121)).

- (119) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.
 a'. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo [-] trabalhador.
 b. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.
 b'. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria [-] poemas aos alunos na escola.

- (120) a. Ela é mais alta do que eu sou alto.
 a'. Ela é mais alta do que eu *(sou) alto.
 b. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar escreveu romances.
 b'. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar *(escreveu) romances.

- (121) a. O edifício era menos antigo do que parecia que era antigo.
 a'. O edifício era menos antigo do que parecia que *(era) antigo.
 b. A associação acolheu tantas crianças esse ano quanto as que acolheu ano passado.
 b'. A associação acolheu tantas crianças esse ano quanto as que *(acolheu) ano passado.

Concluimos, portanto, que os sete critérios sintáticos são indícios que servem para distinguir as comparativas tipo I das comparativas tipo II e tipo III: as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, ao passo que as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação.

Quadro 3 – Critérios sintáticos que distinguem as estruturas das construções comparativas.

Critério sintático	Comparativas tipo I (estruturas coordenadas)	Comparativas tipo II (adjunto de DegP ou QP ou complemento de Deg' ou Q')	Comparativas tipo III (subordinadas relativas)
I	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

II	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
III	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
IV	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
V	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
VI	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
VII	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: Elaboração própria.

Enquanto as comparativas coordenadas rejeitam os critérios I e II, as comparativas subordinadas os permitem; ao contrário, ao passo que as comparativas coordenadas admitem os critérios V, VI e VII, as comparativas subordinadas não os aceitam.

Os critérios III e IV vão além e apontam que as comparativas tipo I não os permitem porque são estruturas coordenadas; as comparativas tipo II admitem ou porque são subordinadas adverbiais (adjunto de DegP ou QP) ou porque possuem outra estrutura subordinada (cf. 4.4, complemento de Deg' ou Q'); e as comparativas tipo III não os aceitam porque são subordinadas relativas.

Portanto, os critérios III e IV podem servir para diferenciar não só as comparativas coordenadas (tipo I) das comparativas subordinadas (tipo II e tipo III), mas também as comparativas subordinadas tipo II das comparativas subordinadas tipo III.

Sendo assim, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, e as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação, mas, enquanto as comparativas tipo II são adjunto de DegP ou QP, ou complemento de Deg' ou Q', as comparativas tipo III são subordinadas relativas.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, introduzimos a proposta de análise sintática para as construções comparativas de grau. Assim como vários autores (cf. Pinkham, 1982a, 1982b, 1984; Napoli, 1983; Lechner, 2001, 2004; Osborne, 2009), destacamos que a sintaxe das comparativas envolve estruturas de coordenação e subordinação, de modo que, em certos casos, o segundo membro da comparação está coordenado

com o material que imediatamente o antecede, enquanto que, em outros momentos, está subordinado a ele.

Na primeira seção, por meio do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos por Osborne (2009), organizamos as construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos), ii) comparativas tipo II (com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos) e iii) comparativas tipo III (sem equivalência funcional e sem simetria).

Na segunda seção, propomos alguns critérios sintáticos para distinguir estruturas de subordinação e estruturas de coordenação. Verificamos que ao passo que as subordinadas adverbiais temporais e as subordinadas relativas permitem os critérios I e II, as estruturas coordenadas não os admitem; e, enquanto as subordinadas adverbiais temporais e as subordinadas relativas não aceitam os critérios V, VI e VII, as estruturas coordenadas os permitem. Em relação aos critérios III e IV, constatamos que as subordinadas relativas não apresentam um comportamento uniforme, podendo aceitá-los ou rejeitá-los; por outro lado, as subordinadas adverbiais temporais os admitem e as estruturas coordenadas os rejeitam.

Na terceira seção, aplicamos os mesmos critérios sintáticos aos três tipos de construções comparativas propostos acima, e verificamos que essa separação foi útil para descrever e analisar diversos aspectos sintáticos dessas construções, pela qual foi possível identificar as especificidades de cada grupo, individualizar as suas propriedades e indicar as suas estruturas sintáticas. Nossa análise demonstrou que as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, ao passo que as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação.

Constatamos que, enquanto as comparativas coordenadas rejeitam os critérios I e II, as comparativas subordinadas os permitem; ao contrário, ao passo que as comparativas coordenadas admitem os critérios V, VI e VII, as comparativas subordinadas não os aceitam.

Os critérios III e IV servem para diferenciar não só as comparativas coordenadas (tipo I) das comparativas subordinadas (tipo II e tipo III), mas também

as comparativas subordinadas tipo II das comparativas subordinadas tipo III: as comparativas tipo I não os permitem porque são estruturas coordenadas; as comparativas tipo II admitem porque são adjunto de DegP ou QP, ou complemento de Deg' ou Q' (discutiremos na seção 4.4); as comparativas tipo III não os aceitam porque são subordinadas relativas.

Sendo assim, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, e as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação, porém, enquanto as comparativas tipo II são adjunto de DegP ou QP, ou complemento de Deg' ou Q', as comparativas tipo III são subordinadas relativas.

4 ESTRUTURAS SINTÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

No capítulo 2, vimos que a “cabeça comparativa” é formada por um quantificador comparativo (*mais*, *menos* ou *tão/tanto(a,os,as)*) e um elemento tal como adjetivo, advérbio, verbo, substantivo (cf. RAE; ASALE, 2009). Assim, em (122a), o quantificador comparativo é *mais*, o elemento adjetival é *alta* e a cabeça comparativa é *mais alta*; em (122b), o quantificador comparativo é *menos*, o elemento nominal é *artigos* e a cabeça comparativa é *menos artigos*; em (122c), a cabeça comparativa é *subiu tanto*, com o elemento verbal *subiu* e o quantificador comparativo *tanto*. Cada construção comparativa pode ter um “segundo membro da comparação”, que é iniciado, em português, pelos conectores comparativos (*do*) *que*, como em (122a, 122b), ou *quanto*, como em (122c).

- (122) a. Ela é *mais alta* do que eu.
b. A Maria escreveu *menos artigos* do que gostaria.
c. O preço do ouro *subiu tanto* quanto o da prata desceu.

Tanto os itens da cabeça comparativa quanto os do segundo membro da comparação apresentam relações complexas de seleção e modificação, seja do ponto de vista semântico ou sintático. De acordo com a maioria das análises propostas (cf. Cresswell, 1976; von Stechow, 1984; Heim, 1985, 2000), os quantificadores comparativos *mais/menos/tão/tanto(a,os,as)* formam uma unidade semântica junto com o segundo termo da comparação e os modificadores que podem precedê-los.

Segundo Matos e Brito (2003), *mais/menos... (do) que e tão/tanto(a,os,as)... quanto* formam uma unidade a nível semântico, mas não sintático, já que *mais/menos* pode ocorrer separado de (*do*) *que* e *tão/tanto(a,os,as)* pode ocorrer separado de *quanto*, sugerindo que os constituintes sintáticos são, por um lado, as sequências *mais/menos/tão/tanto(a,os,as) + adjetivo/advérbio/nome* e, por outro, as sequências (*do*) *que/quanto* + SV/SN.

Já Marques (2013) defende que *mais/menos... (do) que e tão/tanto(a,os,as)... quanto* também formam constituintes sintáticos, mas de natureza descontínua. De acordo com essa abordagem, *mais/menos... (do) que e tão/tanto(a,os,as)... quanto* formam uma unidade a nível semântico e sintático, apesar de (*do*) *que* e de *quanto*

terem autonomia sintática e poderem ser separados de *mais/menos* e de *tão/tanto(a,os,as)*, respectivamente.

Essas observações levaram a diversas análises das construções comparativas, à medida que surgiram propostas mais detalhadas sobre as estruturas de grau. A ampliação da hipótese das categorias funcionais para incorporar elementos de grau possibilitou uma descrição mais elaborada da estrutura dos grupos sintáticos contendo quantificadores de grau.

A relação semântica entre um adjetivo graduável como *alto* e o advérbio *muito* em *muito alto* não é substancialmente diferente daquela entre o mesmo adjetivo e a construção comparativa em *muito mais alto (do) que a Ana*. O adjetivo graduável *alto* não apenas descreve uma propriedade, mas também estabelece uma relação entre um indivíduo (aquele a quem a propriedade se aplica) e um grau associado a essa propriedade (representado pela expressão de grau).

As primeiras propostas que buscam abordar a existência de relações de dependência e seleção entre os elementos que compõem as construções comparativas e atribuir-lhes uma estrutura sintática correspondem a Bowers (1968) e, principalmente, a Bresnan (1973), que argumentam que o elemento comparativo tem a capacidade de selecionar o segundo membro da comparação, e a relação entre eles é semelhante àquela entre um predicado e um complemento.

4.1 ESTRUTURAS DA CABEÇA COMPARATIVA

Conforme apontado por Sáez e Sánchez López (2013), existem duas questões fundamentais na análise estrutural da cabeça comparativa que diferenciam as abordagens entre si: a natureza nuclear ou adjacente dos quantificadores comparativos e a complexidade do sintagma de grau, juntamente com sua organização interna.

Bresnan (1973) e Jackendoff (1977) argumentam que, assim como outros elementos que expressam grau, os quantificadores funcionam como modificadores dos sintagmas que contêm a propriedade graduada. As análises que vieram depois (Abney, 1987; Zwarts, 1993; Corver, 1997a, 1997b; Kennedy, 1997), por outro lado, defendem que eles são núcleos de uma categoria funcional que seleciona o sintagma que expressa a propriedade graduada como seu complemento.

Essas últimas abordagens introduziram a noção de diferentes níveis dentro do domínio funcional e propõem que o sintagma que contém a propriedade graduada (adjetival, adverbial, verbal ou nominal) está dentro dessa categoria funcional, cujo núcleo é um elemento de grau ou quantificador.

Essa perspectiva oferece uma estrutura mais elucidativa para compreender a relação entre o grau expresso e a propriedade graduada, ao envolver duas categorias funcionais: uma associada aos elementos de grau e outra aos elementos quantitativos, favorecendo uma melhor explicação da ordem das palavras.

4.1.1 Cabeça das comparativas de igualdade

Corver (1997a, 1997b) analisa a sintaxe interna dos sintagmas adjetivais, em holandês, e chega à conclusão de que existe uma forte base empírica e teórica para estender a hipótese do núcleo funcional ao sistema adjetival (ou seja, para adotar a hipótese da categoria funcional de grau *DegP*), e que deve ser feita uma distinção entre os dois tipos de categorias funcionais: a categoria funcional de grau (*DegP*) e a categoria funcional de quantificação (*QP*). Essa divisão é representada estruturalmente, com *Deg* selecionando *QP* e *Q* selecionando *AP*.

O autor levanta a discussão sobre a existência de um sistema uniforme de palavras de grau funcional de itens como em (123), defendido por Jackendoff (1977), ou se, dentro da classe de itens de grau funcional, há uma distinção entre aqueles que se assemelham a quantificadores (como *meer*, *minder* e *genoeg*, em inglês, respectivamente *more*, *less* e *enough*) e aqueles que não possuem essa característica (como *zo*, *te*, *hoe* e *even*, em inglês, respectivamente *so*, *too*, *how* e *as*).

(123) *zo, te, hoe, even, meer, minder, genoeg*
'so, too, how, as, more, less, enough'

Corver (1997b) argumenta contra o tratamento uniforme das palavras de grau em (123) e propõe a distinção dos itens em dois tipos de categorias funcionais: a categoria funcional de grau (*DegP*), como em (124a), e a categoria funcional de quantificação (*QP*), como em (124b).

(124) a. *zo, te, hoe, even* (*Deg*)

b. *meer, minder, genoeg* (Q)

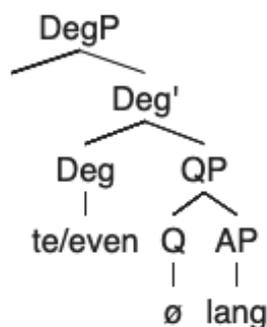
Itens lexicais do tipo categorial Deg ou Q carregam o conteúdo semântico de especificar o grau ou a extensão da propriedade denotada pelo predicado adjetival. De acordo com Zwarts (1993), este grau pode ser interpretado como uma realização de uma propriedade ao longo de uma dimensão escalar de comparação.

No caso da especificação de grau por Deg°, a propriedade denotada pelo adjetivo é realizada de uma forma mais identificacional (como em *even lang als Karel* ‘tão alto quanto Karel’), em que a palavra de grau *even* ‘tão’ identifica um ponto na escala de graus.

Segundo o autor, essa função identificacional e referencial de Deg é uma reminiscência do papel referencial dos determinantes dentro da projeção DP, daí a caracterização de Bresnan (1973) de tais itens como sendo “semelhantes a determinantes”.

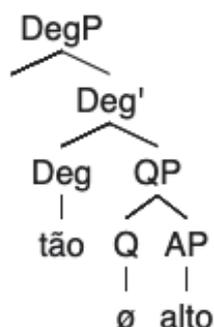
Corver propõe, assim, uma estrutura adjetival articulada com forte paralelismo estrutural entre o sintagma adjetival e o sintagma nominal, em que DegP estaria para DP, por um lado, e QP adjetival estaria para QP nominal, por outro. De acordo com o autor, um sintagma adjetival associado a um item lexical da categoria funcional de grau (DegP) teria a seguinte estrutura (cf. Corver, 1997b, p. 305-306):

(125)



Portanto, a estrutura da cabeça comparativa de igualdade *tão alto* seria:

(126)

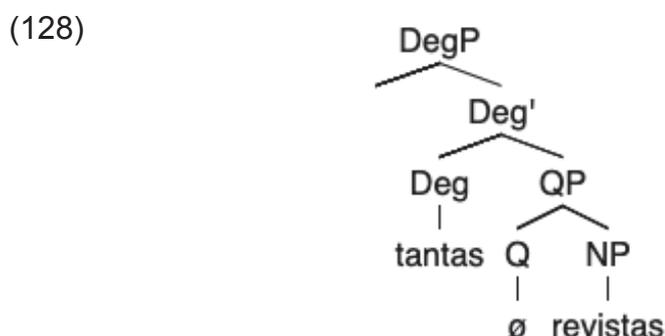


Na seção 2.1.3, vimos que os quantificadores existenciais (*um/uma/uns/umas, algum/alguma/alguns/algumas*) ocorrem em distribuição complementar aos artigos (*o/a/os/as*) e demonstrativos (*esse/essa/esses/essas*), com a diferença de que nesses há uma categoria com o traço [-Quant] e naqueles há uma categoria com o traço [+Quant].

Da mesma maneira, podemos pensar que os quantificadores comparativos *tanto(a,os,as)* ocorrem em distribuição complementar ao elemento de grau *tão*, com a diferença de que nesse há uma categoria com o traço [-Quant], como em (127a), e naqueles há uma categoria com o traço [+Quant], como em (127b).

- (127) a. Ele é *tão* alto quanto eu. [-Quant]
 b. Li *tantas* revistas quanto ela. [+Quant]

Sendo assim, estendemos a proposta de análise de Corver também para as comparativas de igualdade que envolvem sintagmas nominais e argumentamos que os quantificadores comparativos *tanto(a,os,as)* e o elemento de grau *tão* têm distribuição complementar e ocupam a posição de núcleo do DegP. Propomos, então, a seguinte estrutura da cabeça comparativa *tantas revistas*:



4.1.2 Cabeça das comparativas de desigualdade

Como vimos na seção anterior, Corver (1997a, 1997b) analisa a sintaxe interna dos sintagmas adjetivais e fornece evidências para a distinção entre dois tipos de categorias funcionais de grau: uma categoria funcional de grau (DegP) e uma categoria funcional de quantificação (QP).

O autor defende que, dentro da classe de itens de grau funcional, há uma distinção entre aqueles que se assemelham a quantificadores (como *meer, minder* e

genoeg, em inglês, respectivamente *more*, *less* e *enough*) e aqueles que não possuem essa característica (como *zo*, *te*, *hoe* e *even*, em inglês, respectivamente *so*, *too*, *how* e *as*).

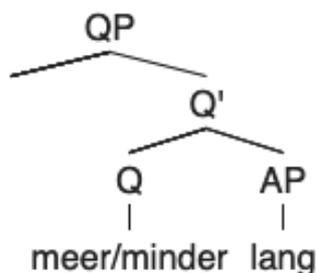
Corver argumenta que os itens de grau semelhantes a quantificadores se comportam de forma diferente das outras palavras de grau em vários aspectos, levando à conclusão de que, além da projeção DegP funcional, uma projeção QP funcional deve ser distinguida dentro do domínio funcional da projeção adjetiva estendida.

Sabemos que uma discussão completa sobre a semântica dos elementos de grau semelhantes a Deg e elementos de grau semelhantes a Q está além do escopo deste trabalho e é definitivamente um tópico para pesquisas futuras.

Se a especificação do grau for realizada por Q°, a propriedade denotada pelo adjetivo é determinada quantitativamente, ou seja, em termos da extensão em que uma propriedade está presente. A propriedade de ser alto, por exemplo, pode se manifestar em diferentes graus de altura: o grau pode exceder algum ponto na escala de altura (como em *langer dan Jan* ‘mais alto (do) que Jan’) ou é menor que algum ponto na escala de graus (como em *minder lang dan Jan* ‘menos alto (do) que Jan’).

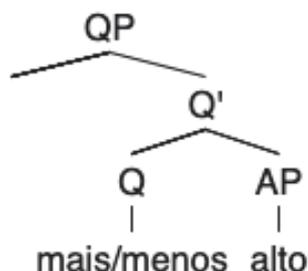
Em seu trabalho, Corver propõe que os quantificadores *meer* ‘mais’ e *minder* ‘menos’ são elementos funcionais de grau da categoria Q. Segundo o autor, um sintagma adjetival associado a um item lexical da categoria funcional de quantificação (QP) teria a seguinte estrutura (cf. Corver, 1997b, p. 305-306):

(129)



Portanto, a estrutura da cabeça comparativa de desigualdade *mais/menos* *alto* seria:

(130)

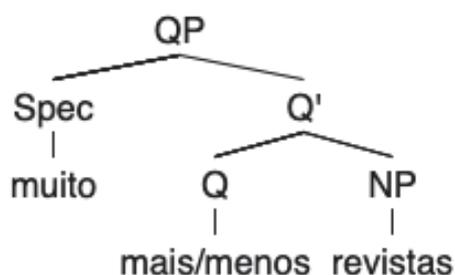


Vimos também que o autor propõe uma estrutura adjetival articulada com forte paralelismo estrutural entre o sintagma adjetival e o sintagma nominal, em que DegP estaria para DP, por um lado, e QP adjetival estaria para QP nominal, por outro.

Sendo assim, estendemos a proposta de análise de Corver também para as comparativas de desigualdade que envolvem sintagmas nominais e argumentamos que os quantificadores comparativos *mais/menos* ocupam a posição de Q no QP, e que esses quantificadores podem ser combinados sob certas condições de compatibilidade semântica com elementos de grau, como *muito*, que pode ocupar a posição de especificador no QP. Dessa forma, propomos que a estrutura da cabeça comparativa *muito mais/menos revistas* da sentença em (131a) seja a representada em (131b).

(131) a. Li *muito mais/menos revistas* do que ela.

b.



4.2 ESTRUTURAS DO SEGUNDO MEMBRO DA COMPARAÇÃO

O segundo membro da comparação levanta algumas questões principalmente sobre o estatuto categorial dos conectores de comparação que encabeçam essas

estruturas, conforme veremos na seção 4.2.1, e sobre a sua configuração estrutural, conforme veremos em 4.2.2 e 4.2.3.

As línguas românicas como o português, o italiano e o espanhol, partilham a propriedade de exibir dois tipos de construções comparativas: as comparativas canônicas (cf. (132)) e as comparativas relativas (cf. (133)).

(132) a. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.

b. Ela é mais alta do que eu.

c. Dante escreveu tantos poemas quanto Petrarca.

d. O edifício era menos antigo do que parecia.

e. A associação acolheu tantas crianças quanto podia acolher.

(133) a. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que aqueles que a Maria lê aos alunos na escola.

b. Ela é mais alta do que aquilo que eu sou.

c. Dante escreveu tantos poemas quanto aqueles que Petrarca escreveu.

d. O edifício era menos antigo do que aquilo que parecia.

e. A associação acolheu tantas crianças quanto aquelas que podia acolher.

Como verificam Matos e Brito (2008), as comparativas canônicas apresentam um forte conteúdo quantificacional. Conforme Donati (1997), em italiano, é instanciado por uma espécie de relativa livre com um elemento quantificacional expreso (*quanto*). Em português, apesar de esse elemento quantificacional não ser expreso, ele parece fazer parte da estrutura e pode ser representado por um quantificador nulo [_Q Ø], como veremos na seção 4.2.2.

As comparativas relativas, por outro lado, apresentam um conteúdo quantificacional mais fraco, que é instanciado por uma oração relativa expressa com um elemento quantificacional mais fraco (um artigo ou um demonstrativo) seguido de um complementizador (*que*), como veremos em 4.2.3.

4.2.1 Análise morfossintática dos conectores de comparação em português

Em relação à forma dos conectores de comparação em português, verificamos que o conectivo de desigualdade *do que* também pode ser pronunciado pela forma reduzida *que*, e, à primeira vista, *do que* poderia ser analisado como uma preposição mais um constituinte relativo (elemento-*wh*). Como podemos ver em (134), há orações relativas que podem se iniciar por essa forma.

- (134) a. Falei *do que* me lembrava naquele momento.
b. Frango assado, gosto *do que* é vendido no açougue.

Entretanto, Matos e Brito (2008) fornecem indícios de que *de* não funciona como uma preposição nem age de forma independente do elemento *o que*, ao contrário do que ocorre em italiano (cf. (135a)) e espanhol (cf. (135b)).

- (135) a. Paolo ha mangiato più biscotti [PP *di* [CP [*wh quanti*]_i ne ha mangiati [-]_i Maria]] (Donati, 1997)
b. Juan compró más periódicos [PP *de* [CP *los que* compró Maria]] (Brucart, 2003)

Em português, a falta de autonomia de *de* é confirmada pelo fato de não ser capaz de atribuir caso ou de introduzir uma construção comparativa (cf. (136a)). Em contraste, *than* em inglês (cf. (136b)) e *di* em italiano (cf. (136c)) têm a capacidade de atribuir caso e introduzir uma comparação, funcionando, assim, como preposições.

- (136) a. *Ela é mais alta de mim.
b. She is taller than me.
c. Lei è più alta di me.

As autoras também evidenciam que o comportamento do elemento *o que* difere em construções comparativas (cf. (137)) e em orações relativas (cf. (138)). Nestas últimas, ele pode ocorrer tanto de forma livre, como exemplificado em (138a), quanto de forma encabeçada, conforme ilustrado em (138b).

- (137) Os críticos elogiaram mais o quadro [do que o artista].

- (138) a. Ele admira [o que é belo].
b. Ele ouviu [tudo o [que você disse]].

Segundo Brito (1988), em orações relativas, o termo *o que* é estruturalmente ambíguo. Em relativas livres (cf. (138a)), *o que* é analisado como um único elemento-*wh* composto pelo artigo definido *o* mais o pronome relativo *que*. Já em relativas encabeçadas (cf. (138b)), o elemento *o* é interpretado como equivalente ao pronome demonstrativo "aquilo" e desempenha o papel de antecedente em uma oração relativa encabeçada pelo complementizador *que*.

De acordo com a autora, nas relativas livres, o elemento *o* de *o que* concorda em gênero e número com o seu referente (cf. (139)). Essa concordância não ocorre em relativas encabeçadas (cf. (140)) e em construções comparativas (cf. (141)).

- (139) a. Castanhas assadas, gosto das *que* se vendem na rua.
b. Os *que* nos amam querem-nos sempre bem.

- (130) a. Gosto de tudo *o que* se vende na rua.
b. Essa criança lê tudo *o que* os amigos lhe dão.

- (141) a. Gosto mais das castanhas assadas *que* se vendem na rua *do que* das *que* se fazem em casa.
b. Querem-nos sempre bem mais os *que* nos amam *do que* os *que* nos admiram.

Diferente das relativas encabeçadas em que o elemento *o* em *o que* é invariável e opera como um termo genérico, precedendo uma oração relativa introduzida pelo complementizador *que* (cf. (140)), nas construções comparativas, embora pudesse assumir a forma do seu referente, o elemento *o* em *o que* é invariável (cf. (141)).

Em contraste com a leitura de uma sentença comparativa, como exemplificado em (142a), a sentença ilustrada em (142b) é interpretada como uma construção partitiva.

- (142) a. Ele comprou mais jornais *do que* nós compramos.
b. #Ele comprou mais jornais *dos que* nós compramos.

Outra evidência que diferencia as construções comparativas e as orações relativas refere-se à sua distribuição. Enquanto, em uma construção comparativa, os conectores de comparação (*do que/quanto*) podem coexistir com um elemento-*wh*

(cf. (143)), em uma oração relativa dois elementos-*wh* não podem co-ocorrer (cf. (144)).

- (143) a. Ela é mais alta [do que] [o que] a mãe é.
b. Querem-nos sempre bem mais os que nos amam [do que] [os que] nos admiram.
c. Os críticos elogiaram tanto o quadro [quanto] [quem] o pintou.
d. Gosto tanto das castanhas assadas que se vendem na rua [quanto] [das que] se fazem em casa.
- (144) a. *Ela é alta [quanto] [o que] a mãe é.
b. *Querem-nos sempre bem os que nos amam e [os que] [quem] nos admiram.
c. *Os críticos elogiaram o quadro e [quem] [quanto] o pintou.
d. *Gosto das castanhas assadas que se vendem na rua e [das que] [as que] se fazem em casa.

Os dados apresentados indicam que não há evidência para analisar o conectivo de desigualdade *do que* como uma preposição mais um constituinte relativo (elemento-*wh*). Nossa proposta vai ao encontro de Matos e Brito (2008), para quem *do que* se comporta como uma forma “fossilizada”, na qual nenhuma segmentação parece ser justificada em termos sincrônicos.

Estendemos, ainda, a proposta para o conectivo de igualdade *quanto*, pois também não há evidência para analisá-lo como um constituinte relativo (elemento-*wh*). Esse fato corrobora a observação feita no início desse trabalho em relação à forma do conector de comparação *quanto*, que pode assumir uma forma variável e outra invariável, sendo que esta última, além de ser a mais produtiva, também se comporta como uma forma “fossilizada”.

4.2.2 Segundo membro das comparativas canônicas

Como sugerido em 4.2, de acordo com o segundo membro da comparação, as construções comparativas podem apresentar dois padrões estruturais diferentes: as comparativas canônicas e as comparativas relativas.

Nesta seção, falaremos do segundo membro das comparativas canônicas (cf. (145)) que, conforme verificam Donati (1997) e Matos e Brito (2008), apresenta um forte conteúdo quantificacional.

- (145) a. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que a Maria lê poemas aos alunos na escola.
 b. Ela é mais alta do que eu.
 c. Dante escreveu tantos poemas quanto Petrarca.
 d. O edifício era menos antigo do que parecia.
 e. A associação acolheu tantas crianças quanto podia acolher.

De acordo com Donati (1997), em italiano, o segundo membro da comparação é instanciado por uma espécie de relativa livre com um elemento quantificacional *quanto* expresso. A autora observa as semelhanças entre os dois tipos de orações, em que o elemento *quanto* em construções comparativas (cf. (146)) pode funcionar como uma relativa livre (cf. (147)).

(146) Maria ha fatto più [XP [X' [X di] [QP/CP [Q/C *quanto*]_i mi sarei aspettato che facesse [-]_i]]]

Maria tem feito mais do que *quanto* me teria esperado que fizesse

“Maria fez mais do que [Q/C ∅] eu esperava que fizesse”

(147) Maria non ha fatto [QP/CP [Q/C *quanto*]_i mi sarei aspettato che facesse [-]_i]

Maria não tem feito *quanto* me teria esperado que fizesse

“Maria não fez [_{wh} o *que*] eu esperava que fizesse”

Segundo esta análise, a mesma abordagem é dada tanto às comparativas canônicas quanto às comparativas relativas, já que o segundo membro da comparação pode ser introduzido tanto por um QP (comparativa canônica), como em (148), quanto por um CP (comparativa relativa), como em (149).

(148) Maria ha mangiato più biscotti [XP [X' [X di] [QP/CP [Q/C *quanti*]_i

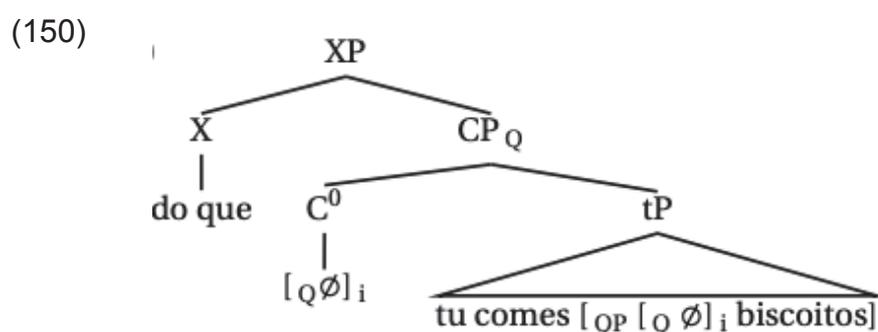
Maria tem comido mais biscoitos do que *quanti*
 ne ha mangiati [-]_i Giulia]]]

deles tem comido Giulia

“Maria comeu mais biscoitos do que [Q/C ∅] Giulia comeu”

(149) Maria ha mangiato più biscotti [_{XP} [_{X'} [_X di] [_{QP/CP} [_{Q/C} *quelli che*]
 Maria tem comido mais biscoitos do que *aqueles que*
 ha mangiato [-]_i Giulia]]
 tem comido Giulia
 “Maria comeu mais biscoitos do que [_{Q/C} *aqueles que*] Giulia comeu”

Em PE, Matos e Brito (2008) propõem uma estrutura parecida para o segundo membro das construções comparativas canônicas, porém o elemento quantificacional é implícito e pode ser representado por um quantificador nulo, [_Q ∅], conforme a estrutura em (150) extraída de Matos e Brito (2008, p. 314):



Nesta representação, de acordo com as autoras, a construção comparativa canônica é analisada como um CP e operações internas alçam o núcleo quantificado nulo, [_Q ∅], do sintagma quantificado [_{QP} ∅ biscoitos] para C. O valor quantificacional passa até CP, que é interpretado como uma sentença quantificacional, representado como CP_Q.

No entanto, como podemos confrontar em (146) e (147), em português, parece que não há a mesma correspondência entre o elemento quantificacional nulo [_Q ∅] em construções comparativas (cf. (146)) e o elemento-*wh* o *que* em relativas livres (cf. (147)).

Conforme as autoras afirmam, as comparativas canônicas apresentam um forte conteúdo quantificacional e as comparativas relativas apresentam um conteúdo quantificacional mais fraco.

Vimos que, em português, apesar de esse elemento quantificacional não ser expresso no segundo membro das comparativas canônicas, ele faz parte da estrutura e é representado por um quantificador nulo [_Q ∅].

4.2.3 Segundo membro das comparativas relativas

Por outro lado, como sugerem Matos e Brito (2008), o segundo membro das comparativas relativas (cf. (151)) em português, espanhol ou italiano apresenta um conteúdo quantificacional mais fraco, que é instanciado por uma oração relativa expressa com um elemento quantificacional mais fraco (um artigo ou um demonstrativo) seguido de um complementizador (*que*), um elemento-*wh*.

- (151) a. A Ana lê menos contos aos filhos em casa do que aqueles que a Maria lê aos alunos na escola.
b. Ela é mais alta do que aquilo que eu sou.
c. Dante escreveu tantos poemas quanto aqueles que Petrarca escreveu.
d. O edifício era menos antigo do que aquilo que parecia.
e. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.

A noção de *de que* no segundo membro de uma comparativa canônica há um elemento-*wh* é bastante conhecida na literatura. Em inglês, Chomsky (1977) propõe que as construções comparativas sejam analisadas como *wh*-CPs com um elemento-*wh* nulo [_{wh} Ø], inseridas em PPs encabeçados por *than*, como indicado em (152).

- (152) John is taller [_{PP} than [_{CP} [_{wh} Ø]_i [_{TP} Mary is [-]_i]]]
John é mais alto do que WH Mary é

Em russo, Philippova (2017, p. 2) observa que uma das maneiras de introduzir o segundo membro de uma construção comparativa é por meio do elemento-*wh* *čem*, literalmente *what/o que*, considerado uma conjunção no Corpus Nacional Russo, como ilustrado em (153).

- (153) Ivan (prygaet) vyše čem (prygaju) ja.
Ivan.NOM (pula) mais alto WH (pula.1SG) 1SG.NOM
“Ivan {é mais alto; pula mais alto} do que eu”

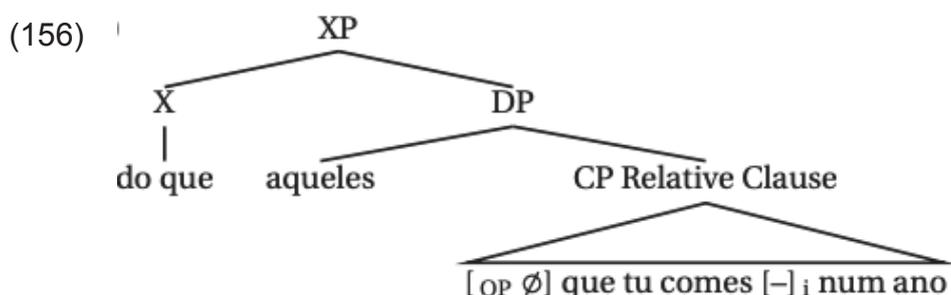
Em servo-croata, Matos e Brito (2008, p. 309) também apontam que o segundo membro de uma construção comparativa pode ser introduzido por um elemento-*wh* *što*, literalmente *what/o que*, como indicado em (154).

- (154) Marija je viša [PP nego [whP (što je) Petar]]
 Marija é mais alta do que WH é Petar
 “Marija é mais alta do que Petar”

Neste caso, a quantidade é simplesmente expressa pelo número: plural, quando está envolvido um nome contável, como em (155a); e singular quando está em jogo um nome massivo, como em (155b), ou outro predicado que não seja nominal, como em (155c).

- (155) a. Ela come mais *chocolates* num dia [XP [X do que] [DP [D *aqueles*]_i [CP [C que] tu comes [-]_i num ano]]].
 b. Ela come mais *açúcar* [XP [X do que] [DP [D *aquilo*]_i [CP [C que] devia comer [-]_i]].
 c. Ela é mais *alta* [XP [X do que] [DP [D *aquilo*]_i [CP [C que] eu sou [-]_i]].

Em 2.1.3, vimos que os artigos e demonstrativos possuem o traço [-Quant]. Dessa forma, constatamos que o elemento-*wh o/aquilo que* possui um conteúdo quantificacional fraco e faz parte da estrutura que introduz o segundo membro das comparativas relativas. Sendo assim, a estrutura do segundo membro da construção comparativa relativa em (155a) é representada em (156), conforme Matos e Brito (2008, p. 314):



Resumindo, de acordo com as propostas em 4.2.2 e 4.2.3, as línguas românicas possuem duas grandes estratégias sintáticas para formar o segundo membro das construções comparativas: uma com conteúdo quantificacional forte e outra com conteúdo quantificacional mais fraco, em que a quantidade é simplesmente apresentada no número (singular ou plural) do antecedente da relativa.

O segundo membro das comparativas canônicas apresenta um conteúdo quantificacional forte e corresponde a uma espécie de relativa livre com um elemento quantificacional, que pode ser expresso (como em italiano) ou nulo (como em português).

Por outro lado, o segundo membro das comparativas relativas apresenta um conteúdo quantificacional mais fraco e corresponde a uma oração relativa expressa com um elemento quantificacional mais fraco (um artigo ou um demonstrativo) seguido de um complementizador (*que*), um elemento-*wh*; neste caso, a quantidade é dada apenas pelo número (singular ou plural) do antecedente da relativa.

4.3 ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO I

Na seção 3.3, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo I comportam-se sintaticamente de modo semelhante às estruturas de coordenação.

4.3.1 Conectores de comparação

Baseando-nos nos critérios utilizados por Napoli (1983), para o inglês, e por Napoli e Nespor (1986), para o italiano, constatamos que, em português, os conectores de comparação (*do*) *que* e *quanto* são conectivos coordenativos⁴ (como *e*, *ou* e *mas*) nas construções comparativas tipo I, pois apenas conectivos coordenativos podem introduzir a projeção máxima de qualquer categoria principal e ainda outras menores, no nível oracional e sintagmático:

- (157) a. Comi tanta [carne]_{SN} quanto [peixe]_{SN}
b. A Ana é menos [simpática]_{Adj} do que [inteligente]_{Adj}
c. É melhor dá-lo [ao Pedro]_{SP} do que [ao João]_{SP}
d. É melhor [se vai embora]_{Cond} do que [se fica de má vontade]_{Cond}
e. Quer saber tanto [o que você deseja]_{Int} quanto [do que você precisa]_{Int}
f. Amo tanto [esta]_{Dem} quanto [aquela]_{Dem} cor.
g. O João é mais [pró-]_{Pref} do que [anti-]_{Pref} comunista.

⁴ Adotamos aqui a nomenclatura de Perini (2005, p. 333), para o qual o conectivo coordenativo “tem como função sintática juntar dois (ou mais) constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior que pertence à mesma classe dos constituintes conectados”.

Os conectivos coordenativos devem introduzir um item de mesma categoria sintática (funcional) do item com o qual a comparação é feita; em (157), *(do) que* e *quanto* comparam itens de mesma categoria, mas a comparação não é gramatical se as categorias não forem as mesmas (cf. (158)).

- (158) a. *Comi tanta [carne]_{SN} quanto [inteligente]_{Adj}
 b. *A Ana é menos [simpática]_{Adj} do que [peixe]_{SN}
 c. *É melhor dá-lo [ao Pedro]_{SP} do que [do que você precisa]_{Int}
 d. *É melhor [se vai embora]_{Cond} do que [ao João]_{SP}
 e. *Quer saber tanto [o que você deseja]_{Int} quanto [se fica de má vontade]_{Cond}
 f. *Amo tanto [esta]_{Dem} quanto [anti-]_{Pref} cor.
 g. *O João é mais [pró-]_{Pref} do que [aquele]_{Dem} comunista.

Além de cada item do segundo membro da coordenação ter um item funcionalmente equivalente no primeiro membro da coordenação, os itens comparados devem estar flanqueados para que sejam simétricos, ou seja, os conectivos coordenativos *(do) que* e *quanto* devem introduzir uma série que seja simétrica à série imediatamente precedida por eles (cf. (159)).

- (159) a. [O Pedro]_{SN} [é]_V menos [estudioso]_{Adj} do que [o Paulo]_{SN} [é]_V [trabalhador]_{Adj}
 b. A Lisa tocou o sax mais [tristemente]_{Adv} do que [apaixonadamente]_{Adv}
 c. [O preço do ouro]_{SN} [subiu]_V tanto quanto [o da prata]_{SN} [desceu]_V
 d. [Antigamente]_{Adv} [se ouvia menos rádio]_{SV} do que [hoje em dia]_{Adv} [se vê televisão]_{SV}
 e. [A Ana]_{SN} [lê]_V menos [contos]_{SN} [aos filhos]_{SP} [em casa]_{Adv} do que [a Maria]_{SN} [-]_V [poemas]_{SN} [aos alunos]_{SP} [na escola]_{Adv}

Além disso, gostaríamos de destacar o paralelismo existente entre as estruturas coordenadas e as comparativas tipo I (cf. (160)). Os exemplos que seguem não pretendem saturar todas as posições possíveis de ocorrência da coordenação ou da comparação, mas mostrar que podem aparecer em inúmeras posições.

(160) a. [Os meninos enviaram flores para ele hoje] e [as meninas entregaram chocolates para ela ontem].

a'. [Mais meninos enviaram flores para ele hoje] do que [meninas entregaram chocolates para ela ontem].

b. [Os meninos enviaram flores para ele hoje] e [as meninas entregaram chocolates para ela ontem].

b'. [Os meninos enviaram mais flores para ele hoje] do que [as meninas entregaram chocolates para ela ontem].

c. [Os meninos enviaram flores] e [as meninas entregaram chocolates] para ele hoje.

c'. [Mais meninos enviaram flores] do que [meninas entregaram chocolates] para ele hoje.

d. [Os meninos enviaram flores] e [as meninas entregaram chocolates] para ele hoje.

d'. [Os meninos enviaram mais flores] do que [as meninas entregaram chocolates] para ele hoje.

e. [Os meninos] e [as meninas] enviaram flores para ele hoje.

e'. [Mais meninos] do que [meninas] enviaram flores para ele hoje.

f. Os meninos [enviaram flores] e [entregaram chocolates] para ele hoje.

f'. Os meninos [enviaram mais flores] do que [entregaram chocolates] para ele hoje.

g. Os meninos enviaram [flores] e [chocolates] para ele hoje.

g'. Os meninos enviaram [mais flores] do que [chocolates] para ele hoje.

Constatamos, pois, que os conectores de comparação (*do*) *que* e *quanto* são conectivos coordenativos nas construções comparativas tipo I.

4.3.2 Estrutura: coordenada

Segundo Matos (2003), uma estrutura de coordenação é estabelecida pela presença de uma conjunção (elemento morfológicamente não flexionável), cuja função é explicar o nexo entre os membros coordenados. Uma conjunção pode

ocorrer isoladamente (*e, nem, ou, mas*) ou pode requerer a presença de um correlato no primeiro membro da coordenação. No primeiro caso, as estruturas de coordenação mobilizam uma conjunção simples; no segundo caso, como podemos ver em (161), as locuções conjuntivas (*não só... mas também, tanto... quanto, ora... ora*) são chamadas de conjunções correlativas e assumem uma forma descontínua.

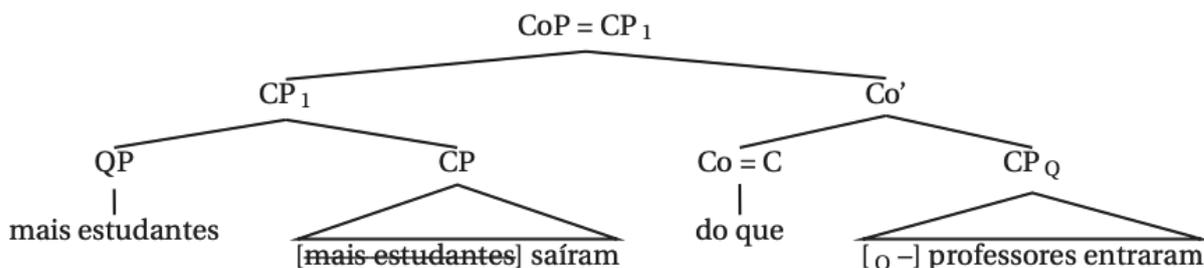
- (161) a. Ele leu *não só* artigos *mas também* duas teses.
 b. *Tanto* o Paulo, *quanto* a Maria, *quanto* o Pedro vão sair de férias.
 c. Ela lê *ora* romances, *ora* contos, *ora* poesias.

Este modelo é apresentado em Larson (1985) e Johannessen (2005) para as conjunções correlativas *either... or* (cf. (162)). Na sintaxe, *either* é um elemento interno ao primeiro conjunto, como em (162a), mas, na semântica, deve ter escopo sobre toda a estrutura coordenada, como representado em (162b).

- (162) a. [[Mary *either* is driving to the airport] [*or* she is taking a cab]] (Larson, 1985)
 b. [*either* [_{ConjP} Mary *either* is driving to the airport *or* she is driving a cab]] (Johannessen, 2005)

Matos e Brito (2008) defendem que as construções comparativas são estruturas de coordenação correlativa e que o conector comparativo (*do*) *que* é uma conjunção que requer a presença de um correlato (elemento de grau/quantidade) no primeiro membro da comparação. Segundo esta análise, o conector comparativo (*do*) *que* liga dois CPs, como indicado em (163a), cuja representação sintática em (163b) encontra-se em Matos e Brito (2008, p. 325).

- (163) a. [_{CoP} [_{CP} [_{QP} mais estudantes] [_{CP} [mais estudantes] saíram]] [_{Co'} [_{Co} do que] [_{CP} [_{Q -}] professores entraram]]]
 b.



Da mesma maneira que as autoras, assumimos que as construções comparativas tipo I têm uma estrutura de coordenação correlativa e que os conectores comparativos (*do*) *que* e *quanto* são conjunções que requerem a presença de um correlato (elemento de grau/quantidade) no primeiro membro da comparação.

No entanto, diferentemente da abordagem delas que considera que a conjunção (*do*) *que* liga dois CPs, propomos que os conectores comparativos (*do*) *que* e *quanto* estabelecem a relação entre dois IPs/VPs, e que, de acordo com a abordagem de Corver (1997a, 1997b), os elementos de grau/quantidade *tão/tanto(a,os,as)* pertencem à categoria Deg e os elementos de grau/quantidade *mais/menos* pertencem à categoria Q, como discutido nas seções 4.1.1 e 4.1.2.

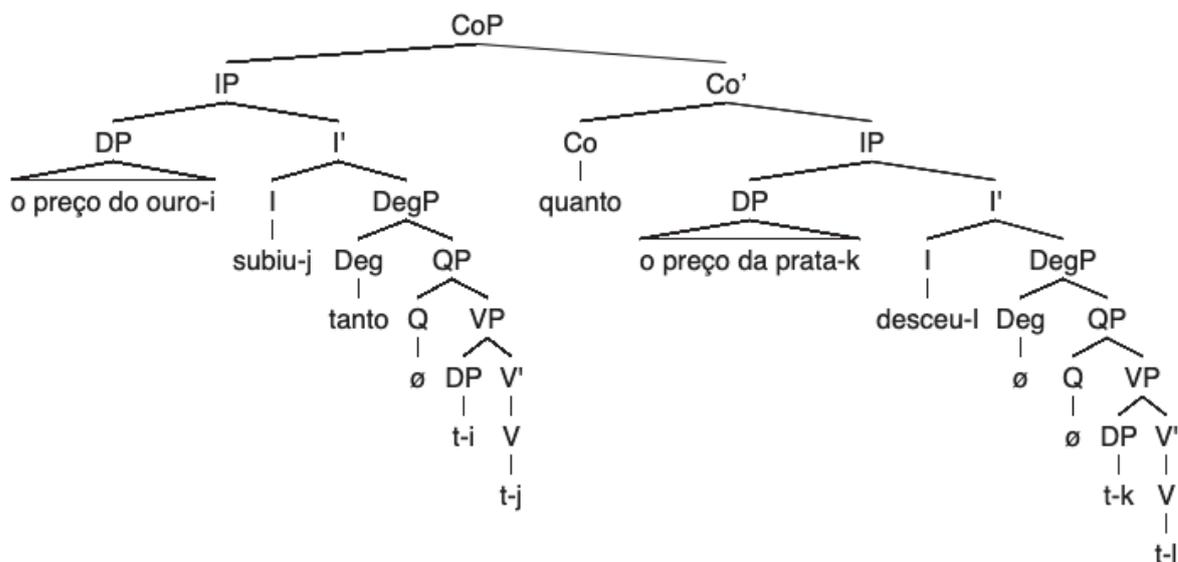
Em 2.1.6, também vimos que, desde Bresnan (1973), é comum assumir que no segundo membro da comparação há um componente implícito de grau/quantidade, desencadeado pela presença de palavras relacionadas ao grau/quantidade no primeiro membro comparado.

Desse modo, *mais/menos* e *tão/tanto(a,os,as)* surgem associados ao primeiro membro da comparação/coordenação; (*do*) *que* e *quanto* ocorrem entre os dois membros da comparação/coordenação e estabelecem, de fato, a comparação, sendo conjunções que correspondem ao núcleo da construção comparativa/coordenada.

Propomos, então, a seguinte representação sintática para as comparativas de igualdade tipo I, conforme os exemplos em (164) e (165).

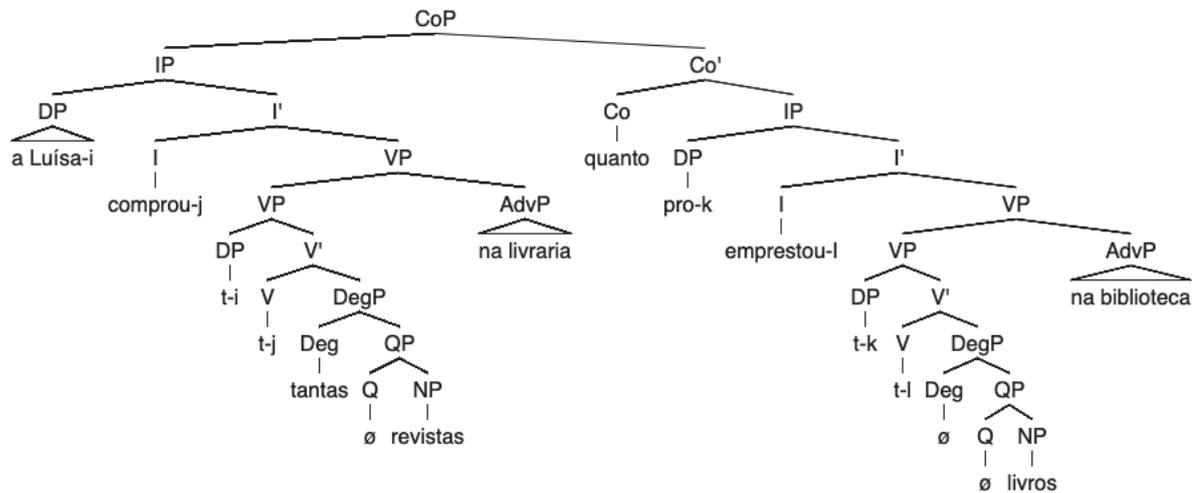
(164) a. O preço do ouro subiu tanto quanto o preço da prata desceu.

b.



(165) a. A Luísa comprou tantas revistas na livraria quanto emprestou livros na biblioteca.

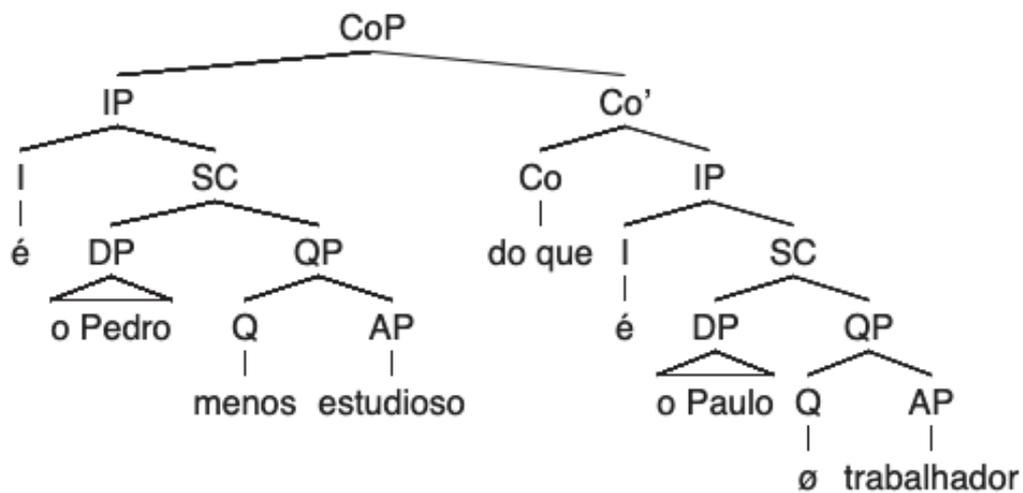
b.



E, para as comparativas de desigualdade tipo I, propomos a seguinte representação sintática, conforme os exemplos em (166) e (167).

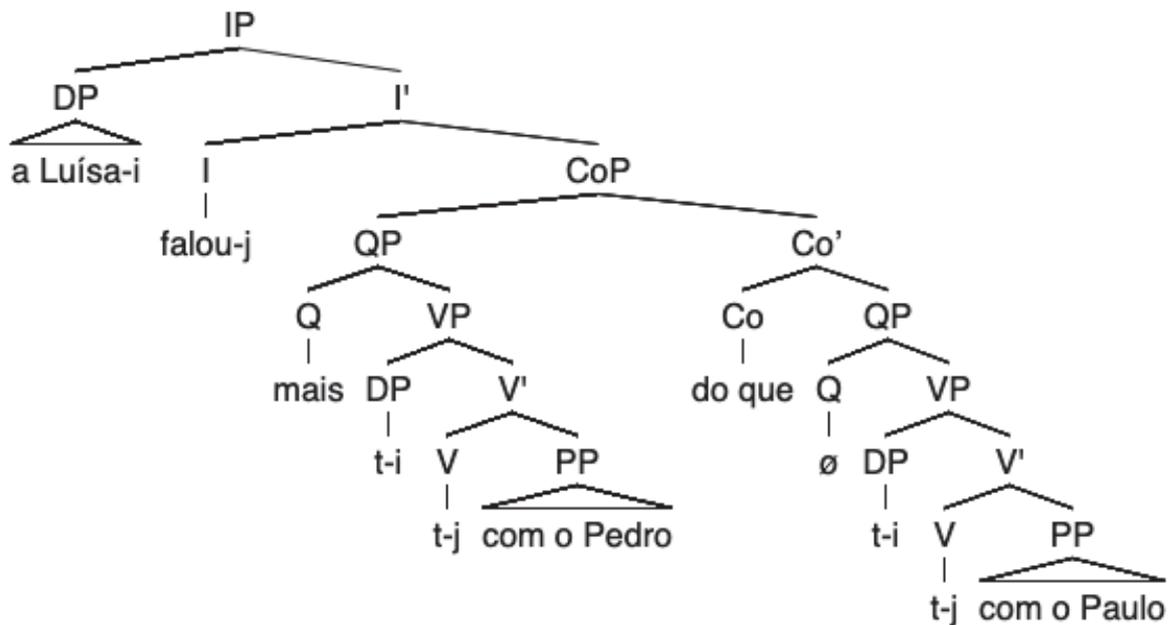
(166) a. O Pedro é menos estudioso do que o Paulo é trabalhador.

b.



(167) a. A Luísa falou mais com o Pedro do que com o Paulo.

b.



4.4 ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO II

Na seção 3.3, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo II comportam-se sintaticamente de maneira semelhante às estruturas de subordinação, que podem ser adjunto de DegP ou QP (subordinadas adverbiais), ou complemento de Deg' ou Q' (como discutiremos especificamente nas seções 4.4.2 e 4.4.3).

4.4.1 Conectores de comparação

Em português, os conectores de comparação (*do*) *que* e *quanto* são conectivos subordinativos⁵ nas construções comparativas tipo II. Enquanto os conectivos coordenativos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo I introduzem todas as categorias principais e ainda outras menores, os conectivos subordinativos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo II introduzem prevalentemente SNs (cf. (168)).

- (168) a. Ela é mais alta do que [eu]_{SN}
 b. O Pedro canta tão bem quanto [o Paulo]_{SN}
 c. A Maria emagreceu menos do que [a Luísa]_{SN}

⁵ Adotamos aqui a nomenclatura de Perini (2005, p. 333), para o qual o conectivo subordinativo “tem como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O”.

- d. O preço do diesel subiu tanto quanto [o preço da gasolina]_{SN}
- e. Machado de Assis escreveu menos romances do que [José de Alencar]_{SN}

À diferença das comparativas tipo I, cujos itens comparados devem estar flanqueados para que sejam simétricos, isto é, os conectivos coordenativos (*do*) *que* e *quanto* introduzem uma série que é simétrica à série imediatamente precedida por eles, os itens comparados nas comparativas tipo II não estão flanqueados, ou seja, os conectivos subordinativos (*do*) *que* e *quanto* introduzem uma série que não é simétrica à série imediatamente precedida por eles (cf. (169)).

- (169) a. [Ela]_{SN} [é]_V mais [alta]_{Adj} do que [eu]_{SN}
- b. [O Pedro]_{SN} [canta]_V tão [bem]_{Adv} quanto [o Paulo]_{SN}
 - c. [A Maria]_{SN} [emagreceu]_V menos do que [a Luísa]_{SN}
 - d. [O preço do diesel]_{SN} [subiu]_V tanto quanto [o preço da gasolina]_{SN}
 - e. [Machado de Assis]_{SN} [escreveu]_V menos [romances]_{SN} do que [José de Alencar]_{SN}

Além disso, gostaríamos de destacar que não existe paralelismo entre as estruturas coordenadas e as comparativas tipo II (cf. (170)).

- (170) a. *[Ela é alta] e [eu].
- a'. [Ela é mais alta] do que [eu].
 - b. *[O Pedro canta bem] e [o Paulo].
 - b'. [O Pedro canta tão bem] quanto [o Paulo].
 - c. *[A Maria emagreceu] ou [a Luísa].
 - c'. [A Maria emagreceu menos] do que [a Luísa].
 - d. *[O preço do diesel subiu] mas [o preço da gasolina].
 - d'. [O preço do diesel subiu tanto] quanto [o preço da gasolina].
 - e. *[Machado de Assis escreveu romances] mas [José de Alencar].
 - e'. [Machado de Assis escreveu menos romances] do que [José de Alencar].

As comparativas tipo II introduzidas pelos conectivos subordinativos (*do*) *que*/*quanto* assemelham-se a vários tipos de SPs por terem a função de modificar um predicado, como em (171), ou de equilibrar dois argumentos, como em (172).

- (171) a. O Luis está estudando tanto quanto o ano passado.
b. O Luis vai de carro.

- (172) a. O Luis está estudando mais do que o João.
b. Prefiro chá a café.

Assim como observa Kennedy (1997, p. 212-213) em inglês (cf. (173a)) e Napoli e Nespor (1986, p. 624) em italiano (cf. (174a)), é importante salientar que a sentença comparativa (175a) em português é ambígua.

- (173) a. Max is more eager to meet Susan than Alice.
a'. 'Max está mais ansioso para conhecer Susan do que Alice'
b. 'Max está mais ansioso para conhecer Susan do que ele está ansioso para conhecer Alice'
c. 'Max está mais ansioso para conhecer Susan do que Alice está ansiosa para conhecê-la'

- (174) a. Amo Marta più di Luca.
a'. 'Amo mais Marta do que Luca'
b. 'Amo mais Marta do que amo Luca'
c. 'Amo mais Marta do que Luca a ama'

- (175) a. Amo mais Carlos do que Luis.
b. 'Amo mais Carlos do que amo Luis'
c. 'Amo mais Carlos do que Luis o ama'

Kennedy (1997) verifica que, ao extrair um elemento-*wh* da sentença (173a) para a posição inicial, a ambiguidade desaparece (cf. (176)), restando apenas a leitura correspondente a (173c). Este fato decorre porque a extração de um elemento-*wh* requer que a estrutura sintática de (176) seja de subordinação, uma vez que a estrutura de coordenação não permite a extração-*wh*.

- (176) a. [Who]_i is Max more eager to meet Susan than t_i?
a'. [Do que quem]_i Max está mais ansioso para conhecer Susan t_i?

Napoli e Nespor (1986) constatam o paralelismo entre as comparativas com a preposição *dí* em italiano e outros SPs, em que o SN seguinte a uma preposição pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente. Sucede o mesmo

em português, como demonstra o exemplo em (175), que representa os dois papéis temáticos em uma comparativa tipo II, enquanto o exemplo em (177) ilustra os dois papéis temáticos em SPs não-comparativos.

- (177) a. Vi o leão com Carlos.
b. 'Vi o leão que estava com Carlos'
c. 'Carlos e eu vimos o leão'

As autoras também observam que, confrontando-se (178a) e (178b), o SN seguinte à preposição *di*, em (178a), pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente; já o SN seguinte ao coordenador *che*, em (178b), pode ter apenas o papel temático de paciente.

- (178) a. Amo Marta più di Luca.
a'. 'Amo mais Marta do que Luca'
b. Amo Marta più che Luca.
b'. 'Amo mais Marta do que amo Luca'

O constituinte que segue o conectivo subordinativo (*do*) *que/quanto* não pode ser extraído (cf. (179)), assim como o complemento de uma preposição não pode ser extraído (cf. (180)).

- (179) a. *[Quem]_i ela é mais alta do que t_i?
b. *[O que]_i o preço do diesel subiu tanto quanto t_i?

- (180) a. *[Quem]_i eu confio em t_i?
b. *[Quem]_i falaram de t_i?

Em italiano, a preposição *di* governa o caso oblíquo tanto nas comparativas tipo II (cf. (181)) quanto em não-comparativas (cf. (182)).

- (181) a. Sono più grande di {te/*tu}.
Sou mais grande de {ti/*tu}
'Sou mais velho do que tu'
b. Luisa ha scritto più articoli di {me/*io}.
Luisa tem escrito mais artigos de {mim/*eu}
'Luisa escreveu mais artigos do que eu'

- (182) a. Mi fido di {te/*tu}.
 Me confio de {ti/*tu}
 'Eu confio em ti'
- b. Hanno parlato di {me/*io}.
 Têm falado de {mim/*eu}
 'Falaram de mim'

Em inglês, observa-se o mesmo fato: a preposição *than* governa o caso oblíquo nas comparativas tipo II (cf. (183)), bem como o faz outras preposições (cf. (184)).

- (183) a. You 're older than {us/*we}.
 Você é mais velho do que {nos/*nós}
 'Você é mais velho do que nós'
- b. Luisa has written more articles than {me/*I}.
 Luisa tem escrito mais artigos do que {mim/*eu}
 'Luisa escreveu mais artigos do que eu'

- (184) a. You 've been hearing about {me/*I}.
 Você tem estado ouvindo sobre {mim/*eu}
 'Você tem ouvido falar de mim'
- b. They've been talking about {us/*we}.
 Eles têm estado falando sobre {nos/*nós}
 'Eles têm falado de nós'

Assim, Napoli (1983) propõe que há dois *than*'s em inglês - um coordenador e uma preposição - e argumenta que, para muitos falantes de inglês, um pronome que segue *than* nunca é nominativo (cf. (183)), a menos que o material que antecede imediatamente *than* seja nominativo (cf. (185)).

- (185) a. She more than {I/*me} loves chocolate.
 Ela mais do que {eu/*mim} ama chocolate
 'Ela mais do que eu ama chocolate'
- b. She more than {he/*him} understands how to proceed.
 Ela mais do que {3SG.NOM/*3SG.OBL} sabe como proceder
 'Ela mais do que ele sabe como proceder'

Em inglês (e o mesmo se aplica ao italiano), se há uma preposição *than*, seu complemento deve ser oblíquo. O caso nominativo deve aparecer apenas quando *than* coordena um SN com um SN nominativo anterior.

Em português, apesar de os conectivos subordinativos (*do*) *que/quanto* comportarem-se como uma preposição, por sua vez, o pronome que segue (*do*) *que/quanto* sempre é nominativo (cf. (186)). Observa-se que o SN seguinte ao conectivo comparativo em (186b) pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente.

- (186) a. Ela é mais alta do que {eu/*mim}.
b. Ela ama tanto chocolate quanto {eu/*mim}.

Diferentemente do inglês e do italiano, em português (cf. (187)) e em espanhol (cf. (188)), alguns conectivos não governam o caso oblíquo e podem ser analisados ou como uma preposição lexical ou como uma conjunção subordinativa.

- (187) a. Todos trouxeram o almoço de casa menos/exceto/salvo {eu/*mim}.
b. Segundo {tu/*ti}, se uma mulher não pode se casar, ela não tem escolha a não ser entrar no convento?
c. Diego Forlán: Desde Cristiano Ronaldo no Man United até {eu/*mim} mesmo no Atlético, as transferências são uma transição importante.

- (188) a. Todos trajeron el almuerzo de casa menos/excepto/salvo {yo/*mí}.
b. ¿Según {tú/*ti}, una mujer, si no puede casarse, no tiene más remedio que entrar en el convento? [<https://quizlet.com/98048498/nada-quotes-flash-cards/>]
c. Diego Forlán: Desde Cristiano Ronaldo en el Man United hasta {yo/*mí} mismo en el Atlético, los traspasos son una importante transición. [<https://www.thenationalnews.com/diego-forl%C3%A1n-desde-cristiano-ronaldo-en-el-man-united-hasta-yo-mismo-en-el-atl%C3%A9tico-los-traspasos-son-una-importante-transici%C3%B3n-1.611694>]

Em resumo, constatamos que os conectores de comparação (*do*) *que* e *quanto* são conectivos subordinativos nas construções comparativas tipo II, pois, introduzem uma série que não é simétrica à série imediatamente precedida por eles.

Além disso, verificamos o paralelismo entre os conectivos subordinativos (*do*) *que* e *quanto* nas construções comparativas tipo II e outros tipos de SPs: podem ter a função de modificar um predicado ou de equilibrar dois argumentos, o SN que segue pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente, e não pode ser extraído. Apesar disso, sabemos que mais estudos devem ser feitos, pois, em português e espanhol, parece que alguns conectivos subordinativos podem ser analisados tanto como uma preposição lexical quanto como uma conjunção subordinativa.

4.4.2 Possibilidade de anteposição

Em 4.2.2, vimos que o segundo membro das comparativas canônicas apresenta um conteúdo quantificacional forte e corresponde a uma espécie de relativa livre com um elemento quantificacional, que pode ser evidente (como em italiano) ou nulo (como em português). E, em 3.2.4, vimos que as estruturas relativas podem aceitar (cf. (189)) ou não (cf. (190)) o critério de anteposição.

(189) a. Ele ouviu o que você disse naquele momento.

a'. O que você disse naquele momento ele ouviu.

b. Ele admira o que é belo.

b'. O que é belo ele admira.

(190) a. Soube que ele aceitou a minha proposta, o que me alegrou bastante.

a'. *O que me alegrou bastante, soube que ele aceitou a minha proposta.

b. O João encontrou o livro que eu tinha perdido.

b'. *Que eu tinha perdido, o João encontrou o livro.

Esses exemplos nos revelam uma importante evidência. Em (189), as orações relativas estão em posição argumental e funcionam como complemento: em (189a), *o que você disse* é objeto direto do verbo *ouvir*; em (189b), *o que é belo* é objeto direto do verbo *admirar*. Por outro lado, em (190), as orações relativas não ocupam uma posição argumental e funcionam como adjunto: em (190a), *o que me alegrou bastante* é adjunto da oração principal; e, em (190b), *que eu tinha perdido* é adjunto nominal do DP *o livro*.

Dessa forma, intuímos que, enquanto uma oração relativa que funciona como complemento aceita a anteposição, uma oração relativa que funciona como adjunto rejeita o critério da anteposição.

Já sabemos que as comparativas tipo II são estruturas subordinadas e, conforme vimos na seção 3.3.4, podem permitir a anteposição do segundo membro da comparação:

- (191) a. Do que eu, ela e mais alta.
b. Como o Paulo, o Pedro canta tão bem.
c. Do que a Luísa, a Maria emagreceu menos.
d. Como o preço da gasolina, o preço do diesel subiu tanto.
e. Do que José de Alencar, Machado de Assis escreveu menos romances.

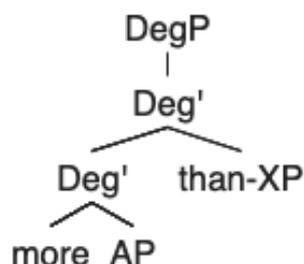
Desse modo, constatamos que as comparativas tipo II não podem ser adjunto de DegP ou QP (subordinadas adverbiais), pois, como podemos ver em (191), essas construções podem ser antepostas.

Concluímos, portanto, que as comparativas tipo II são complemento de Deg' ou Q'.

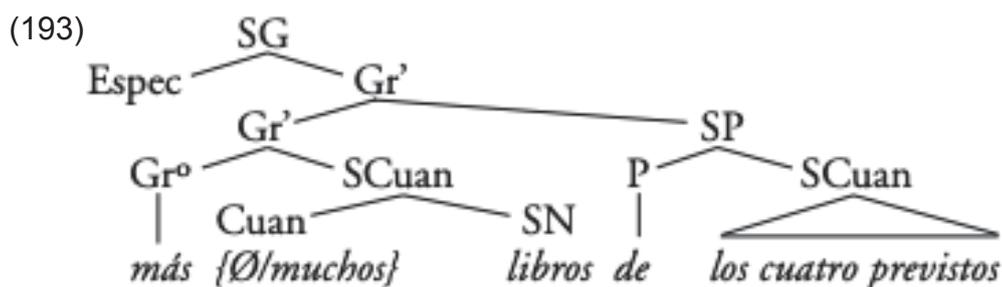
4.4.3 Estrutura: subordinada (complemento de Deg' ou Q')

Abney (1987), Kennedy (1997), Sáez (1997), Brucart (2003), entre outros, assumem a proposta de que a palavra de grau/quantidade *more* e o núcleo do sintagma de grau *DegP* que, por sua vez, modifica um predicado graduável (AP, por exemplo). Nesta análise, o segundo membro da comparação e gerado como complemento de Deg', como representado em (192b). Kennedy (1997) assume que, em inglês, o segundo membro da comparação pode ser analisado como CP inserido pelo PP *than*, com um operador comparativo (um DegP) ocupando a posição de especificador de CP, conforme indicado em (192a).

- (192) a. Jupiter is [_{DegP} [_{Deg'} [_{Deg'} [_{Deg} more] [_{AP} massive]] [_{PP} than [_{CP} [_{OP}]_x [_{TP} Neptune is [_e]_x]]]]]]
b.



Em espanhol, essas ideias são mantidas na análise de Brucart (2003), que propõe que as construções comparativas de desigualdade são uma das manifestações possíveis de estruturas aditivas (e subtrativas). Segundo o autor, essas construções são sintagmas de grau encabeçados por um operador aditivo (ou subtrativo) que seleciona dois complementos: um sintagma quantificado e uma base que corresponde a um sintagma preposicional que contém outro sintagma quantificado, cuja representação sintática em (193) encontra-se em Sáez e Sánchez López (2013, p. 84).



Essas abordagens oferecem uma explicação alternativa para as relações de seleção entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação, além de relacionar a estrutura interna da cabeça comparativa e o segundo membro da comparação; também abordam a capacidade de aceitar diferentes tipos de modificadores. A principal vantagem é que, como o segundo membro da comparação já está projetado em posição final, o recurso à extraposição não é necessário, pois não apresenta problemas de ordem de palavras que costuma aparecer nas construções comparativas, em que a palavra de grau/quantidade antecede linearmente o predicado graduável ou o SN que indica quantidade.

Em português, essa análise também parece dar conta da relação de dependência que existe entre a estrutura interna da cabeça comparativa e o segundo membro da comparação. Adotamos particularmente a análise de Brucart (2003), porque, assim como este autor, entendemos que o segundo membro de uma

comparativa canônica apresenta um forte conteúdo quantificacional. No entanto, como vimos em 4.1.1 e 4.1.2, enquanto os quantificadores *mais/menos* são elementos funcionais que pertencem à categoria Q, as palavras de grau *tão/tanto(a,os,as)* são elementos funcionais pertencentes à categoria Deg.

Conforme sugerido em 4.2, as línguas românicas como o português, o italiano e o espanhol partilham a propriedade de exibir dois padrões estruturais diferentes: as comparativas canônicas e as comparativas relativas.

Como verificam Donati (1997), em italiano, Brucart (2003), em espanhol, Matos e Brito (2008), em português, as comparativas canônicas apresentam um forte conteúdo quantificacional. Em italiano, é instanciado por um elemento quantificacional expresso (*quanto*); em português, apesar de esse elemento quantificacional não ser expresso, ele faz parte da estrutura e pode ser representado por um quantificador nulo [Q Ø], como ilustrado em (194).

(194) a. Ela é [QP [Q' [Q' [Q mais] [AP alta]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP eu (sou) [-]_i]]]]

b. O Pedro canta [DegP [Deg' [Deg' [Deg tão] [QP [Q Ø] [AdvP bem]]] [XP [X quanto] [QP [Q Ø]_i [IP o Paulo (canta) [-]_i]]]]

c. A Maria emagreceu [QP [Q' [Q' [Q menos]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP a Luísa (emagreceu) [-]_i]]]]

d. O preço do diesel subiu [DegP [Deg' [Deg' [Deg tanto] [QP [Q Ø]]] [XP [X quanto] [QP [Q Ø]_i [IP o preço da gasolina (subiu) [-]_i]]]]

e. Machado de Assis escreveu [QP [Q' [Q' [Q menos] [NP romances]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP José de Alencar (escreveu) [-]_i]]]]

Os exemplos que seguem parecem corroborar com essa abordagem, haja vista que o elemento quantificacional *quanto* pode aparecer expresso nessas construções:

(195) a. Ela é mais alta do que *quanto* eu (sou).

b. A Maria emagreceu menos do que *quanto* a Luísa (emagreceu).

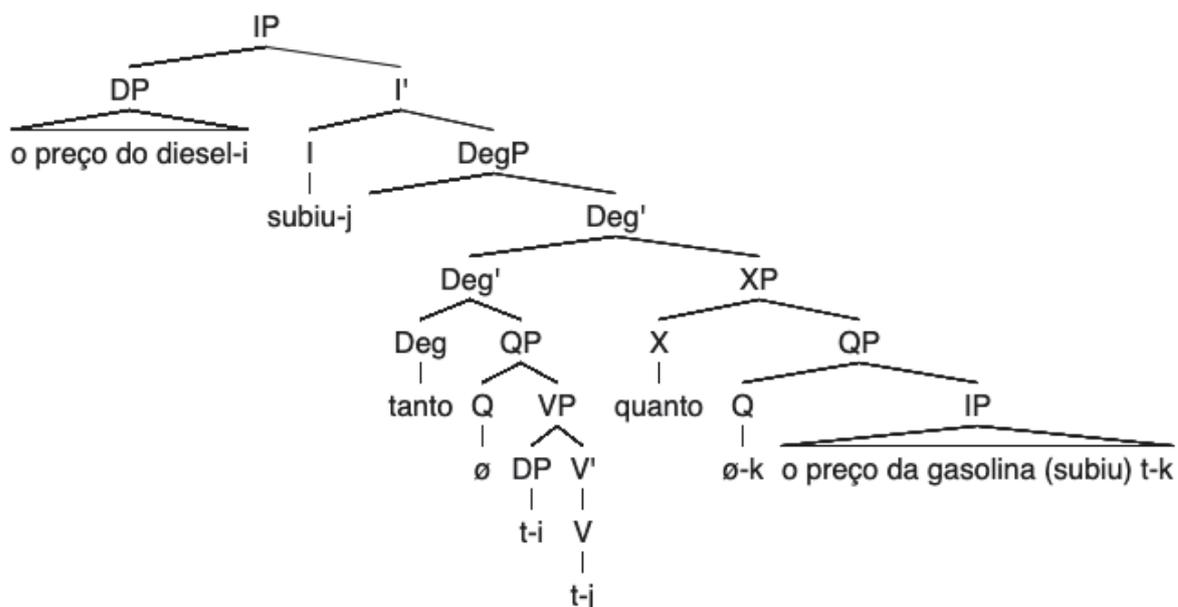
c. O preço do diesel subiu mais do que *quanto* o preço da gasolina (subiu).

Assim, assumimos que as construções comparativas tipo II têm estrutura de subordinação (complemento de Deg' ou Q') com segundo membro quantificacional.

Propomos, então, a seguinte representação sintática para as comparativas de igualdade tipo II, conforme os exemplos em (196) e (197).

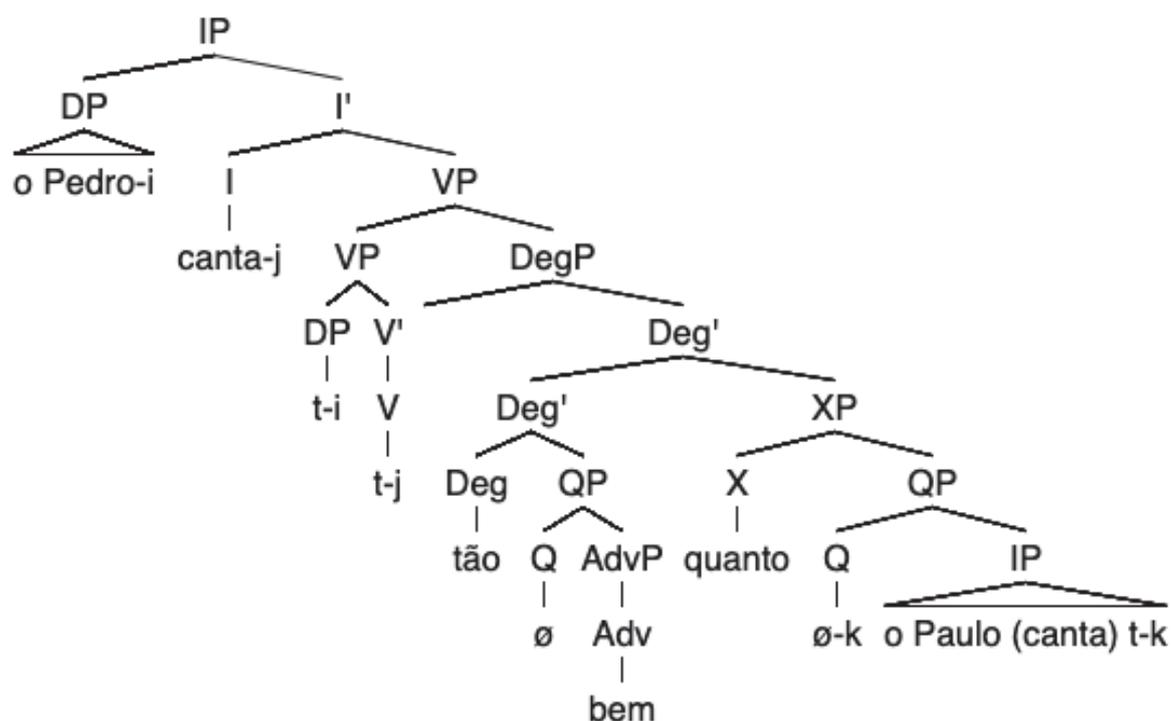
(196) a. O preço do diesel subiu tanto quanto o preço da gasolina.

b.



(197) a. O Pedro canta tão bem quanto o Paulo.

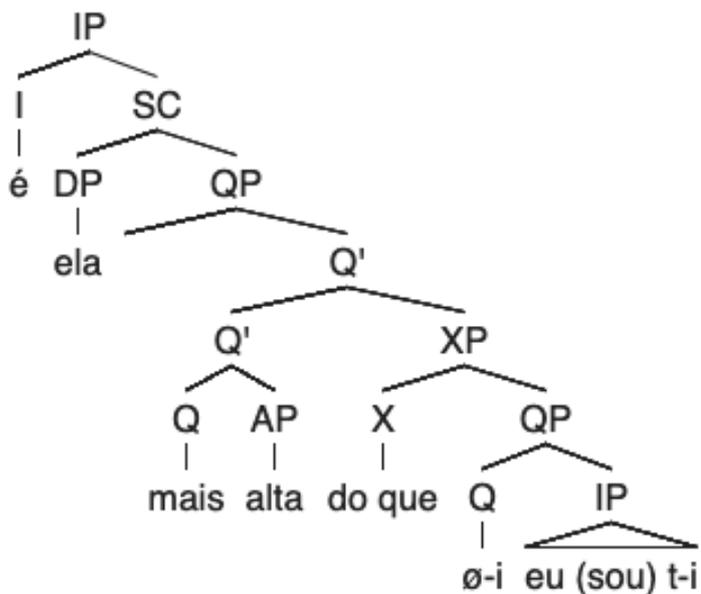
b.



E, para as comparativas de desigualdade tipo II, propomos a seguinte representação sintática, conforme os exemplos em (198) e (199).

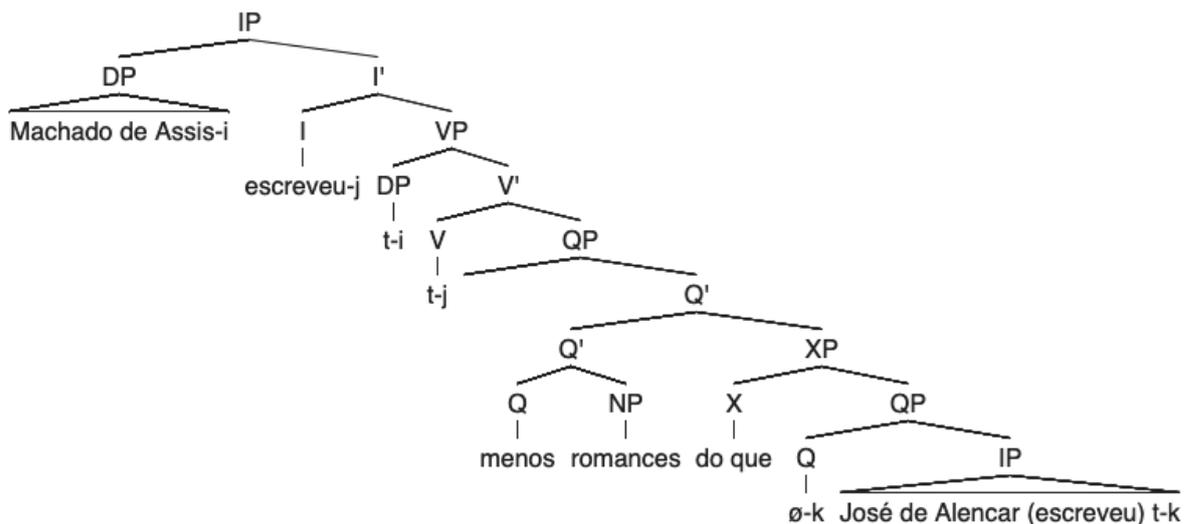
(198) a. Ela é mais alta do que eu.

b.



(199) a. Machado de Assis escreveu menos romances do que José de Alencar.

b.



4.5 ESTRUTURA DAS COMPARATIVAS TIPO III

Como já referido, as comparativas desse grupo, bem como as do grupo anterior, comportam-se sintaticamente de forma semelhante às estruturas de subordinação. Na seção 3.3, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo III comportam-se de modo semelhante às estruturas relativas.

4.5.1 Conectores de comparação

Em português, os conectores de comparação (*do*) *que* e *quanto* são conectivos subordinativos⁶ nas construções comparativas tipo III. Enquanto os conectivos coordenativos nas comparativas tipo I introduzem todas as categorias principais e ainda outras menores, e os conectivos subordinativos nas comparativas tipo II introduzem SNs, por outro lado, os conectivos subordinativos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo III introduzem um sintagma verbal (cf. (200)) ou um sintagma relativo (cf. (201)).

- (200) a. O edifício era menos antigo do que [parecia]_{SV}
b. Ele comprou um carro menor do que [precisava]_{SV}
c. O temporal chegou mais depressa do que [se esperava]_{SV}
d. A Maria escreveu menos artigos do que [gostaria]_{SV}
e. O camelo bebeu tanta água quanto [podia]_{SV}

- (201) a. O preço do ouro subiu tanto quanto [aquilo que o preço da prata desceu]_{SRel}
b. A Luísa falou mais do Paulo do que [aquilo que deveria]_{SRel}
c. O Paulo gastou tanta água quanto [a que a Ana gastou]_{SRel}
d. A Maria escreveu menos artigos do que [aqueles que gostaria]_{SRel}
e. A associação acolheu tantas crianças quanto [as que podia acolher]_{SRel}

Vimos que os conectivos coordenativos nas comparativas tipo I introduzem uma série que é simétrica à série imediatamente precedida por eles. Já os

⁶ Adotamos aqui a nomenclatura de Perini (2005, p. 333), para o qual o conectivo subordinativo “tem como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O”.

conectivos subordinativos nas comparativas tipo II introduzem uma série que não é simétrica à série imediatamente precedida por eles. Da mesma maneira, os conectivos subordinativos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo III também introduzem uma série que não é simétrica à série imediatamente precedida por eles (cf. (202) e (203)).

- (202) a. [O edifício]_{SN} [era]_V menos [antigo]_{Adj} do que [parecia]_{SV}
b. [Ele]_{SN} [comprou]_V [um carro]_{SN} [menor]_{Adj} do que [precisava]_{SV}
c. [O temporal]_{SN} [chegou]_V mais [depressa]_{Adv} do que [se esperava]_{SV}
d. [A Maria]_{SN} [escreveu]_V menos [artigos]_{SN} do que [gostaria]_{SV}
e. [O camelo]_{SN} [bebeu]_V tanta [água]_{SN} quanto [podia]_{SV}

- (203) a. [O preço do ouro]_{SN} [subiu]_V tanto quanto [aquilo]_{SD} [que]_{CP} [o preço da prata desceu]_{SV}
b. [A Luísa]_{SN} [falou]_V mais [do Paulo]_{SP} do que [aquilo]_{SD} [que]_{CP} [deveria]_{SV}
c. [O Paulo]_{SN} [gastou]_V tanta [água]_{NP} quanto [a]_{SD} [que]_{CP} [a Ana gastou]_{SV}
d. [A Maria]_{SN} [escreveu]_V menos [artigos]_{SN} do que [aqueles]_{SD} [que]_{CP} [gostaria]_{SV}
e. [A associação]_{SN} [acolheu]_V tantas [crianças]_{SN} quanto [as]_{SD} [que]_{CP} [podia acolher]_{SV}

Além disso, gostaríamos de destacar que não existe paralelismo entre as estruturas coordenadas e as comparativas tipo III (cf. (204) e (205)).

- (204) a. *[O edifício era antigo] e [parecia].
a'. [O edifício era menos antigo] do que [parecia].
b. *[Ele comprou um carro pequeno] mas [precisava].
b'. [Ele comprou um carro menor] do que [precisava].
c. *[O temporal chegou depressa] ou [se esperava].
c'. [O temporal chegou mais depressa] do que [se esperava].
d. *[A Maria escreveu artigos] mas [gostaria].
d'. [A Maria escreveu menos artigos] do que [gostaria].
e. *[O camelo bebeu água] e [podia].
e'. [O camelo bebeu tanta água] quanto [podia].

- (205) a. *[O preço do ouro subiu] mas [aquilo que o preço da prata desceu].
 a'. [O preço do ouro subiu tanto] quanto [aquilo que o preço da prata desceu].
- b. *[A Luísa falou do Paulo] ou [aquilo que deveria].
 b'. [A Luísa falou mais do Paulo] do que [aquilo que deveria].
- c. *[O Paulo gastou água] e [a que a Ana gastou].
 c'. [O Paulo gastou tanta água] quanto [a que a Ana gastou].
- d. *[A Maria escreveu artigos] mas [aqueles que gostaria].
 d'. [A Maria escreveu menos artigos] do que [aqueles que gostaria].
- e. *[A associação acolheu crianças] ou [as que podia acolher].
 e'. [A associação acolheu tantas crianças] quanto [as que podia acolher].

De acordo com os dados acima, *(do) que* e *quanto* são conectivos subordinativos nas construções comparativas tipo III porque introduzem uma série de categoria sintática (funcional) diferente da série com a qual a comparação é feita, e a série introduzida também não é simétrica à série imediatamente precedida por eles, ou seja, não há equivalência funcional nem simetria entre os elementos do segundo e do primeiro membro da comparação.

As comparativas tipo II introduzidas pelos conectivos subordinativos *(do) que/ quanto* assemelham-se a uma espécie de oração relativa que funciona como adjunto de DegP ou QP, como veremos na próxima seção.

4.5.2 Impossibilidade de anteposição

Ao confrontarmos a mobilidade ou a anteposição das sentenças comparativas tipo III, constatamos que elas não permitem a anteposição (cf. (206) e (207)).

- (206) a. *Do que parecia, o edifício era menos antigo.
 b. *Do que precisava, ele comprou um carro menor.
 c. *Do que se esperava, o temporal chegou mais depressa.
 d. *Do que gostaria, a Maria escreveu menos artigos.
 e. *Quanto podia, o camelo bebeu tanta água.
- (207) a. *Quanto aquilo que o preço da prata desceu, o preço do ouro subiu tanto.

- b. *Do que aquilo que deveria, a Luísa falou mais do Paulo.
- c. *Quanto a que a Ana gastou, o Paulo gastou tanta água.
- d. *Do que aqueles que gostaria, a Maria escreveu menos artigos.
- e. *Quanto as que podia acolher, a associação acolheu tantas crianças.

No âmbito das comparativas subordinadas, verificamos que as comparativas tipo II permitem a anteposição do segundo membro da comparação, enquanto as comparativas tipo III não a permitem.

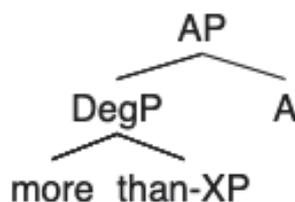
Em 4.4.2, observamos que esse critério nos revelou uma importante evidência: as orações relativas em posição argumental funcionam como complemento e aceitam a anteposição, ao passo que as orações relativas que não estão em posição argumental funcionam como adjunto e não aceitam a anteposição.

Desse modo, constatamos que, enquanto as comparativas tipo II aceitam a anteposição e funcionam como complemento de Deg' ou Q', por outro lado, as comparativas tipo III rejeitam o critério da anteposição e funcionam como adjunto de DegP ou QP.

4.5.3 Estrutura: subordinada (adjunto de DegP ou QP)

Segundo Bresnan (1973), Heim (2000), Bhatt e Pancheva (2004), Souza (2010), entre outros, em uma construção comparativa de desigualdade, o sintagma de grau *DegP* é gerado na posição de especificador de um predicado graduável (por exemplo, AP), como representado em (208b). Nesta análise, a palavra de grau/quantidade *more* seleciona o segundo membro da comparação como seu argumento, que se desloca, por extraposição, para uma posição de adjunção à oração matriz. De acordo com Chomsky (1977), em inglês, o segundo membro da comparação é analisado especificamente como *wh*-CPs inserido pelo PP *than*, como indicado em (208a).

- (208) a. John is [_{AP} [_{DegP} [_{Deg} -er] [_{PP} than [_{CP} [_{wh} \emptyset]_i [_{TP} Mary is [-]_i]]]]] [_A tall-]]
- b.

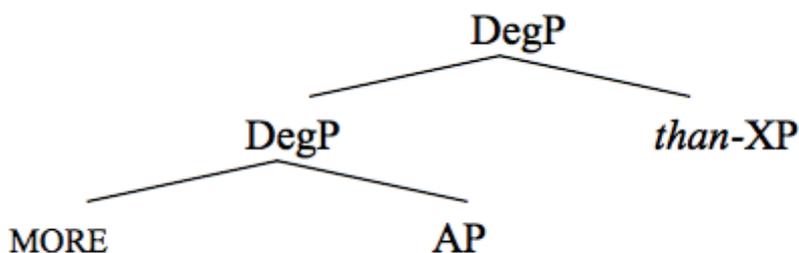


Essa abordagem oferece uma explicação para as relações de seleção entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação, por exemplo, *mais/menos* seleciona o segundo membro introduzido por *(do) que*, enquanto *tão/tanto(a,os,as)* seleciona o segundo membro introduzido por *quanto*. Contudo, essa abordagem enfrenta o desafio de explicar dois tipos de problemas: em primeiro lugar, aqueles relacionados à estrutura interna da cabeça comparativa; em segundo lugar, aqueles derivados da relação entre a cabeça e o segundo membro da comparação.

Lechner (2019) atribui a von Stechow (1984), Abney (1987), Larson (1988a), Corver (1990, 1997) e Kennedy (1997) uma análise alternativa que não enfrenta os problemas levantados pela extraposição. De acordo com essa abordagem, o sintagma de grau DegP tem como complemento um predicado graduável (por exemplo, AP). O *than-XP* junta-se à derivação como um adjunto do DegP ou é fundido como o argumento externo do grau principal, como indicado em (209a), cuja representação sintática em (209b) encontra-se em Lechner (2019, p. 802).

(209) a. John is [_{DegP} [_{DegP} [_{Deg} -er] [_{AP} tall-]] [_{XP} [X than] [_{CP} [_{wh} \emptyset]_i [_{TP} Mary is [-i]]]]]

b.



Neste modelo, o quantificador comparativo encabeça a construção comparativa e seleciona o predicado graduável AP como seu complemento. A vantagem é que não é necessário o recurso à extraposição, pois já é obtida a ordem das palavras mais comum em construções comparativas; a desvantagem é que não há conexão direta entre o quantificador comparativo e o constituinte *than-XP*.

Como vimos em 4.1.1 e 4.1.2, de acordo com a abordagem de Corver (1997a, 1997b), enquanto as palavras de grau *tão/tanto(a,os,as)* são elementos funcionais

que pertencem à categoria Deg, os quantificadores *mais/menos* são elementos funcionais pertencentes à categoria Q.

Como vimos em 4.2, as línguas românicas como o português, o italiano e o espanhol partilham a propriedade de exibir dois tipos de construções comparativas: as comparativas canônicas e as comparativas relativas.

De acordo com Donati (1997), em italiano, Brucart (2003), em espanhol, Matos e Brito (2008), em português, as comparativas canônicas apresentam um forte conteúdo quantificacional. Em 4.2.2, verificamos que, em italiano, é instanciado por um elemento quantificacional expresso (*quanto*); em português, apesar de esse elemento quantificacional não ser expresso, ele faz parte da estrutura e pode ser representado por um quantificador nulo [Q Ø], como representado em (210).

- (210) a. O edifício era [QP [QP [Q' [Q menos] [AP antigo]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP parecia [-]_i]]]]
- b. Ele comprou um carro [QP [QP [Q' [Q mais] [AP pequeno]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP precisava [-]_i]]]]
- c. O temporal chegou [QP [QP [Q' [Q mais] [AdvP depressa]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP se esperava [-]_i]]]]
- d. A Maria escreveu [QP [QP [Q' [Q menos] [NP artigos]]] [XP [X do que] [QP [Q Ø]_i [IP gostaria [-]_i]]]]
- e. O camelo bebeu [DegP [DegP [Deg tanta] [QP [Q Ø] [NP água]]] [XP [X quanto] [QP [Q Ø]_i [IP podia [-]_i]]]]

Os exemplos que seguem parecem corroborar com essa abordagem, haja vista que o elemento quantificacional *quanto* pode aparecer expresso nessas construções:

- (211) a. O edifício era menos antigo do que *quanto* parecia.
b. A Maria escreveu menos artigos do que *quanto* gostaria.
c. O camelo bebo mais água do que *quanto* podia beber.

Por outro lado, como sugerem Matos e Brito (2008), o segundo membro das comparativas relativas em português, espanhol ou italiano apresenta um conteúdo quantificacional mais fraco, que é instanciado por uma oração relativa expressa com um elemento quantificacional mais fraco (um artigo ou um demonstrativo) seguido de

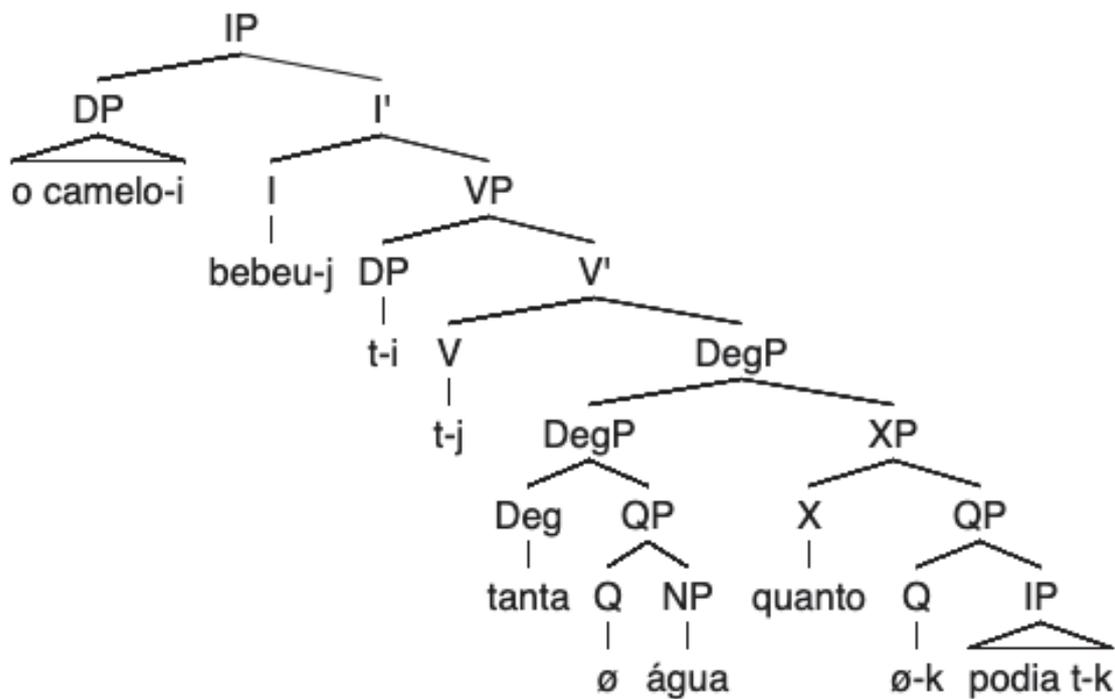
um complementizador (*que*), como ilustrado em (212). Nesse caso, a quantidade é simplesmente expressa pelo número: plural, quando está envolvido um nome contável, como em (212f) e (212g); e singular quando está em jogo um nome massivo, como em (212e), ou outro predicado que não seja nominal, como em (212a), (212b), (212c) e (212d).

- (212) a. O preço do ouro subiu [_{DegP} [_{DegP} [_{Deg} tanto] [_{QP} [Q \emptyset]]] [_{XP} [X quanto] [_{CP} aquilo_i [_{C'} [C *que*] [_{IP} o preço da prata desceu [-]_i]]]]]
- b. A Luísa falou [_{QP} [_{QP} [Q' [Q mais] [_{PP} do Paulo]]] [_{XP} [X do que] [_{CP} [_{DP} aquilo_i] [_{C'} [C *que*] [_{IP} deveria [-]_i]]]]]
- c. O Paulo gastou [_{DegP} [_{DegP} [_{Deg} tanta] [_{QP} [Q \emptyset] [_{NP} água]]] [_{XP} [X quanto] [_{CP} a_i] [_{C'} [C *que*] [_{IP} a Ana gastou [-]_i]]]]]
- d. A Maria escreveu [_{QP} [_{QP} [Q' [Q menos] [_{NP} artigos]]] [_{XP} [X do que] [_{CP} [_{DP} aqueles_i] [_{C'} [C *que*] [_{IP} gostaria [-]_i]]]]]
- e. A associação acolheu [_{DegP} [_{DegP} [_{Deg} tantas] [_{QP} [Q \emptyset] [_{NP} crianças]]] [_{XP} [X quanto] [_{CP} a_i] [_{C'} [C *que*] [_{IP} podia acolher [-]_i]]]]]

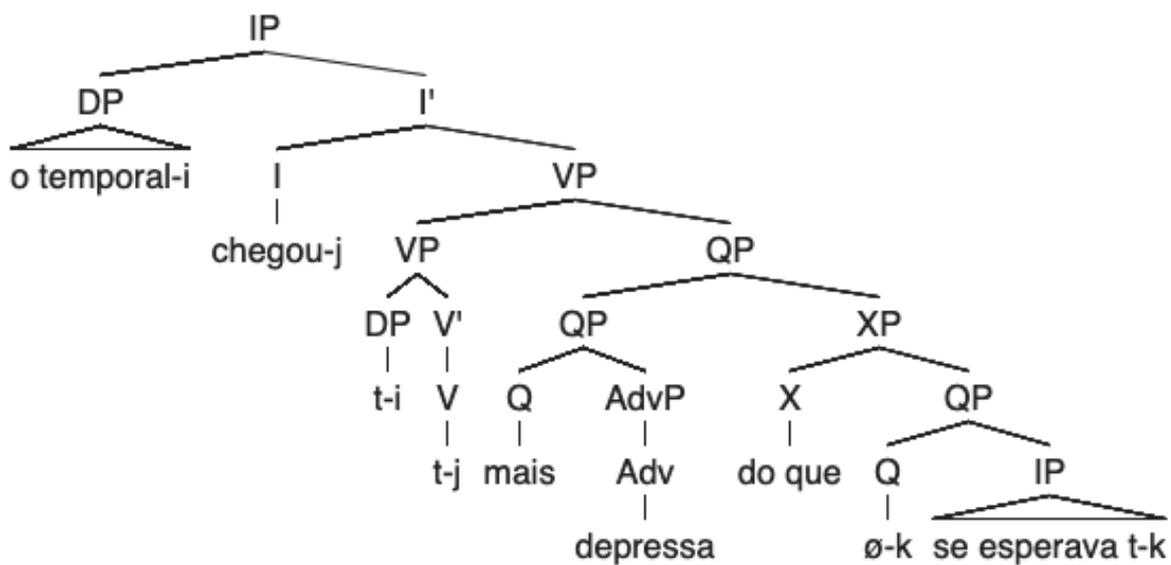
Em português, conforme discutido em 4.2.2, parece não haver a mesma correspondência entre o elemento quantificacional nulo [Q \emptyset] em comparativas canônicas e o elemento-*wh* *o/aquilo que* em comparativas relativas. Assim, sugerimos que as construções comparativas tipo III têm estrutura de subordinação (adjunto de DegP ou QP), mas o segundo membro pode apresentar tanto um forte conteúdo quantificacional (comparativas canônicas) quanto um conteúdo quantificacional mais fraco (comparativas relativas).

Propomos, então, a seguinte representação sintática para as comparativas tipo III canônicas, conforme ilustram os exemplos em (213) e (214).

- (213) a. O camelo bebeu tanta água quanto podia.
b.

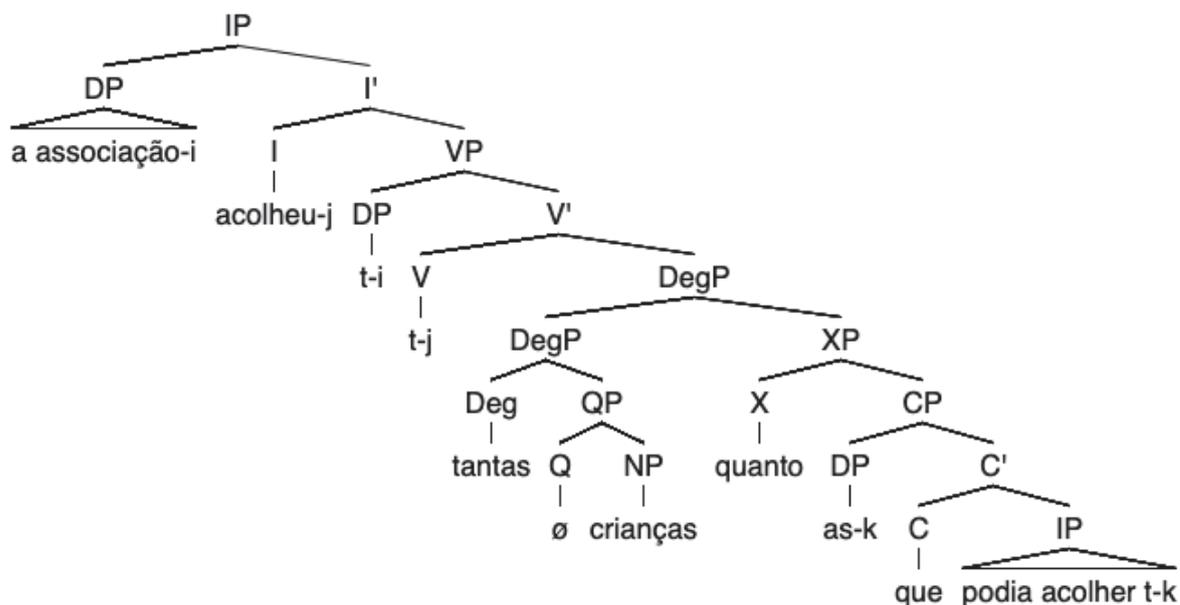


(214) a. O temporal chegou mais depressa do que se esperava.
b.



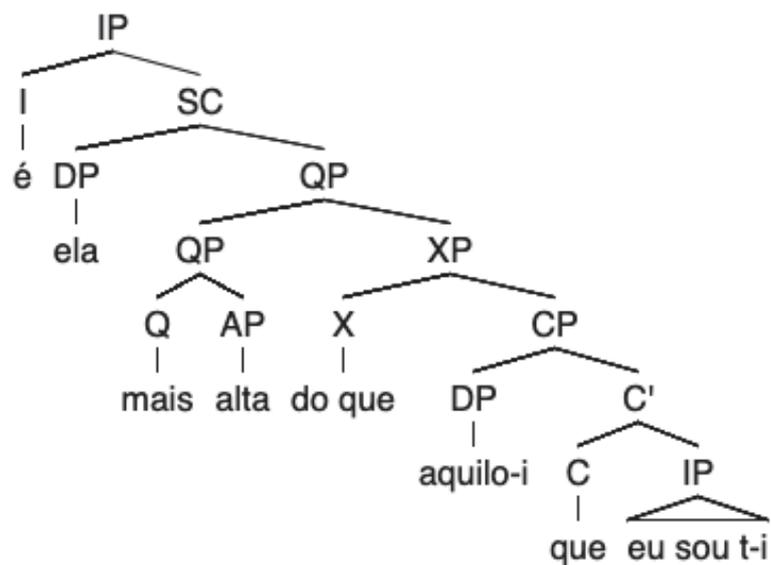
E, para as comparativas tipo III relativas, propomos a seguinte representação sintática, conforme demonstram os exemplos em (215) e (216).

(215) a. A associação acolheu tantas crianças quanto as que podia acolher.
b.



(216) a. Ela é mais alta do que aquilo que eu sou.

b.



4.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Além de arcabouço para a descrição das principais análises e representações sintáticas disponíveis na literatura, este capítulo serviu de embasamento teórico para a nossa proposta de análise sintática para as construções comparativas.

Bresnan (1973) e Jackendoff (1977) argumentam que, assim como outros elementos que expressam grau, os quantificadores funcionam como modificadores dos sintagmas que contêm a propriedade graduada. As análises que vieram depois

(Abney, 1987; Zwarts, 1993; Corver, 1997a, 1997b; Kennedy, 1997), no entanto, defendem que eles são núcleos de uma categoria funcional que seleciona o sintagma que expressa a propriedade graduada como seu complemento.

Essas últimas abordagens introduziram a noção de diferentes níveis dentro do domínio funcional e propõem que o sintagma que contém a propriedade graduada (adjetival, adverbial, verbal ou nominal) está dentro dessa categoria funcional, cujo núcleo é um elemento de grau ou quantificador.

Essa perspectiva oferece uma estrutura mais elucidativa para compreender a relação entre o grau expresso e a propriedade graduada, ao envolver duas categorias funcionais: uma associada aos elementos de grau e outra aos elementos quantitativos, favorecendo uma melhor explicação da ordem das palavras.

Em 4.1, analisamos a estrutura sintática da cabeça das comparativas de igualdade e a estrutura sintática da cabeça das comparativas de desigualdade. Em 4.2, analisamos as estruturas do segundo membro da comparação, que levanta algumas questões principalmente sobre o estatuto categorial dos conectores de comparação que encabeçam essas estruturas e sobre a sua própria representação configuracional.

As línguas românicas como o português, o italiano e o espanhol, partilham a propriedade de exibir dois tipos de construções comparativas: as comparativas canônicas e as comparativas relativas.

O segundo membro das comparativas das comparativas canônicas, como verificam Matos e Brito (2008), apresenta um forte conteúdo quantificacional. Segundo Donati (1997), em italiano, é instanciado por uma espécie de relativa livre com um elemento quantificacional expresso (*quanto*). Em português, apesar de esse elemento quantificacional não ser expresso, ele parece fazer parte da estrutura e pode ser representado por um quantificador nulo [_Q Ø].

O segundo membro das comparativas relativas, por outro lado, apresenta um conteúdo quantificacional mais fraco e corresponde a uma oração relativa expressa com um elemento quantificacional mais fraco (um artigo ou um demonstrativo) seguido de um complementizador (*que*), um elemento-*wh*; neste caso, a quantidade é dada apenas pelo número (singular ou plural) do antecedente da relativa.

Em 4.3, descrevemos a análise para as comparativas tipo I, que se comportam sintaticamente de maneira semelhante às estruturas de coordenação e apresentam equivalência funcional e simetria entre os itens do primeiro e do segundo membro da comparação. Isso quer dizer que a estrutura representada no primeiro membro será igual à estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo I são coordenativos porque introduzem uma série de itens funcionalmente equivalente e simétrica à série precedida por eles. Têm como função sintática juntar dois (ou mais) constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior que pertence à mesma classe dos constituintes conectados.

Em 4.4, descrevemos a análise para as comparativas tipo II, que são complemento de Deg' ou Q' e se comportam sintaticamente de forma semelhante às estruturas de subordinação, em que, apesar de um item do segundo membro da comparação ter um equivalente funcional no primeiro membro da comparação, este não ocorre imediatamente antes do conector comparativo, e, por isso, são funcionalmente equivalentes, mas não são simétricos. Isto quer dizer que a estrutura representada no primeiro membro será diferente da estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo II são subordinativos porque introduzem um item de mesma categoria sintática (funcional) do item com o qual a comparação é feita, porém, o item introduzido não é simétrico ao item imediatamente precedido por eles. Têm como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O. Parecem simular o comportamento de uma preposição: podem ter a função de modificar um predicado ou de equilibrar dois argumentos; o SN que segue pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente.

Em 4.5, descrevemos a análise para as comparativas tipo III, que são adjunto de DegP ou QP e se comportam sintaticamente de modo semelhante às estruturas de subordinação que não apresentam equivalência funcional nem simetria entre os itens do primeiro e do segundo membro da comparação. Isto quer dizer que a

estrutura representada no primeiro membro será diferente da estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos *(do) que* e *quanto* nas comparativas tipo III são subordinativos porque introduzem uma série de itens que não é funcionalmente equivalente nem simétrica à série precedida por eles. Têm como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O.

Ao analisarmos as estruturas sintáticas das construções comparativas, também levamos em conta a relação de adjacência entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação, verificando as vantagens e as desvantagens das análises quando o segundo membro da comparação é adjacente ou não ao quantificador comparativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se propôs a investigar a sintaxe das construções comparativas nas línguas naturais, levando em consideração especialmente o PB. De acordo com este propósito, no capítulo 2, apresentamos o tipo de construção comparativa de que trata este trabalho. Abordamos algumas características gerais que procuram definir e delimitar o nosso objeto de estudo.

A partir do capítulo 3, passamos a discorrer sobre a nossa proposta de análise sintática para as construções comparativas, cuja investigação consiste em descrever e analisar os diversos comportamentos sintáticos das comparativas, identificando as suas especificidades e individualizando as suas propriedades, a fim de indicar as suas possíveis representações sintáticas.

Assim como vários autores (cf. Pinkham, 1982a, 1982b, 1984; Napoli, 1983; Lechner, 2001, 2004; Osborne, 2009), destacamos que a sintaxe das comparativas envolve estruturas de coordenação e subordinação, de modo que, em certos casos, o segundo membro da comparação está coordenado com o material que imediatamente o antecede, enquanto que, em outros momentos, está subordinado a ele.

Através do conceito de equivalência funcional e dos três cenários propostos por Osborne (2009), organizamos as construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (com elementos funcionalmente equivalentes e simétricos), ii) comparativas tipo II (com elementos funcionalmente equivalentes, mas assimétricos) e iii) comparativas tipo III (sem equivalência funcional e sem simetria).

Utilizamos alguns critérios sintáticos para distinguir estruturas de subordinação e estruturas de coordenação e depois aplicamos esses critérios aos três tipos de construções comparativas propostos acima. Verificamos que a possibilidade de anteposição do segundo membro da comparação está relacionada à estrutura da construção comparativa, de modo que uma estrutura coordenada nunca permite a anteposição, enquanto uma estrutura subordinada pode permitir ou não a anteposição.

Constatamos, assim, que as construções comparativas tipo I são estruturas coordenadas e, por isso, não permitem a anteposição; as construções comparativas

tipo II são estruturas subordinadas que podem permitir a anteposição; e as construções comparativas tipo III são estruturas subordinadas que não permitem a anteposição. Portanto, nossa análise demonstrou que as comparativas tipo I são estruturas de coordenação, ao passo que as comparativas tipo II e tipo III são estruturas de subordinação.

Os critérios III e IV serviram para diferenciar não só as comparativas coordenadas (tipo I) das comparativas subordinadas (tipo II e tipo III), mas também as comparativas subordinadas tipo II das comparativas subordinadas tipo III: as comparativas tipo I não os permitem porque se comportam como estruturas coordenadas; as comparativas tipo II admitem porque se comportam como complemento de Deg' ou Q'; as comparativas tipo III não os aceitam porque se comportam como adjunto de DegP ou QP.

Por meio da aplicação dos critérios sintáticos, acreditamos ter alcançado uma das principais contribuições deste trabalho, que consiste na organização das construções comparativas em três grupos: i) comparativas tipo I (estruturas coordenadas), ii) comparativas tipo II (estruturas subordinadas complemento de Deg' ou Q') e iii) comparativas tipo III (subordinadas adjunto de DegP ou QP).

O capítulo 4, além de arcabouço para a descrição das principais análises e representações sintáticas disponíveis na literatura, serviu de embasamento teórico para a nossa proposta de análise sintática para as construções comparativas. Nele, analisamos as estruturas sintáticas das construções comparativas, e a relação de adjacência entre o quantificador comparativo e o segundo membro da comparação, verificando as vantagens e as desvantagens das análises quando o segundo membro da comparação é adjacente ou não ao quantificador comparativo.

Além de analisarmos a estrutura sintática da cabeça nas comparativas de igualdade e a estrutura sintática da cabeça nas comparativas de desigualdade, também analisamos as estruturas do segundo membro da comparação, que levanta algumas questões principalmente sobre o estatuto categorial dos conectores de comparação que encabeçam essas estruturas e sobre a sua própria representação configuracional.

Ao final, descrevemos a análise para cada tipo de construção comparativa:

As comparativas tipo I comportam-se sintaticamente de maneira semelhante às estruturas de coordenação e apresentam equivalência funcional e simetria entre os itens do primeiro e do segundo membro da comparação. Isso quer dizer que a estrutura representada no primeiro membro será igual à estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos *(do) que* e *quanto* nas comparativas tipo I são coordenativos porque introduzem uma série de itens funcionalmente equivalente e simétrica à série precedida por eles. Têm como função sintática juntar dois (ou mais) constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior que pertence à mesma classe dos constituintes conectados.

As comparativas tipo II são complemento de Deg' ou Q' e se comportam sintaticamente de forma semelhante às estruturas de subordinação, em que, apesar de um item do segundo membro da comparação ter um equivalente funcional no primeiro membro da comparação, este não ocorre imediatamente antes do conector comparativo, e, por isso, são funcionalmente equivalentes, mas não são simétricos. Isto quer dizer que a estrutura representada no primeiro membro será diferente da estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos *(do) que* e *quanto* nas comparativas tipo II são subordinativos porque introduzem um item de mesma categoria sintática (funcional) do item com o qual a comparação é feita, porém, o item introduzido não é simétrico ao item imediatamente precedido por eles. Têm como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O. Parecem simular o comportamento de uma preposição: podem ter a função de modificar um predicado ou de equilibrar dois argumentos; o SN que segue pode ter tanto o papel temático de agente quanto o de paciente.

As comparativas tipo III são adjunto de DegP ou QP e se comportam sintaticamente de modo semelhante às estruturas de subordinação que não apresentam equivalência funcional nem simetria entre os itens do primeiro e do segundo membro da comparação. Isto quer dizer que a estrutura representada no primeiro membro será diferente da estrutura do segundo membro da comparação.

Os conectivos (*do*) *que* e *quanto* nas comparativas tipo III são subordinativos porque introduzem uma série de itens que não é funcionalmente equivalente nem simétrica à série precedida por eles. Têm como função sintática alterar a classe de um SN ou de uma oração - ou, mais precisamente, acrescentar-se a um SN ou a uma oração, formando um sintagma maior que pertence a outra classe que não SN ou O.

Sabemos que ainda há muito o que falar das construções comparativas e que em um trabalho temos que fazer um recorte do assunto. Dessa maneira, gostaríamos de elencar algumas questões residuais que não pudemos abordar neste trabalho, mas que podem vir a ser outros recortes em pesquisas futuras:

As comparativas de igualdade que utilizam *tanto... quanto* como as sentenças indicadas em (217) são ambíguas, pois, além da leitura que envolve a comparação de graus ou de quantidades, essas construções também podem estabelecer uma leitura que envolve apenas o ordenamento de dois termos, como as sentenças em (218). Estas, por não envolverem a comparação de graus ou de quantidades, não são construções comparativas de grau.

- (217) a. O preço do diesel subiu tanto quanto o preço da gasolina.
b. O Pedro trabalhou tanto quanto o Paulo.
c. O Pedro descansou tanto quanto trabalhou.
d. Antigamente se ouvia tanto rádio quanto hoje em dia se vê televisão.
e. A Maria gosta tanto das castanhas que se vendem na rua quanto das que se fazem em casa.

- (218) a. Tanto o preço do diesel quanto o preço da gasolina subiu/subiram.
b. Tanto o Pedro quanto o Paulo trabalharam.
c. O Pedro tanto descansou quanto trabalhou.
d. Tanto antigamente se ouvia rádio quanto hoje em dia se vê televisão.
e. A Maria tanto gosta das castanhas que se vendem na rua quanto das que se fazem em casa.

Do mesmo modo, sentenças como as indicadas em (219) não são comparativas de grau, pois também não envolvem comparação de graus ou de

quantidades, já que *tanto quanto* está relacionado apenas ao segundo membro da oração e não correlaciona o primeiro com o segundo membro da oração.

- (219) a. A Sara domina o francês tanto quanto o inglês.
b. Comi carne tanto quanto peixe.
c. A Luísa falou do Paulo tanto quanto do Pedro.

Romero Cambrón (1998) chama de comparativas de alteridade sentenças como as indicadas em (220) e defende que elas possuem particularidades sintáticas associadas à existência de um quantificador comparativo de alteridade. De acordo com o autor, a diferença fundamental reside na constituição diversa do segundo membro da comparação, que considera a identidade dos indivíduos nele incluídos.

- (220) a. Dante escreveu mais poemas do que a Divina Comédia.
b. Verdi compôs mais óperas do que La Traviata.
c. Machado de Assis escreveu mais romances do que Dom Casmurro.
d. A Luísa queria ter comprado mais revistas do que a Veja.

As sentenças em (220) podem ser parafraseadas como especificado em (220'):

- (220') a. 'Dante escreveu outros poemas além da Divina Comédia'.
b. 'Verdi compôs outras óperas além de La Traviata'.
c. 'Machado de Assis escreveu outros romances além de Dom Casmurro'.
d. 'A Luísa queria ter comprado outras revistas além da Veja'.

Além de poderem ser parafraseadas por construções não-comparativas, as comparativas de alteridade diferem das construções comparativas de grau porque, ao invés de envolverem a ordenação de graus ou quantidades, envolvem a identidade/não-identidade (ou a alteridade) a fim de determinar a identidade do indivíduo ou do gênero.

Outras interessantes construções de grau também rendem muitas outras pesquisas futuras, como, por exemplo, as construções consecutivas (cf. (221)) e as construções proporcionais (cf. (222)).

- (221) a. Ela dormiu bastante, tanto que acordou na hora do almoço.

- b. Dançava tanto que se tornou um dos melhores da sala.
- c. Eu estava tão obcecado pelo assunto, que comprei um livro sobre o tema.
- d. A China tem tantos habitantes que teve que aplicar medidas draconianas de controle de natalidade.

- (222)
- a. Quanto maior for a altura, maior será a queda.
 - b. Quanto mais estudava para a prova, mais confiante ficava.
 - c. Quanto mais se avança na montanha, mais difícil se torna a respiração.
 - d. Quanto mais chocolate comeres, mais terás problemas com o colesterol.

Enfim, esperamos que esta tese tenha contribuído de alguma maneira na discussão sobre a sintaxe das construções comparativas nas línguas naturais, na medida em que procuramos dar um tratamento global e motivado à generalidade das comparativas, mas, ao mesmo tempo, levamos em consideração as especificidades de cada grupo que compõe o conjunto das construções comparativas. Esperamos também ter oferecido uma sólida base teórica e de análise para novas investigações e futuras pesquisas, a fim de ampliar e aprofundar o debate e o estudo dessas fascinantes construções linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. **The English noun phrase in its sentential aspect**. Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1987.
- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. (Trabalho original publicado em 1994).
- ALEXIADOU, A. et al. (ed.). **The syntax of relative clauses**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- ANDERSEN, P. K. **Word order typology and comparative constructions**. Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- BARBOSA, J. S. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem**. 5. ed. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1871. (Trabalho original publicado em 1822).
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BHATT, R.; PANCHEVA, R. Late merger of degree clauses. **Linguistic Inquiry**, v. 35, p. 1-45, 2004.
- BOLINGER, D. The comparison of inequality in Spanish. **Linguistic Society of America**, v. 26, n. 1, p. 28-62, 1950.
- _____. Addenda to the comparison of inequality in Spanish. **Linguistic Society of America**, v. 29, n. 1, p. 62-66, 1953.
- BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**, Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999.
- BOWERS, J. **Adjectives and adverbs in English**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1968.
- BRESNAN, J. The syntax of the comparative clause construction in English. **Linguistic Inquiry**, v. 4, n. 3, p. 275-343, 1973.
- BRITO, A. M. **A sintaxe das orações relativas em português**. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, 1988.
- _____. Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français. **Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série Línguas e Literaturas**, v. 10, p. 25-53, 1993.
- _____. Categorias sintácticas. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 323-432.
- BRUCART, J. M. **La elisión sintáctica en español**. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1987.
- _____. Adición, sustracción y comparación; un análisis composicional de las construcciones aditivo-sustractivas del español. In: MIRET, F. (ed.). **Actas del XXII**

Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica. Tübingen: Max Niemeyer, 2003. p. 11-60.

CARNIE, A. **Syntax: a generative introduction.** 2. ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008. v. 2: Classes de palavras e processos de construção.

_____. KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009. v. 3: A construção da sentença.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

_____. On wh-movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). **Formal syntax.** New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

_____. **Barriers.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1986.

_____. **Lectures on government and binding.** Dordrecht: Foris Publications, 1988.

_____. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.). **The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1993.

_____. **The minimalist program.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

_____. **Beyond explanatory adequacy.** Cambridge, MA: The MIT Press, 2001.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective.** New York: Oxford University Press, 1999.

_____. Issues in adverbial syntax. **Lingua**, v. 114, p. 683-710, 2004.

_____. The semantic classification of adjectives. A view from syntax. **Studies in Chinese Linguistics**, v. 35, n. 1, p. 3-32, 2014.

COLAÇO, M. Omissão de material idêntico em estruturas coordenadas: eclipse vs ATB. **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2006. p. 261-271.

CORVER, N. **The syntax of left branch extractions.** Doctoral Dissertation, Katholieke Universiteit Brabant, 1990.

_____. *Much*-support as a last resort. **Linguistic Inquiry**, v. 28, n. 1, p. 119-164, 1997a.

_____. The internal syntax of the Dutch extended adjectival projection. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 15, p. 289-368, 1997b.

CRESSWELL, M. The semantics of degree. In: PARTEE, B, H. (ed.). **Montague grammar**. New York: Academic Press, 1976. p. 261-292.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DIETERICH, T.; NAPOLI, D. J. Comparative 'rather'. **Journal of Linguistics**, v. 18, p. 137-165, 1982.

DINIZ, V. R. **Construções comparativas no português brasileiro**: uma análise sintática. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2018.

DOETJES, J. **Quantifiers and Selection**. Doctoral Dissertation, University of Leiden, 1997.

DOETJES, J.; NEELEMAN, A.; van de KOOT, J. Degree expressions and the autonomy of syntax. **UCL Working Papers in Linguistics**, v. 10, p. 323-368, 1998.

DONATI, C. Comparative clauses as free relatives: a raising analysis. **Probus**, v. 9, p. 145-166, 1997.

GALLEGO, A. J. Preposiciones de trayectoria y estructuras comparativas. In: SÁEZ, L.; SÁNCHEZ LÓPEZ, C. **Las construcciones comparativas**. Madrid: Visor Libros, 2013. p. 225-253.

GROU, A.; HORVATH, J. Reply to Bhatt and Pancheva's "Late merger of degree clauses": The irrelevance of (non)conservativity. **Linguistic Inquiry**, v. 37, p. 457-483, 2006.

GUÉRON, J.; MAY, R. Extraposition and logical form. **Linguistic Inquiry**, v. 15, p. 1-31, 1984.

GUIMARÃES, M. R. **Dos intensificadores como quantificadores**: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil. Tese de Doutorado, UFPR, 2007.

HANKAMER, J. Why there are two than's in English. In: CORUM, C.; SMITHSTARK, T. C.; WEISER, A. (ed.). **Papers from the 9th regional meeting of the Chicago Linguistics Society**. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1973a. v. 3, p. 179-191.

_____. Unacceptable Ambiguity. **Linguistic Inquiry**, v. 4, n. 1, p. 17-68, 1973b.

HEIM, I. **Notes on comparatives and related matters**. University of Texas, 1985. Manuscrito.

_____. Degree operators and scope. **The Proceedings of SALT**, v. 10, p. 40-64, 2000.

HELLAN, L. **Toward an integrated analysis of comparatives**. Tübingen: Narr, 1981.

HENDRIKS, P. The coordination-like structure of comparatives. **Linguistics in the Netherlands**, v. 8, n. 1, p. 41-50, 1991.

_____. **Comparatives and categorial grammar**. Doctoral Dissertation, University of Groningen, 1995.

HENDRIKS, P.; HOOP, H. Optimality theoretic semantics. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, p. 1-32, 2001.

HIGGINBOTHAM, J. On semantics. **Linguistic Inquiry**, v. 16, p. 547-594, 1985.

IZVORSKI, R. A solution to the subcomparative paradox. In: CAMACHO, J.; CHOUËIRI, L.; WATANABE, M. (ed.). **The Proceedings of WCCFL 14**. Stanford: CSLI Publications, 1995. p. 203-219.

JACKENDOFF, R. **X'-syntax**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1977.

KENNEDY, C. **Projecting the adjective**: the syntax and semantics of gradability and comparison. Doctoral Dissertation, University of Santa Cruz, 1997.

_____. Comparative deletion and optimality in syntax. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 20, n. 3, p. 553-621, 2002.

KLEIN, E. Comparatives. In: von STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (ed.). **Semantik: ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung**. Berlin: Walter de Gruyter, 1991.

LARSON, R. Scope and comparatives. **Linguistics and Philosophy**, v. 11, n. 1, p. 1-26, 1988a.

_____. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988b.

LECHNER, W. **Comparatives and DP-structure**. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, 1999.

_____. Reduced and phrasal comparatives. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 19, n. 4, p. 683-735, 2001.

_____. **Ellipsis in comparatives**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2004.

_____. Comparative deletion. In: van CRAENENBROECK, J.; TEMMERMAN, T. (ed.). **The Oxford Handbook of Ellipsis**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

LOPES, O. L. F. **Gramática simbólica do português**. 2. ed. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972.

LOBO, M. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português**. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, 2003.

MARQUES, R. **Para uma semântica das construções comparativas em português**. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2003.

_____. Construções de grau. In: RAPOSO, E. P. et al. **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 2, p. 2139-2173.

MATOS, G. **Construções de elipse do predicado em português**: SV nulo e despojamento. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 1992.

_____. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 549-592.

_____. Elipse. In: RAPOSO, E. P. et al. **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 2, p. 2351-2386.

MATOS, G.; BRITO, A. M. On the syntax of canonical comparative constructions in European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 1, p. 41-81, 2002.

_____. Construções de graduação e comparação. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 729-766.

_____. Comparative clauses and cross linguistic variation: a syntactic approach. **Empirical Issues in Syntax and Semantics**, v. 7, p. 307-329, 2008.

McCRAWLEY, J. **Grammar and meaning**. New York: Academic Press, 1976.

_____. **The syntactic phenomena of English**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988. v. 2.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. V. **Novo manual de sintaxe**. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2010.

MOLTMANN, F. **Coordination and comparatives**. PhD Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1992.

MORETTI, G. B. **L'italiano come prima o seconda lingua nelle sue varietà scritte e parlate**. 5. ed. Perugia: Guerra Edizioni, 2006.

NAPOLI, D. J. Comparative ellipsis: a phrase structure analysis. **Linguistic Inquiry**, v. 14, n. 4, p. 675-694, 1983.

NAPOLI, D. J.; NESPOR, M. Comparative structures in Italian. **Linguistic Society of America**, v. 62, n. 3, p. 622-653, 1986.

NEELEMAN, A.; van de KOOT, J.; DOETJES, J. Degree expressions. **The Linguistic Review**, v. 21, p. 1-66, 2004.

NEVES, M. H. de M. As conjunções comparativas. As construções comparativas. In: _____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. p. 893-913.

NEVES, M. H. de M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008. v. 2, p. 937-1015.

OSBORNE, T. Comparative coordination vs. comparative subordination. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 27, p. 427-454, 2009.

PASTOR, A. **La frase de grado compleja con adjetivos en español**. Tese de Doutorado, Universidad Autónoma de Madrid, 2004.

_____. Split analysis of gradable adjectives in Spanish. **Probus**, v. 20, p. 257-300, 2008a.

_____. La nuclearidad y las construcciones de grado adjetivas. **Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**, v. 46, n. 1, p. 29-53, 2008b.

_____. Predicative degree constructions in Spanish. **Probus**, v. 22, p. 27-71, 2010.

PERES, J. A. Sobre conexões proposicionais em português. In: BRITO, A. M.; OLIVEIRA, F.; LIMA, I. P.; MARTELO, R. M. (org.). **Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes**. Porto: Campo das Letras, 1997. p. 775-787.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

_____. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PHILIPPOVA, T. Ellipsis in the phrasal comparative: evidence from correlate constraints. In: LAMONT, A.; TETZLOFF, K. A. (ed.). **Proceedings of the 47th Annual Conference of the North East Linguistic Society (NELS 47)**. Amherst, MA: GLSA Publications, 2017. p. 1-14.

PINKHAM, J. **The formation of comparative clauses in French and English**. Doctoral Dissertation, Harvard University, 1982a.

_____. The rule of comparative ellipsis in French and English. **Papers from the 18th regional meeting of the Chicago Linguistics Society**. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1982b. v. 18, p. 440-452.

_____. On comparative ellipsis. **Linguistic Analysis**, v. 13, p. 183-193, 1984.

QUIRK, R. et al. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Libros, 2009.

REINHART, T. Elliptic conjunctions - non-quantificational LF. In: KASHER, A. (ed.). **The Chomskian Turn**. Cambridge: Blackwell, 1991. p. 360-384.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

ROMERO CAMBRÓN, A. Sobre una construcción doblemente comparativa: la gradativa de alteridad. **Anuario de Letras de Méjico**, v. 36, p. 205-233, 1998.

ROSS, J. R. **Constraints on variables in syntax**. Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1967.

SÁEZ, L. Cuantificadores y sintagmas de medida. In: CATALÀ, N.; BARGALLÓ, M. (ed.). **The Proceedings of the Fourth Colloquium of Generative Grammar**. Tarragona: URiV, 1997. p. 162-186.

_____. Los cuantificadores: las construcciones comparativas y superlativas. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**, Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999. p. 1129-1188.

SÁEZ, L.; SÁNCHEZ LÓPEZ, C. Las construcciones comparativas. Estado de la cuestión. In: _____. **Las construcciones comparativas**. Madrid: Visor Libros, 2013. p. 13-173.

SAID ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. (Trabalho original publicado em 1931).

SÁNCHEZ LÓPEZ, C. Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**, Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999. p. 1025-1128.

_____. **El grado de adjetivos y adverbios**. Madrid: Arco-Libros, 2006.

SAPIR, E. Grading: a study in semantics. **Philosophy of Science**, v. 11, p. 93-116, 1944.

SOUZA, L. M. **A semântica da comparação**: alguns problemas levantados pelas comparativas com predicados verbais. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2006.

_____. **Comparativas quantificacionais no português brasileiro**: sintaxe e semântica. Tese de Doutorado, UFSC, 2010.

SOUZA, L. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Aspectos da semântica da comparação metalingüística. In: CELSUL, 8, 2008, Porto Alegre. **Anais do CELSUL 2008**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 1-9.

STASSEN, L. The comparative compared. **Journal of Semantics**, v. 3, n. 1, p. 143-182, 1984.

_____. **Comparison and universal grammar**. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

_____. Comparative constructions. In: HASPELMATH, M. et al. (ed.). **The world, atlas of language structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 490-493.

von STECHOW, A. Comparing semantic theories of comparison. **Journal of Semantics**, v. 3, n. 1, p. 1-77, 1984.

WHITE, J. Syntax-LF mapping and the internal structure of comparatives. **UCL Working Papers in Linguistics**, v. 10, p. 489-508, 1998.

ZAMPARELLI, R. **Layers in the Determiner Phrase**. New York: Routledge, 2000.

ZWARTS, J. A degree-based semantics for bare positive adjectives. In: MEAD, J. (ed.). **The Proceedings of WCCFL 11**. Stanford: CSLI Publications, 1993. p. 539-552.